

ABEL VARZIM

COMUNISMO

S.E.T.
1949



Legado
Prof. D. Maria Elsa Anjo
B.M.B.

P.^e ABEL VARZIM

Comunismo



Revista

S. E. T.
RUA GOMES FREIRE, 30 — LISBOA
1949

3558

NIHL OBSTAT

Lisboa, 12 de Novembro de 1948

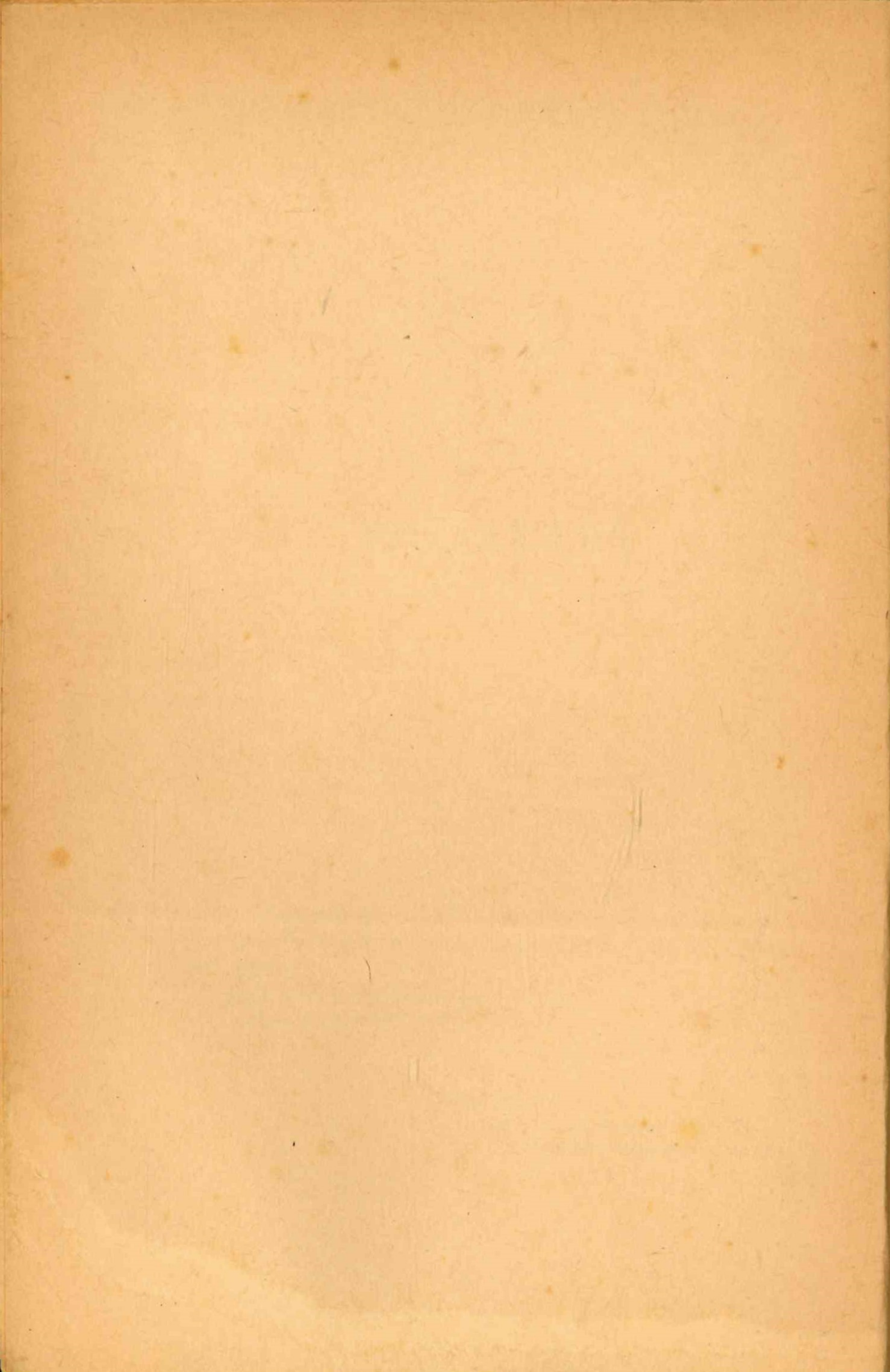
Mgr. Avelino Gonçalves

IMPRIMATUR

Lisboa, 13 de Novembro de 1948

† MANUEL, *Bispo de Helenópolis*

PREFÁCIO



Certas campanhas anti-comunistas poderiam comparar-se a um moinho de vento, de velas inchadas pela nortada agreste, que rolasse, rolasse muito, mas não tivesse grão para moer. Vendo-as altivas, em rodopio arfante, quem nos diria que as pobres velas em vão rolavam, e, de tanto labor, nada mais ficava do que o desgaste das mós que deviam moer, mas não moiam?

Lamentoso desgaste o daqueles que, não conhecendo o comunismo nem se dando ao trabalho de o estudar, contra ele se debatem, à semelhança do moleiro daquele moinho que não moia.

O comunismo é diabólica tentação. E não foi dado aos homens outro nome senão o de Jesus, com que possam vencer Satanaz. Para destruir o comunismo, é necessário que o moinho tenha grão para moer. Haverá quem se ofereça para ser o trigo redentor? — «Pedro, Pedro, eis que Satanaz vos reclamou para vos joeirar como ao trigo; Eu, porém,

roguei por ti para que não desfaleça a tua fé: uma vez regressado, confirma os teus irmãos». (¹)

Porque motivo não pediu antes o Senhor que os seus apóstolos fossem libertos do poder de Satanaz? Porque se limitou Ele a suplicar que não fraqueje a sua fé, entregando-os assim ao furor demoníaco que os iria impiedosamente joeirar como ao trigo? É que o perigo, o grande perigo, não está em serem os Apóstolos perseguidos e esmagados. Milhares e milhares deles o têm sido e, precisamente por isso mesmo, não tem faltado o pão aos pequeninos. O desastre, o verdadeiro desastre, é o desfalecimento da Fé, porque então, já não pode haver Apóstolos, já não pode haver trigo que impeça os homens de morrer de fome, da negra fome do infinito.

E este desastre é temeroso em nossos dias, mais do que nunca certamente, porque a expansão do

(¹) Lucas, XXII, 31-32.

comunismo exigiria dos cristãos essa grande Fé, que, infelizmente, f[r]aqueja.

Podemos avaliá-lo pela extensão de dois sintomas alarmantes. Um, o laicismo de que se orgulham muitos anti-comunistas que se arvoram até em zelosos católicos; outro, a inconsciência de bastantes cristãos que, confundindo comunismo com reivindicações sociais ou estas com aquele, chegam a considerar comunista ou comunizante a própria doutrina oficialmente sancionada e preconizada pela Igreja.

Detenhamo-nos um pouco no exame destas duas ameaças internas do prestígio e da eficiência da religião.

Publicou-se recentemente em Coimbra uma tradução de Berdiaeff sobre «O Marxismo e a Religião». Deixando de lado a insuficiência do estudo do aliás notável escritor russo, fixemo-nos no Prefácio que antecede a tradução.

O seu autor faz profissão de catolicismo. Re-

conhece que «só o cristianismo surge como adversário à altura do comunismo ateu» ⁽¹⁾, que «só Cristo pode triunfar do anti-Cristo» e que a divinização do homem só pode efectivar-se «mediante Cristo, cabeça do Corpo Místico de que o homem é uma participação limitada».

Dir-se-ia estarmos em presença de um excelente catolicismo, que não pede mais do que ser vivido, para sair triunfante do adversário. Nisso só teríamos que dar abundantes graças a Deus.

Infelizmente o contexto faz-nos cair a alma aos pés! Falando, com efeito, do catolicismo liberal — aliás inadquadamente — vemos reeditar a peste danada do laicismo, daquele mesmo laicismo, que, se não é fruto do próprio catolicismo liberal herdeiro

⁽¹⁾ A expressão não é feliz. O comunismo é que é o adversário, e não o cristianismo, que é a luz do mundo contra a qual as «trevas» se levantam.

do idealismo de Kant, só o pode ser do idealismo estatista de marca Hegel.

Para o autor do Prefácio são duas as causas da virulência do campo de cultura do comunismo: o capitalismo, por um lado; os Bispos e os Papas, por outro. O primeiro, porque «oferece o desolador panorama de uma hierarquia injusta e ilógica, com nítido pendor oligárquico que leva à plutocracia...» Os segundos... Os segundos, mas o melhor é transcrever:

«O facto de os representantes do poder espiritual se terem esquecido, tantas vezes, de cumprir a sua missão pelo que diz respeito à assistência aos humildes, e ainda este outro facto de, frequentemente, se aliarem com as forças do capitalismo e do poder temporal no desrespeito ou esquecimento dos mais sagrados imperativos divinos — e a religião resume-se na caridade — contribuiu muito para a con-

densação do «clima» revolucionário em que se geram ou podem gerar todos os atropelos e todas as inversões, ainda as mais monstruosas, quais sejam as do materialismo económico». (pág. 18 e 19).

É claro que, para chegar a tais conclusões, há que fazer tábua rasa dos grandes Pontífices — dos maiores que a Igreja tem tido — desde Leão XIII a Pio XII, e da brilhante acção social, que toda a gente de boa fé admira incluindo ateus e até comunistas, do Pontificado romano. Como tábua rasa se faz dos milhares de documentos dimanados, nos últimos 50 anos, dos «representantes do poder espiritual» em todo o mundo, e da brilhantíssima acção social, orientada e chefiada pelos próprios Bispos em quase todas as nações cristãs. Tábua rasa igualmente desses admiráveis e fecundos movimentos de juventude operária, agrária, marítima, universitária que fazem o espanto de todos os observadores im-

parciais, bem como da impressionantíssima acção social e assistencial da Hierarquia católica e dos católicos chefiados por ela, em todos os países em que o Estado não impediu a Igreja de realizar a sua obra de amor do próximo, de justiça social e de caridade fraterna.

Mas não admira que o laicismo assim julgue a Hierarquia, se o veneno liberal é tamanho que chega ao ponto de se acusar o próprio Santo Padre Pio XII, felizmente reinante, de culpado da mais escandalosa mistificação doutrinária da nossa idade!!!

Mas o melhor é também transcrever: «Identificação de contrários sob o signo da mais escandalosa mistificação doutrinária da nossa idade, a propedêutica do catolicismo liberal só pode converter-se ou regressar à própria fonte límpida do Evangelho quando da cátedra do Vaticano Pio XII repetir, corajosa e indefectivelmente, a palavra autorizada do magistério de Pio IX. Hora de confusões e de

receios, esta hora em que se cruzam tantos caminhos e se cometem tantos atropelos!»

Pio XII assim apontado ao mundo anti-comunista como infiel ao pensamento evangélico, chefiando uma corrente doutrinária perigosa, mistificadora, irmã talvez do próprio comunismo, eis a lógica conclusão a que leva o orgulho intelectual da moça geração!

Sim, porque o Prefácio não valeria a pena de uma referência, se não fosse, por demais, o triste reflexo duma mentalidade liberal — desconhece-se que o liberalismo religioso provém de Kant, que gerou Fichte, que gerou Hegel, que gerou Marx, desse mesmo Kant que gerou Nietzsche, que gerou Hitler e todos os estatismos modernos? — se não fosse o reflexo, íamos dizendo, duma certa mentalidade de católicos, sobretudo jovens, que se levantam em julgadores dos Bispos e dos Papas, os comentam sem respeito, como se a eles — incautos

e ignorantes juizes! — tivesse sido entregue pelo Senhor a missão de ensinar e governar a Igreja!

O ardor com que «defendem» o catolicismo e, do mesmo passo, atacam aqueles a quem o Espírito Santo colocou no mundo como Coluna e Firmamento da Verdade, demonstra bem que espécie de obra estão realizando de indisciplina e enfraquecimento dessa mesma Igreja que reconhecem — sinceramente? — ser a única realidade com força bastante para vencer o comunismo.

E perguntamos: sinceramente? — porque não compreendemos como possa escrever-se no mesmo prefácio, e até na mesma página, (página 10) que «apenas a mística do cristianismo conseguirá debelar» o poder ameaçador do imperialismo eslavo, e se inquirir imediatamente a seguir: «exceptuando o frágil baluarte da Península, onde existem verdadeiramente, as forças capazes de enfrentar, com decisão, a ameaça do marxismo leninista?»

Se «apenas a mística do cristianismo é capaz de debelar» o *mal* (pág. 10), se «só o cristianismo surge como adversário à altura do comunismo ateu» (pág. 12), se «só Cristo pode triunfar do anti-Cristo» (pág. 10), só na *Península* é que existe *mística cristã, cristianismo, e Cristo?!*

O outro perigo, isto é, a «inocência» com que se acusa de comunista a própria doutrina da Igreja, e de comunistas ou simpatizantes do comunismo os defensores ou realizadores das encíclicas sociais, dissemos, é causa de descrédito da religião. Esta aparece, com efeito, aos olhos do povo como inimiga de todo o progresso social. Por outro lado, um tal juízo apenas reflecte uma lastimável ignorância do comunismo, que não se confunde nem pode confundir-se com reivindicações sociais. No comunismo, o social é um mero acidente, ou melhor, um meio ocasional de propaganda, como veremos. A essência do comunismo está noutro ponto. E é

esse que urge divulgar, a ver se acabam de vez tantos mal entendidos, filhos da mais crassa ignorância dos grandes problemas modernos.

Que este livro, escrito apenas com a pretensão de ser acessível aos próprios operários desconhecadores da filosofia, possa contribuir para esclarecer quem deseja ser esclarecido, e auxiliar os homens de boa vontade a encaminhar-se para aquela renovação cristã sem a qual todo o anti-comunismo será moinho que roda, roda, roda, mas não moil!

A arrumação das ideias, na parte que respeita a doutrina comunista, foi-nos facilitada por uma pequena brochura, do Comité d'études sociales e doctrinales, editada por Charles Haumont, Paris, em 1946.

Ao ignorado autor da preciosa brochura o nosso reconhecimento pelo muito que nos ajudou.

Lisboa, Festa de S. Miguel de 1948.

PERSPECTIVA . . .

«No que respeita ao advento de Nosso Senhor Jesus Cristo e à nossa reunião com Ele, peço-vos, irmãos, que vos não deixeis facilmente alarmar por qualquer espírito (carisma) ou por qualquer palavra ou carta supostamente vindas de mim, como se o dia do Senhor estivesse iminente.

«Que ninguém vos seduza de nenhuma maneira! Porque antes disso produzir-se-á a *apostasia* e se manifestará o homem de pecado, o filho da perdição, o Adversário, aquele que se ergue contra tudo o que é Deus ou objecto de culto, levando o seu atrevimento até sentar-se em pessoa no templo de Deus, fazendo-se ele mesmo Deus. Não vos lembrais de que vos dizia estas coisas enquanto estive no meio de vós?

«Agora já conheceis o que o impede de se revelar no seu tempo. Porque o *mistério de iniquidade* já está em acção. Simplesmente existe aquele que o retém, enquanto não tiver sido posto de lado.

«Então se produzirá a revelação do ímpio, que o Senhor Jesus destruirá com o sopro da sua boca, aniquilando-o com o esplendor da Sua Vinda. O iníquo, na sua aparição, será acompanhado, pelo poder de Satanaz, de toda a espécie de «milagres», de sinais e de prodígios mentirosos com todas as seduções da iniquidade para aqueles que se perdem por não abrirem o coração ao amor da verdade que os teria salvo. Eis porque Deus lhes envia uma potência de sedução que os leve a acreditar na mentira, para que sejam julgados (condenados) todos aqueles que, em vez de acreditar na Verdade, se comprazem na iniquidade». (II Tess. II, 1-12).

Esta breve carta de S. Paulo aos cristãos de Tessalónica, não foi escrita apenas para os fortalecer na Fé que ele mesmo lhes tinha transmitido, mas, ultrapassando o seu destino imediato, foi deixada a todo o mundo cristão, sobretudo aos fiéis do tempo da *grande apostasia*, em prevenção dos gravíssimos perigos que os hão-de ameaçar.

O próprio Jesus Cristo se afligiu com a extensão e malícia da mesma apostasia. Ao anunciar, com efeito, os acontecimentos do fim dos tempos, o Mestre avisou-nos solenemente de que não deveríamos acreditar nos prodígios dos falsos profetas nem nos «milagres» do Anti-Cristo (*confronte, Mateus XXIV, 15 e seguintes*): se vos disserem que ali ou acolá está Cristo, não acrediteis. A apostasia final será, segundo o próprio Senhor o revelou, a

«abominação da desolação», anunciada pelo Profeta Daniel. Os cristãos, amortecida a primitiva fé, deixar-se-ão seduzir pelo erro e pela mentira, a tal ponto que Jesus Cristo pergunta, angustioso, se, quando voltar, ainda encontrará Fé sobre a terra (*Lucas, XVIII, 8*).

A iniquidade, esclarece S. Paulo, actua desde sempre, mas a sua obra aparece envolta em mistério — o mistério da iniquidade — até ao momento em que, afastado o obstáculo que o retém, o Adversário apareça claramente à luz do dia, sentando-se no próprio santuário de Deus, fazendo-se passar ele mesmo por Deus, mercê do poder de ilusão, e dos grandes prodígios que realizará, pelo poder de Satanaz. ⁽¹⁾.

S. Paulo, com esta passagem apocalíptica da segunda Carta aos Tessalonicenses, rasgou algum tanto o espesso véu do futuro da História humana. No fim dos tempos, «produzir-se-á a apostasia».

⁽¹⁾ Os melhores comentadores modernos, na traça de alguns Santos Padres, são de opinião que o Adversário não será uma pessoa singular, mas antes uma *colectividade*, chefiada por vários indivíduos, sucessivamente. Esta opinião concorda inteiramente com S. Mateus: «surgirão falsos profetas que induzirão muitos em erro... e falsos messias...» (*Mat. XXIV, 11-12 e 24*), e com S. João (*Epístolas e Apocalipse*). Bonsirven, no seu livro *Épîtres de saint Jean*, pág. 60, comenta: «o nome (o anti-Cristo) parece designar mais uma força colectiva do que uma pessoa definida». Importa fixar esta opinião, hoje comum.

São demasiadamente palpáveis os sintomas de uma grande crise de Fé, que se vem acentuando lentamente desde a Reforma. A filosofia racionalista, que dela deriva em linha recta, pode muito bem marcar o princípio da rebelião. O idealismo de Kant e sobretudo o de Hegel, filhos directos do racionalismo cartesiano, podem ter-se já como apostasia declarada. São contudo os discípulos de Hegel quem propaga a diabólica negação: Heine, Fichte e Karl Marx por um lado; Schopenhauer, Nietzsche e Rosemberg por outro.

As massas populares, apaixonadas pelo nacional-socialismo ou pelo comunismo, vêm dar à apostasia intelectual dos filósofos modernos realidade prática e perturbadora extensão, de tal maneira que não será ousadia nem temeridade descobrir nestas duas concepções do mundo e da vida, a obra palpável do Adversário, do Ímpio, na preparação da gigante e colectiva apostasia.

Será esta a apostasia final, revelada pelas escrituras como um dado de fé?

Sem querer pronunciar-nos de maneira nenhuma sobre o problema, não podemos contudo deixar no esquecimento os impressionantes sintomas dos nossos tempos: a supremacia do económico sobre o social e ainda mais sobre o espiritual; o desprezo do sobrenatural e a «desvalorização» da graça; o culto do que chamam «a vida» e das sensações fortes; o assustador prestígio da mentira, igualada na escala

dos valores à verdade, ou melhor, a própria negação da existência da verdade e da mentira, do bem e do mal; a veneração do orgulho, e a crença sempre crescente no super-homem hitleriano ou comunista; a divinização da força e da acção como única realidade criadora; o ateísmo, ou melhor, o anti-teísmo (anti-Deus) militante e altivo; o sarcasmo e a blasfémia contra tudo o que é divino ou evangélico; o desenvolvimento consciente do anti-Corpo Místico de Cristo, que a Franco-maçonaria com tanto ardor vem formando há tanto tempo, etc. ...

O mundo não só se vai preparando a largos passos para o advento do Adversário, de que fala S. Paulo, do Anti-Cristo de que fala, por sua vez, S. João, mas até suspira por ele, e por ele chama pela boca de Nietzsche e de todos os que — legião — aderiram à sua filosofia da exaltação dos «homens fortes», de inspiração nitidamente satânica. Leia-se a seguinte passagem do filósofo do super-homem:

(Para transformar o niilismo do mundo actual), «seria necessário um género de espíritos diferentes dos actuais, espíritos fortalecidos para a guerra e para a vitória, em quem a conquista, as aventuras, o perigo e a dor fossem necessidades; seria necessário o ar vivo e ligeiro das alturas e das neves perpétuas; seria necessária uma malícia sublime e consciente, a malícia da saúde plena; seria necessária, e é triste dizê-lo, uma grande saúde. Mas é hoje isto possível?... Contudo numa época qualquer, em algum

tempo mais robusto do que o actual, será necessário que venha este homem *redentor* ⁽¹⁾ do grande amor e do grande desprezo, este espírito criador cuja força de impulso o *fará* ir cada vez mais longe de todo o sobrenatural, o homem cuja solenidade será menosprezada pelos povos como se fosse uma fuga: este homem há-de profundar, há-de abismar-se, há-de enterrar-se na realidade para ressuscitar um dia e redimi-la da maldição que o ideal do presente fez pesar sobre ela. Este homem do futuro que nos há-de libertar do ideal do presente e da sua natural consequência, o grande tédio, o niilismo; este sol do Meio-dia e do grande juízo; este salvador da vontade, que há-de restituir ao mundo a sua fidelidade, e a sua esperança; este anti-niilista, este vencedor do nada, é necessário que venha um dia...

«Mas, quem me manda falar assim? Basta, basta!

«Aqui devo guardar silêncio, porque invadiria um terreno que está reservado a outro mais novo do que eu, a outro de mais futuro, a outro mais forte do que eu; refiro-me a *Zaratustra, Zaratustra, o ímpio!*» ⁽²⁾.

★

Dezanove séculos depois, o poeta do Super-homem faz eco a S. Paulo, exigindo a vinda daquele que o Apóstolo anunciara como o «Adversário que se ergue contra tudo o que é Deus ou objecto de

⁽¹⁾ Os sublinhados são do próprio Nietzsche, e convém meditar neles, confrontando-os com a profecia de S. Paulo.

⁽²⁾ *Nietzsche*, Genealogia da Moral, dissertação segunda, n.ºs XXIV e XXV.

culto, levando o seu atrevimento até sentar-se no próprio templo de Deus, fazendo-se ele próprio Deus»...

«Nós não queremos entrar no reino dos céus; tornamo-nos homens: *por isso mesmo queremos o reino da terra*» ⁽¹⁾.

«Quem terá de vir um dia, e não de passagem? O nosso grande acaso: é esse o nosso grande e longínquo Reinado do Homem, o reinado de Zaratustra que dura mil anos...» ⁽²⁾.

«Basta de semelhante Deus! Vale mais não ter nenhum, vale mais cada qual criar os destinos ao seu capricho, vale mais ser doido, vale mais sermos nós mesmo deus!» ⁽³⁾.

★

O comunismo é o contra-evangelho, a macaqueação demoníaca de todo o mistério divino e do corpo místico de Cristo.

Enquanto muitos se preocupam apenas com a sua face económico-social que não tem mais do que um interesse meramente secundário, o *Ímpio*, a coberto

⁽¹⁾ *Id.* Assim falava Zaratustra, ed. portug. de Guimarães e C.^a, pág. 317. O sublinhado é do Autor.

⁽²⁾ *Id.* — *id.*, *id.* pág. 241. Estranha coincidência a promessa de Hitler de trazer a paz ao mundo durante mil anos!

⁽³⁾ *Nietzsche*, Assim falava Zaratustra, edic. cit., pág. 263.

da ignorância geral sobre o comunismo, vai realizando a *sua* obra, bem mais trágica, do aniquilamento de Deus na alma das multidões. É a tática já conhecida do Adversário: «camuflar-se», iludir, para triunfar.

Desmascará-lo, diz Santo Inácio nos seus «Exercícios», é vencê-lo. Contribuindo para esta obra absolutamente necessária de o desmascarar, talvez muitos cristãos compreendam finalmente que, a pretexto de combater o comunismo, estão afinal a fazer-lhe o jogo. Com efeito, o combate ao comunismo, não é o combate a um homem, a um império humano, a uma doutrina económico-social ou a uma filosofia política. Se o fosse, talvez pudesse ser derrotado por meios puramente humanos, isto é, com armas iguais às dele.

Produto demoníaco, o comunismo só poderá ser vencido por forças superiores às das potências infernais. E essas só as possui Cristo.

Também aqui S. Paulo nos adverte com meridiana clareza: «Fortificai-vos, irmãos, no Senhor e na sua virtude toda poderosa. *Revesti-vos da armadura de Deus* para poderdes resistir aos embustes do diabo. Porque não temos de lutar contra a carne e contra o sangue, mas contra os principados e as potências, contra os príncipes deste mundo de trevas, contra os maus espíritos espalhados pelos ares. Eis porque deveis tomar a armadura divina, a fim de poderdes resistir *no dia mau*, e ficar de pé, alcan-

gando completa vitória. De pé, portanto! os rins cingidos com o cinturão da Verdade, revestidos da couraça da Justiça, os pés calçados do zelo do Evangelho de paz, armados também do escudo da Fé contra o qual virão extinguir-se os jactos inflamados do Maligno ⁽¹⁾. Tomai ainda o capacete da salvação e a espada do espírito que é a palavra de Deus, orando a todo o tempo em espírito por toda a sorte de orações e de súplicas». (*Efes. VI, 11-18*).

As armas que podem vencer o comunismo — porque a batalha não é contra a carne e o sangue — são as indicadas por S. Paulo: a *Verdade*, a *Justiça*, o *Zelo do Evangelho*, a *Fé*, a *Palavra de Deus* e a *Oração*. Por outras palavras, o comunismo vencer-se-á apenas por um movimento de regresso à pureza da vida cristã tal qual a praticaram os primeiros cristãos, e uma fé inabalável na «loucura» criadora do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, único capaz de destruir o Adversário com o sopro da sua boca.

(¹) S. Paulo serve-se de imagens guerreiras de então. Salústio conta que, no cerco de Zama, os soldados de Metelo foram desnorteados e repelidos por dardos untados de pez e de enxofre inflamados, lançados do alto das muralhas.

FALSA VISÃO

Para grande número de almas simples, o comunismo é um regime de vida social em que os bens deste mundo e o trabalho necessário para os produzir são repartidos igualmente. Ou então um regime de justiça *vingativa* em que se privam os gozadores da vida do seu excesso de privilégios, para os distribuir por aqueles que têm até agora suportado os rigores do trabalho e da miséria.

Visto assim, o comunismo tem certo atractivo para os miseráveis e para os ambiciosos incompetentes. A campanha anti-comunista, baseada nesta maneira de entender o comunismo, torna-se, porém, ineficaz. São os argumentos de que, na U. R. S. S., há engenheiros com grossos ordenados enquanto que o simples trabalhador vive como dantes na miséria; é a célebre história da bengala: os de cima passaram para baixo, os de baixo para cima, e a grande massa da classe média e dos operários ficou na mesma posição, porque o comunismo foi apenas a

revolução que pôs a bengala com a ponta para o ar; é ainda o sabidíssimo sarcasmo de que o comunismo é o regime em que o teu é meu, mas o meu não é teu, etc..

Para outros, o comunismo é o regime em que não existem mais nem propriedade nem família. Tudo é comum: propriedades, habitações, produtos industriais e agrícolas e outros bens da civilização. Encarando o comunismo desta forma, os argumentos anti-comunistas tomam forma sentimental: «ficais sem os vossos filhos e sem a vossa casa; as vossas filhas estão à mercê do primeiro esbirro que as reclame; o operário perde o direito à livre disposição do fruto do seu trabalho; nada subsiste do que chamamos hoje direitos humanos. Mas também aqui a propaganda é ineficaz por falhar inteiramente o alvo.

Para outros, o comunismo é mais complicado: um regime ditatorial que deseja suprimir a distinção de classes para fundar um mundo novo proletário, anti-capitalista e anti-religioso, que há-de proporcionar à humanidade o seu autêntico «paraíso» na terra, com todos os homens a gozarem de plenitude de bens materiais e espirituais que será possível obter pelo esforço comum, livre e atraente. Os anti-comunistas que se firmam nesta concepção do comunismo fazem a sua campanha com argumentos igualmente ineficazes: a U. R. S. S. é uma sociedade dominada pela força tirânica do partido, onde a liberdade indivi-

dual é suprimida, a tirania impera através da ferocidade da mais despótica polícia política, o regime de trabalho é de curso forçado, debaixo da ameaça constante da «supressão» pura e simples ou das deportações em massa; onde o tão prometido paraíso não passa afinal de um autêntico inferno bolchevista para quem não for do partido ou não pensar e agir como manda o partido.

Para um número mais reduzido de pessoas que leem mais alguma coisa, o comunismo é um regime de aplicação da doutrina económico-social do marxismo: a luta de classes e a supressão da religião e do capitalismo. Os argumentos anti-comunistas aparecem então com ares mais importantes de sabor... científico: a teoria do valor de Karl Marx está posta de lado pelos economistas; a tese do sobre-trabalho e da mais valia foi já desfeita pela ciência e pela experiência de cada dia; o materialismo histórico é uma mera afirmação que os conhecimentos históricos modernos reduziram às suas insignificantes proporções; numa palavra: o marxismo ruiu completamente, não sendo hoje o comunismo mais do que uma forma encapotada de um imenso imperialismo asiático que pretende abrir caminho para a conquista do mundo, apaixonando os ignorantes com a isca de reivindicações sociais irrealizáveis e de uma igualdade social mentirosa, mas atraente para os que nada possuem.

O comunismo aparece ainda com a capa da fra-

ternidade universal, lutando contra a guerra e contra as Pátrias, causa da guerra. Argumentam então que o seu pacifismo é mentiroso porque a U. R. S. S. é uma força militar poderosíssima, e que o seu internacionalismo não é mais do que simples propaganda para abrir as portas das nações ao domínio político da U. R. S. S..

Estas e outras maneiras de conceber o marxismo pecam todas da mesma ignorância da doutrina comunista. Quando muito, são apenas simples parcelas do comunismo, mas não o comunismo. Por isso mesmo, a campanha anti-comunista baseada em tal ignorância, é sempre inoperante, porque os autênticos comunistas riem-se dela e os que o não são ficam desprovidos de argumentos para resistir ao bolchevismo.

Há um argumento de propaganda anti-comunista, à primeira vista, mais eficaz: as transformações ideológicas e práticas por que tem passado o comunismo russo. Estas transformações provam que o comunismo primitivo se revelou utópico aos políticos realistas de Moscovo. E assim, se quiseram subsistir, tiveram necessidade de regressar às concepções tradicionais e às fórmulas capitalistas da economia — o que vem demonstrar a falsidade da teoria marxista-leninista do comunismo. Com efeito, à primitiva colectivização da produção sucedeu a admissão do comércio privado, da iniciativa particular e das pequenas explorações rurais e até

industriais sob forma capitalista; o primeiro regime de distribuição dos bens de consumo foi depressa substituído pela forma ocidental de remuneração do trabalho e de aquisição de bens necessários à vida, isto é, subsiste a moeda, o salário, a posse exclusiva de pequena propriedade.

O mesmo sucedeu à primitiva campanha anti-familiar e anti-religiosa: hoje os dirigentes do Kremlin reconhecem a necessidade da família e a sua incapacidade para destruir a ideia religiosa no povo. Tiveram de dar a mão à palmatória, o que demonstra não só a falsidade do comunismo (que já não existe nem sequer na U. R. S. S.), mas também a *inutilidade* de tão sangrenta revolução e de tantas perseguições. No pensar dos que vêem assim o comunismo, este já não tem razão de existir.

No entanto verificamos que, apesar do seu aspecto profundamente antipático para os nossos sentimentos e das profundas transformações por que tem passado, o comunismo, em lugar de se desacreditar, permanece sempre vigoroso e militante, abrindo caminho no meio dos povos, mesmo dos de maior tradição católica.

Porquê?

A razão é simples. O comunismo é uma filosofia que compreende uma concepção total do homem e do seu destino, e uma orientação também total da actividade humana. É um erro ver em Karl Marx

ou em Lenine simples agitadores das multidões. Antes de serem políticos ou chefes revolucionários, foram filósofos, escreveram grossos volumes sobre os problemas filosóficos. Foi da sua doutrina filosófica que saíram toda a estrutura do Estado bolchevista, toda a norma da acção militante do partido e todas as regras da actividade comunista. Tudo foi minuciosamente estudado, inclusivamente as transformações a que assistimos hoje na U. R. S. S..

A falta de cultura filosófica é que tem impedido de compreender o comunismo, as suas reacções e a sua enorme vitalidade expansiva.

Não imaginemos, porém, que a filosofia de Marx e de Lenine são criações meramente suas. Bem ao contrário, não são mais do que o remate de toda a filosofia moderna que, de Descartes, se lançou à tarefa de repelir Deus de entre os homens.

A filosofia moderna opõe-se, com efeito, a Cristo e a Deus, num acto de orgulho e de sobranceira auto-suficiência. É uma atitude de completa e consciente *recusa* a tudo o que é divino.

O marxismo, como desabrochamento lógico de toda esta filosofia, não é por isso, nem mais nem menos, do que uma concepção do mundo, do homem e da vida, em opposição, ponto por ponto, a todo o Evangelho e a toda a tradição. Libertar o mundo de Deus, constituir-se o homem como senhor absoluto dos seus próprios destinos, criar depois um homem novo dominador exclusivo dum mundo

refeito à estatura do «super-homem», eis a tarefa do marxismo. Fruto maduro da árvore racionalista, o marxismo aparece-nos assim como o mais completo anti-cristianismo, prodigioso sedutor das multidões, preparadas para o receber pelo desfalecimento da Fé.

Ninguém pode, por isso, compreender o comunismo nem a sua acção *transformadora* do mundo sem conhecer a posição filosófica moderna. Forçoso nos é, portanto, para dar uma ideia exacta do marxismo, conduzir os nossos leitores através da história da filosofia moderna.

Fá-lo-emos contudo, de maneira acessível, para que os próprios trabalhadores sem cultura possam perceber o alcance da doutrina que os solicita, e atingir a razão de ser da prodigiosa expansão do comunismo

Dirão talvez alguns: para quê agora a filosofia?

Recordemo-nos que todos os grandes movimentos históricos da humanidade foram fruto dos pensadores e dos filósofos. Assim a Idade-Média nasceu das concepções filosóficas cristãs; a Renascença, dos pensadores humanistas; o século XVII, de Descartes e de Jansenius; o século XVIII e a Revolução de 1789, dos «Filósofos»; a guerra da Alemanha contra Napoleão, do filósofo alemão Fichte; a guerra de 1914 nasceu de Hegel, como a guerra de 1939 nasceu de Nietzsche, e a próxima — Deus permita que não venha — nascerá de Marx.

São as ideias quem governa o mundo. Se à filosofia marxista se não opuserem concepções cristãs, o marxismo vencerá o mundo, embora a U. R. S. S. venha um dia a ser militarmente vencida.

Lancemo-nos, portanto, pacientemente à tarefa de estudar a filosofia marxista.

PENSAMENTO CRISTÃO

A filosofia marxista não poderá ser nunca compreendida se não se conhecer de antemão a que é que se opõe directamente: ao cristianismo. Mas também não a conseguiremos atingir sem o conhecimento prévio, ao menos sumário, da filosofia moderna, da qual o marxismo se pode considerar a derradeira conclusão.

Teremos, pois, de examinar a base fundamental das concepções cristãs, e os dados essenciais do pensamento moderno. Na exposição doutrinária, a que convidamos agora os nossos leitores, procuraremos utilizar apenas termos acessíveis aos menos cultos, uma vez que a eles sobretudo se dirige o marxismo.

★

A questão à volta da qual tudo roda, ou, como diz Schopenhauer, o problema em torno do qual

se move, desde Descartes, todo filosofar ⁽¹⁾ é o da origem das ideias, ou, em termos filosóficos, a distinção entre o real e o ideal.

Examinemos.

Que é uma *ideia*? Uma ideia é a simples *representação intelectual de um objecto*. Uma cadeira é um objecto. A ideia de cadeira é a representação que a inteligência faz desse objecto.

Objecto (cadeira, por exemplo) e *ideia* são portanto coisas distintas. Aquele existe *fora de nós*. A ideia essa existe *em nós*.

E como se formam as ideias na nossa inteligência?

Segundo Aristóteles e toda a filosofia tradicional, os objectos produzem nos nossos sentidos (vista, ouvido, tacto, olfacto ou gosto) uma impressão, à semelhança de um sinete que modula a sua forma no lacre ou na cera. O *objecto* não se une, *na sua realidade material*, ao sujeito, mas apenas por uma acção especial representativa do objecto.

Exemplifiquemos para melhor compreensão: o sinete deixa no lacre aquecido a impressão da sua forma, sem deixar nele o metal de que é feito. Esta impressão é contudo de tal natureza que, por ela, nós reconhecemos o sinete que gravou o lacre, e conhecemo-lo tal qual é. Assim, os objectos impres-

(1) *Schopenhauer*, Esboço de história da teoria do real e do ideal, trad. de Vieira de Almeida, Atlântida, pág. 45.

sionam os nossos sentidos sem se unirem a eles, mas deixando neles uma *impressão* exacta do próprio objecto.

Os sentidos, porém, não são meramente passivos como o lacre, mas *activos*: reagem perante a acção externa que os objectos exercem sobre eles — sentem. Esta sensação, que é consciente, permite-nos perceber directamente o objecto.

Ora os sentidos estão ligados ao cérebro pelo sistema nervoso. A toda a *sensação* corresponde portanto uma reacção no cérebro, onde se grava, por sua vez, a *imagem* do objecto que impressionou os sentidos. Mas, enquanto que a impressão nos sentidos é passageira, a que se produz no cérebro é duradoira. Se, por exemplo, virmos um edifício a arder, logo que o incêndio terminou ou nós nos retiramos os sentidos deixam de ser atingidos pelo objecto. Mas, no dia seguinte ou até muitos dias depois, em nossa casa e às escuras, mesmo com os olhos fechados, continuamos a *ver* o incêndio e os seus pormenores. É que a sensação sentida pela vista, pelo olfacto e pelos ouvidos, ficou gravada no cérebro e aí permanece, na *imagem* ou imagens que se formaram. A «visão» do incêndio através da imagem é o que chamamos *imaginar* o incêndio.

Mas a imagem é ainda material, ao passo que a *ideia* é imaterial ou espiritual.

Como se passa então da *imagem* à *ideia*?

As imagens, materiais como são, representam os

objectos individualmente, isto é, com todos os seus pormenores concretos e individuais. A imagem duma cadeira, por exemplo, é *tal* cadeira com *tal* tamanho, *tal* forma e *tal* cor.

Como vemos muitas cadeiras, formam-se na nossa imaginação tantas imagens quantas as cadeiras que os nossos olhos viram, cada uma com as suas notas *individuais*.

A inteligência, *imaterial*, despreza estas características individuais, quer dizer, *abstrai* das notas individuais.

E de todas as imagens de cada uma das cadeiras que impressionaram os nosso sentidos, retém apenas aquilo que é *universal*, isto é, que é comum a todas as imagens de cadeiras e, portanto se pode aplicar a todas. A *ideia* de cadeira fica portanto sendo: um *objecto* que serve para a gente se sentar e nele repousar, sem querer saber se é de ferro ou de madeira, se tem pernas maiores ou menores, se é branca ou de cor.

Dissemos que a ideia é a representação *intelectual* de um objecto, e agora já compreendemos o que isto quer dizer: representação *imaterial*, mas, em todo o caso, representação *do objecto*. Portanto as ideias que temos das coisas são formadas em nós pelas próprias coisas, externas a nós, independentes de nós, isto é, pelo mundo exterior.

Demos agora um passo mais em frente.

Diz-se que uma ideia é *verdadeira* quando cor-

responde ao objecto que a formou. Assim a *ideia* de cadeira será verdadeira se afirmar que é um objecto que serve para a gente se sentar. Seria *falsa* ou *errada* se afirmasse, por exemplo, que é um objecto que serve para a gente se deitar.

A verdade exige, portanto, *um objecto* que se apresenta à inteligência, uma *inteligência* que julga, e uma *conformidade* entre o juízo da inteligência e o objecto.

Com estas noções essenciais podemos agora abrir caminho...

A primeira grande observação a fazer, isto é, a primeira grande conclusão é esta: que há uma verdade e que há um erro, que a verdade não é o erro, que uma afirmação não pode ser ao mesmo tempo verdadeira e falsa: uma cadeira não é uma cama...

A segunda grande conclusão é que não depende de nós, mas da realidade, que uma cadeira não seja uma cama, isto é, a verdade *não depende de nós*, mas *impõe-se* a nós. As coisas são o que são. A nossa inteligência deve reconhecer a realidade tal qual é, não pode formar-se uma realidade para si. Não depende de nós que as coisas sejam o que são.

A nossa inteligência é, portanto, **DEPENDENTE** da *realidade* ou da *verdade* que tem obrigação de conhecer. A dependência da nossa inte-

ligência em face da realidade ou da verdade é uma convicção comum dos homens e do cristianismo.

Dáí existir um *sim* e um *não*. O *sim* não é o *não*. O *sim* é *sim*; o *não* é *não*. Não podemos afirmar hoje uma coisa e amanhã negá-la, sem infidelidade à nossa própria consciência. Uma das duas vezes estamos no erro, porque não somos nós quem «fabrica» a realidade ou a verdade.

O mesmo afirmamos do *bem*.

Que é o bem? — Aquilo que convém às nossas faculdades ou apetites para o seu aperfeiçoamento. Por outras palavras: aquilo que nos aprefeia... A alimentação é um bem. O veneno não é um bem!

Todos os nossos apetites e faculdades tendem para o bem, para o seu bem, próprio, como o homem tende para o seu bem último, que é o seu destino eterno.

Não depende das faculdades que tal ente seja ou não um bem para elas. As coisas são boas ou más para tal ou tal faculdade, em si mesmas.

Há portanto coisas más e coisas boas, e uma coisa boa não é uma coisa má. Não depende de nós que uma coisa boa seja uma coisa má nem que uma coisa má seja uma coisa boa.

Donde podemos concluir que o bem ou o mal existem na realidade, e não somos nós quem inventou, por exemplo, que a verdade seja um bem e a mentira um mal.

Como temos obrigação de tender para o nosso

aperfeiçoamento, e como possuímos uma faculdade que dirige os nossos actos, isto é, a *vontade*, esta deve procurar o bem. Mas como o bem é objectivo, quer dizer, não depende dela, nós afirmamos a *dependência da vontade perante o bem a desejar e a amar*, e perante o mal a evitar.

A vontade livre pode, com efeito, escolher entre vários objectos e decidir-se por um ou outro. Não pode, porque isso não depende dela, fazer com que o mal se transforme em bem ou o bem em mal, e, por isso, que tal coisa seja conveniente ou não ao aperfeiçoamento das faculdades ou do todo humano.

A submissão da nossa inteligência à verdade e da nossa vontade ao bem, eis as duas grandes e essenciais convicções do pensamento tradicional e do pensamento cristão. ⁽¹⁾

Estas convicções profundas da humanidade, que a filosofia moderna tentará abalar num acto de orgulho e de insubmissão, provêm da consciência que temos da nossa imperfeição. O homem nascido incompleto, inacabado, imperfeito, tende naturalmente a procurar completar-se, aperfeiçoar-se, atingir o seu

(1) Em linguagem filosófica diremos: submissão ao *objecto*, entendendo por *objecto* o que «faz frente», o que se nos apresenta a nós, o que se nos impõe, tudo o que não é o eu, ou o *sujeito*.

pleno acabamento. Portanto a subordinar-se. A quê? A tudo que o complete e aperfeiçoe: à *verdade* que lhe faz adquirir a ciência, e ao *bem* que o torna mais perfeito.

Para um cristão, há, porém, razões mais profundas, que fazem destas convicções o fundamento de todo o seu procedimento ou de toda a moral.

É que o homem é uma criatura. Não se fez a si mesmo, mas foi Deus que o fez a ele.

Não só se não fez a si mesmo, como não fez o mundo, nem as realidades que o cercam. Tudo é obra de Deus. A sua inteligência é dependente do objecto, das realidades, isto é, da verdade, porque foi Deus quem a criou tal qual é. A sua vontade é dependente do bem, porque foi Deus quem criou as coisas como boas, e não nós. O bem depende de Deus, como dependem, portanto, de Deus as leis morais que nos conduzem ao nosso bem.

Esta submissão da inteligência e da vontade ao objecto, é o reconhecimento de que o homem, como criatura, depende de Deus, não só na sua existência, como na verdade a conhecer e no bem a amar.

E esta dependência é ainda maior no que respeita ao conhecimento directo de Deus — verdade infinita e bem infinito. Com efeito, se o homem, pelas forças da sua própria inteligência pode alcançar muitas verdades, incluindo a Verdade infinita de Deus enquanto Autor da ordem natural, sem a

Revelação, nunca poderia atingir o conhecimento de Deus na sua própria vida divina, conhecimento que constitui a suprema perfeição da inteligência e o supremo bem, a que a vontade deve tender.

O cristianismo é, portanto, a afirmação da dependência radical do homem em relação a Deus (e à realidade por Ele criada).

É contra esta afirmação que se levanta a filosofia moderna, num acto de rebelião contra Deus, contra a verdade e contra o bem, acto de orgulho da *inteligência* humana que quer bastar-se a si mesma, encontrar tudo em si mesma, criar a sua própria verdade e o seu próprio bem. Acto de rebelião da *vontade* contra Deus, contra a realidade objectiva, numa palavra, contra o mundo criado por Deus, não querendo *submeter-se*, mas *realizar* um mundo e um homem independente de Deus, em que reine o Super-homem. ⁽¹⁾

⁽¹⁾ «Mas agora esse Deus morreu! Homens superiores, esse Deus foi o vosso maior perigo.

«Ressuscitastes desde que ele jaz na sepultura. Só agora torna o *Grande Meio-Dia*; agora torna-se senhor o homem superior.

«Compreendeis esta palavra, meus irmãos? Assustais-vos: apodera-se-vos do coração a vertigem? Abre-se aqui para vós o abismo? Ladra-vos o cão do inferno?

«Homens superiores! Só agora vai dar à luz a montanha do futuro humano. Deus morreu: agora nós queremos que viva o Super-homem». (*Nietzsche — Zaratustra*, ed. Guimarães & C.^a, pág. 290).

Repetição do pecado de Satã, que não quis *submeter-se*, e se esforça por arrastar à mesma rebelião a criatura humana.

Examinemos a evolução do pensamento moderno que preparou os caminhos do comunismo.

O PENSAMENTO MODERNO

A filosofia marxista — o marxismo é uma filosofia ⁽¹⁾ — não nasceu com Marx. O materialismo dialéctico é o ponto final de uma linha de pensamento que tem o seu ponto de partida em Descartes.

Para compreender portanto o comunismo, há necessidade de acompanhar a evolução do pensamento moderno no que ele tem de oposição à concepção cristã da vida e do mundo. Chegaremos assim ao conhecimento exacto do marxismo e da sua demoníaca tentativa da «criação» de um mundo e de uma humanidade que não sejam as que Deus criou.

★

A corrente filosófica da qual nasceu o marxismo tem, em filosofia, o nome de *idealismo*.

⁽¹⁾ «O nosso programa assenta todo inteiro numa filosofia científica, especialmente numa filosofia materialista». *Lenine*, La Vie Nouvelle, Nov. 1905 — Socialisme et religion.

Vimos no capítulo antecedente que a nossa inteligência e a nossa vontade são *dependentes* duma realidade que não foi criada por nós. Nem a *verdade* que devemos procurar, nem o *bem* que devemos amar são, portanto, construídos por nós. As realidades são o *que são*, e não aquilo que nós queremos *que sejam*. O cristão reconhece-se precisamente nesta *submissão* ao *que é* ⁽¹⁾, e, em primeiro lugar, ao *que é* por essência: a Deus ⁽²⁾, do qual nós dependemos, bem como todas as criaturas. Esta submissão força-nos a respeitar a ordem dada por Deus às coisas e a finalidade para que, por Ele, foram criadas. Daí o reconhecimento de um direito natural ao qual todo o direito positivo há que subordinar-se, e de uma moral que tanto os indivíduos como as colectividades têm de respeitar.

O idealismo é a recusa desta submissão, ou pela dúvida sobre a realidade do objecto ou do seu conhecimento (idealismo mitigado) ou pela negação da sua existência (idealismo absoluto) ⁽³⁾.

Recusa de submissão significa vontade de independência do espírito humano perante uma reali-

⁽¹⁾ Diríamos em linguagem filosófica: ao *objecto*.

⁽²⁾ «Dirás aos filhos de Israel: Aquele *que é* enviou-me a vós». Exod. III, 14.

⁽³⁾ Confunde-se por vezes idealismo com espiritualismo, e daí a incompreensão do marxismo. *Idealismo* opõe-se ao *realismo* e ambos dizem respeito ao objecto. Espiritualismo e materialismo dizem respeito ao sujeito pensante. Um idealista pode ser, portanto materialista.

dade exterior que o orienta e o domine, e, portanto, liberdade de o pensamento construir, segundo as próprias leis, o seu mesmo destino ⁽¹⁾. Mas aquele que se constroi para si mesmo um destino próprio, faz-se igual a Deus, dispensa-o, tem mesmo de o negar, de o combater. Todo o idealismo tende a ser panteista (como o de Spinoza), ateista (como o de Lock, Schopenhauer, Fichte, Heine, Hegel...) ou anti-teista (como o de Marx e Engels, Nietzsche, Lenine, etc.). ⁽²⁾

E é triste reconhecê-lo, mas a influência do idealismo nos tempos modernos atingiu mesmo países católicos, onde muitos espíritos, deixando-se orientar por esta atitude de orgulho e de independência perante a realidade criada por Deus, são arrastados pela tentação das *planificações* sociais, políticas e económicas, que não passam de uma pura constru-

⁽¹⁾ Se duvido da verdade (da realidade) não tenho que me submeter a ela. Muito menos se a nego.

⁽²⁾ «Como os seus predecessores, (Berkeley) tem Deus por mais conhecido do que o mundo presente e, assim, toma por explicação uma referência a ele. Principalmente a sua situação eclesiástica e episcopal impunha-lhe cadeias pesadas e apertava-o em restrito círculo de pensamentos que de modo nenhum devia ferir; não podendo pois ir mais longe, devia saber acomodar na própria cabeça o verdadeiro e o falso, como fosse possível». *Schopenhauer* — «Esboço de História da teoria e do ideal e do real», trad. de Vieira de Almeida, ed. Atlântida.

Inteiramente de acordo com Schopenhauer: o idealismo tem de conduzir à negação de Deus, se não ao combate a Deus.

ção «ideal» sem nenhuma submissão às exigências da natureza humana:

«É fácil de ver até que ponto este sistema filosófico impregnou uma grande parte da psicologia contemporânea: basta observar como os homens, em todas as suas actividades, se afastam de cada vez mais da submissão ao real, da docilidade ao *que é*, para não ouvir senão as construções do seu espírito, até ao dia em que se esmaguem contra a realidade existente de que não quiseram ter conta; podemos observar especialmente como o homem contemporâneo é fecundo em construções sociais que são puras criações do espírito, puros quadros geométricos e jurídicos concebidos *à priori* e vazios de toda a realidade humana, como se bastasse um decreto no órgão oficial a criar um quadro jurídico e administrativo, para fazer existir uma sociedade real feita de homens vivos.» ⁽¹⁾

O idealismo começou propriamente com DESCARTES ⁽²⁾. O célebre filósofo francês quis dar à filosofia a mesma certeza das ciências matemáticas. A matemática é uma ciência certa, diz, porque parte de alguns primeiros princípios absolutamente incontestados. Temos de fazer o mesmo com a filosofia. Consegui-lo-emos se, negando todas as conclusões da filosofia, começarmos de novo a constru-

⁽¹⁾ *Connaitre le Communisme*, Comité d'études sociales et doctrinales, Jacques Haumont editor, Paris, pág. 16.

⁽²⁾ Renato Descartes nasceu em França em 1596. Os seus livros foram compostos entre 1629 e 1649, na Holanda, onde se refugiara. Morreu em Estocolmo em 1650.

ção, deduzindo-a de algum princípio incontestável, de uma primeira certeza ⁽¹⁾.

De facto, os sentidos enganam-nos algumas vezes. Quem nos garante que não nos enganam sempre? Duvidemos portanto da veracidade de todas as verificações dos nossos sentidos, isto é, do real.

Partindo desta *dúvida metódica*, que realidade poderia ser suficientemente certa, para constituir base sólida do raciocínio?

Descartes encontrou uma: o *eu pensante*. Duvido, penso... logo existo! A minha existência, diz o filósofo, eis o primeiro princípio certo, incontestável.

Pela força do mesmo raciocínio, não poderia negar-se a veracidade do mundo exterior nem pô-la em dúvida: Se existo porque penso, também as coisas deveriam existir, porque as vejo, as palpo e nelas penso. Para fugir à dificuldade, teve Descartes de inventar um homem seu. O pensamento, diz ele, é espírito puro. Como tal, não pode sofrer a influência da matéria. O que os nossos sentidos vêem, palparam, ouvem, sendo sensações materiais, não podem atingir o espírito, isto é, o pensamento. No entanto Descartes admitiu a existência do real, argumen-

⁽¹⁾ «O filósofo gaulês, cultor profundo das ciências matemáticas, impressiona-se com o contraste existente entre estas ciências e a filosofia. No campo da filosofia só se vê discórdia, desunião, controvérsia, incerteza; no campo da matemática, pelo contrário, nota-se absoluta certeza e concordância total». *Franco Américo, História da Filosofia, II vol. Casa Castelo, Coimbra, 1946, pág. 90.*

tando que o pensamento foi criado por Deus, infinitamente verdadeiro, que não podia enganar-nos. Se o pensamento «vê» o exterior, e o vê de determinada maneira, é porque Deus actua sobre ele, dando-lhe a representação *verdadeira* das coisas.

Da filosofia de Descartes tiram-se algumas importantíssimas conclusões que iriam influenciar a filosofia moderna, de maneira desastrosa:

1.^a O *dualismo humano*: o homem de Descartes é constituído de duas substâncias — espírito e corpo — sem nenhuma relação entre si, como que dois mundos à parte, fechados inteiramente um ao outro, sem nenhuma possibilidade de se influenciarem mutuamente. ⁽¹⁾

⁽¹⁾ O dualismo cartesiano está na base do *angelismo* e do *laicismo*. Se o pensamento é puro espírito, sem sofrer a mais leve influência da matéria, do corpo, ou dos sentidos, as relações do homem com Deus são exclusivamente da competência do espírito. E assim como o espírito é independente do corpo, assim a vida espiritual é independente da vida material, sem que possam de qualquer maneira influir uma na outra. A riqueza ou a pobreza, o trabalho ou a preguiça, um bom ou mau lar são coisas indiferentes à vida espiritual. A religião, negócio da competência exclusiva do espírito, não tem portanto nenhuma ligação com a vida. Resume-se na contemplação ou na Fé, sem qualquer ligação com a vida prática. A vida religiosa passa a ser assim separada do humano, do sensível, do real: é... angélica, não é humana. Jesus Cristo ensinara a «adorar o Pai em espírito e em verdade». No angelismo, adora-se em espírito, mas não *em verdade*. Foi este angelismo — e é ainda hoje — o culpado do grande escândalo de um cristianismo de fachada, aparente, sem influência no dia a dia, que desacreditou a Mensagem cristã. «Acredita e faz depois

2.^a A *autonomia do pensamento* perante a realidade. Se o pensamento não depende do real, é porque se basta a si mesmo. Não há portanto uma verdade que se imponha ao pensamento. A submissão ao que é não tem verdadeiro sentido para Descartes.

3.^a A dependência directa do pensamento em relação apenas a *Deus*. A verdade aparece em Descartes como garantida por Deus, exclusivamente.

Destas três conclusões basilares desenvolveu-se a filosofia idealista: impossibilidade de o pensamento ser atingido pelo real (porque é puro espírito); independência do pensamento em relação ao

o que quiseses», dizia Lutero; reza, contempla, e faz depois o que quiseses, diz o angelismo.

Também o *laicismo* nasceu de Descartes. Se a matéria, o corpo, a vida social e económica não podem exercer nenhuma influência sobre a alma, também a não exercem sobre a religião. A Igreja fica assim relegada para dentro dos templos e das sacristias. O cartesianismo serviu à maravilha a revolta dos Estados contra o Papado, a política da Separação dos dois poderes e, mesmo em regimes de Concordata, a pretensão dos Estados de regularem por si sós todas as questões do temporal. A acção social do clero não é admitida, porque toda a acção social é tida como domínio exclusivo do Estado, e, portanto, de carácter político. Que o diga a experiência! Esta recusa de deixar liberdade à Igreja de exercer a sua missão na vida corresponde a abandonar os Estados à influência exclusiva do material, portanto das paixões, do jogo cego dos interesses, das ambições e dos predomínios. Um Estado que recuse à Igreja o exercício do seu direito de intervir no temporal na medida das exigências do moral e do espiritual, assenta sobre uma filosofia irreal do homem e da sociedade. O Estado laico caminha fatalmente ou para a ditadura ou para a desordem.

real e à verdade objectiva; actuação directa de Deus sobre o pensamento.

Bastará suprimir a intervenção de Deus no pensamento, para que este fique entregue a si mesmo, às suas próprias construções, às suas próprias leis, sem nenhuma espécie de dependência, nem de ligação com o mundo exterior! Se o espírito não pode ser influenciado pela matéria, como poderá ele conhecer a realidade — o *que é*? Sem a intervenção fiadora de Deus e sem ligação com o real, a realidade não pode, com efeito, ser conhecida pelo pensamento.

Deste novo passo se encarregou o filósofo alemão KANT. ⁽¹⁾

Com efeito, suprimido Deus como critério da verdade, admitido que a matéria *não pode influir no espírito*, resta-nos o pensamento entregue a si mesmo, construindo, segundo as suas próprias leis, a verdade: «*é no acordo com as leis do entendimento que consiste o formal de toda a verdade*». ⁽²⁾

Kant admite a existência de uma realidade exterior, grandeza desconhecida, inacessível por isso ao conhecimento. A conclusão era lógica. Mas dela tiram-se outras também lógicas conclusões. Se não

⁽¹⁾ Manuel Kant nasceu a 22 de Abril de 1724, em Conisberga (Alemanha). Escreveu os seus estudos desde 1749 a 1799. Morreu em 12 de Fevereiro de 1804.

⁽²⁾ Kant — Crítica da razão pura, Dialética transcend. Introd., I.

podemos conhecer a *realidade*, também não podemos admitir uma *verdade* que se nos imponha. O pensamento fica, portanto, autónomo, livre, em relação a qualquer verdade objectiva. Não há um *sim* e um *não*. O homem fica libertado do preceito de Cristo: «seja a vossa linguagem sim, sim, não, não».⁽¹⁾ A doutrina da liberdade de pensamento bem como a base filosófica de todo o liberalismo, veem de Kant.

Ele foi, porém, mais além. Liberto o pensamento, a consciência não podia ficar presa a qualquer regra que não dependesse também de si mesma. A consciência, como o pensamento, será a única fonte das suas próprias leis. É o *non serviam* — não servirei — em face da moral, ou seja, em última análise, em face de Deus. À liberdade de pensamento, Kant acrescenta a inevitável liberdade de consciência.⁽²⁾

Jesus Cristo definiu o demónio como «assassino, mentiroso e pai da mentira»⁽³⁾. Kant é bondoso e pacífico de mais para o imitar. Outros o farão. No entanto, é «um daqueles cuja obra contribuiu para completar a época, no fim da qual Heine pode exclamar: «*Não ouvis soar a campainha? De joe-*

⁽¹⁾ Mat. V, 37.

⁽²⁾ Ambas as liberdades são defendidas pelo liberalismo moderno, num acto de absoluta independência do homem perante Deus.

⁽³⁾ Joa. VIII, 44.

lhós!... Levam os sacramentos a um Deus moribundo». (¹)

Mas o idealismo não atinge ainda com Kant as suas maiores aberrações. FICHTE (²) avançará um pouco mais... Discípulo de Kant, não quis ficar nas doutrinas do mestre. Para Kant, existia, fora do pensamento, uma realidade, embora imperceptível ao mesmo pensamento.

Para o idealismo fichteano esta realidade era de mais. Não admite senão uma única realidade: o eu pensante. O pensamento é produzido apenas pelo eu. Se o eu é autor único do pensamento, este depende somente de nós, do nosso *dinamismo*, do dinamismo da nossa vida. Toda a realidade estável, que se impõe ao pensamento, desaparece. E com ela todo o direito e toda a moral. Kant admitia uma moral construída pelas exigências da consciência. Fichte não admite outra, senão a que provém das necessidades da vida e do dinamismo da própria vida. A fonte da moral aparece já, em Fichte, apenas na acção. Foi com o seu apelo ao dinamismo da Nação alemã que Fichte levantou a Alemanha contra Napoleão, sem ter que respeitar outras re-

(¹) *Etudes Carmelitaines* — Satan, Desclée de Brouwer, 1948, pág. 618.

(²) João Fichte nasceu em 1762 e morreu em 1814. Alemão apaixonado, a sua filosofia está na base da guerra contra Napoleão. Foi ele quem a vaticinou e, por assim dizer, a provocou com o célebre: *Discurso à Nação alemã*.

gras de direito ou de moral que não fossem as das exigências da guerra: tudo o que convém à eficácia da acção é moral!

Fichte respeitava contudo ainda alguma coisa: o eu pensante. O idealismo absoluto, que não respeita nenhuma realidade, que *nega tudo* ⁽¹⁾, só virá com HEGEL ⁽²⁾.

Para Fichte, era o eu que criava o pensamento, a ideia. Hegel suprime pura e simplesmente o eu e retém apenas a ideia.

É evidente que se não existe nenhuma realidade, se só a ideia é tudo, esta passa a escrever-se com letra grande: a *Ideia*!

Não vamos, evidentemente, num trabalho desta natureza, acompanhar Hegel nos seus raciocínios. Limitar-nos-emos a destacar os pontos essenciais do seu *idealismo absoluto*, chamando para eles a atenção dos leitores, por ser isso fundamental para a compreensão do marxismo.

A Ideia pura é tudo! Se é tudo, necessariamente é dela que provêm os indivíduos (as consciências individuais) e a própria História. Mas a história é uma *evolução* de acontecimentos. Se a Ideia per-

(1) Goethe define o demónio com «o espírito que nega sempre».

(2) Jorge Guilherme Hegel nasceu em Estugarda (Alemanha) em 1770. Ensinou em Iena, Heidelberg e por último em Berlim. Morreu em 1831.

manece sempre a mesma, estável, idêntica a si mesmo, não pode gerar a evolução. Não pode, portanto, constituir a História. É preciso para isso que a própria Ideia esteja sujeita à lei da evolução. Hegel aceita-o, e sobre a evolução da Ideia constroi toda a sua filosofia: «a Ideia não é o *que ela é*, porque *muda* continuamente, está em perpétuo *devenir* (¹).

Assim, para Hegel, não existe nenhuma realidade estável, nem a própria Ideia. Não tem, portanto, sentido a *submissão ao real*, ao que é, ou por outras palavras, à *verdade*. Mais ainda: como a Ideia está em perpétua transformação, ela nunca pode ser, em momento nenhum, igual a si mesma. Existe contradizendo-se sempre, negando-se a todos os momentos. O *sim* e o *não* confundem-se, portanto, na transformação: um chama o outro.

Nada há, portanto, que *seja*, nada que exija uma afirmação ou uma negação. Nada há que dure e permaneça: «*tudo é contradição perpétua numa evolução perpétua*».

Mas como é possível?

Hegel explica-o pela sua célebre *dialética*.

(¹) *Devenir* é palavra recente em português para traduzir o francês *devenir*. Pode servir de verbo ou de substantivo. Como verbo significa: estar no caminho de vir a ser qualquer coisa, ou outra coisa, ou doutro modo; como substantivo — o *devenir* — é o movimento progressivo pelo qual as coisas se transformam.

Todos os conceitos implicam o seu contrário: o ser «exige» o não-ser. Os opostos chamam-se, chocam-se e, deste choque, nasce a nova forma da Ideia, pela superação dos opostos. E assim continuamente. É o que Hegel chamou *tese*, *antítese* e *síntese*.

Um exemplo fará compreender melhor a doutrina hegeliana. Tirá-lo-emos do materialismo *histórico* ou *dialéctico* de Marx — fiel discípulo, neste ponto, de Hegel: o capitalismo (*tese*) exige o seu contrário, o seu oposto — o proletariado (*anti-tese*). Do choque dos dois opostos (luta de classes, primeiro, revolução depois) nasce a *síntese*: a ditadura do proletariado.

Com este exemplo compreenderemos a dialéctica das três fases hegelianas: a *tese*, em que aparece a Ideia; a *antítese*, em que se passa à contradição; a *síntese*, ponto de partida de uma nova ideia, e, portanto, de uma nova evolução.

A História forma-se *dialécticamente*: cada momento ⁽¹⁾ nega o momento precedente, e, do encontro dos dois contrários, nasce o momento futuro. A História procede por choque. Logo por perpétua *revolução*. E, como a Ideia é quem forma a História, ela é, no fim de contas, *acção revolucionária*, afirmando, negando, refazendo, na transformação, aquilo que é.

⁽¹⁾ Entenda-se momento lógico, porque o momento real não existe para Hegel, negador de toda a realidade.

Da filosofia de Hegel conclue-se que tudo o que tenha a pretensão de se apresentar como uma realidade deve ser negado e destruído. Nada há que exista e permaneça. Afirmar ou negar (tese e antítese) confundem-se, reclamam-se mutuamente, chocam-se, destroem-se, numa palavra, não existem, não têm sentido. Em última análise só fica a acção, que faz a História, pois esta nada mais é do que a evolução revolucionária da Ideia: História e Ideia identificam-se.

Com tal doutrina, não há nenhuma verdade, não permanece nenhum direito, não existe nenhuma moral *estável*. No entanto Hegel não nega nem a moral, nem o direito, nem a verdade. Simplesmente não são estáveis, porque dependem da Ideia e das exigências da sua evolução. Assim o que hoje é tido como um direito, amanhã não o será, o mesmo se dando com a moral e a verdade.

As aberrações filosóficas de Hegel não teriam tido consequências, se não tivesse ido ao fim da sua construção ideológica. Mas foi! E nisso reside, principalmente, o drama do germanismo e do comunismo.

Hegel tinha de concretizar a Ideia em alguma coisa que fosse capaz de *fazer* a revolução dialéctica. E «encontrou» no Estado a expressão mais perfeita e completa da Ideia. O Estado é, por assim dizer, a «incarnação» da Ideia. Incarnação suprema, divina, criadora!

E Hegel aplica sempre o seu método: o indivíduo (tese), a família (antítese) o Estado (síntese)! O Estado surgiu da oposição: indivíduo-família. Mas como a tese e a antítese não são nada, e só a síntese o é, segue-se que o Estado não surgiu de um contrato, nem é posterior ou condicionado pelos indivíduos. Pelo contrário, é por «Ele» que os indivíduos e as famílias são o que são. Os direitos, os deveres, a própria personalidade dos indivíduos são aquelas que o Estado lhes reconhecer em cada momento histórico. O Estado é Deus! Um Deus ins-tável, porém.

Como se vê, o hegelianismo está na base de todos os totalitarismos ou estatolatrias modernas, e até das tendências contemporâneas para centralizar *toda* a vida nacional sob o comando *exclusivo* do Estado.

É, porém, evidente que, havendo muitos Estados, todos são «incarnação» da Ideia. Mas só um será, em determinada época, a *incarnação perfeita*. E a preponderância desse sobre os outros torna-se inevitável pela evolução histórica:

«Nas relações de um Estado com os outros Estados, não há limite à independência de cada um deles; só na guerra é que se afirma a autonomia e a individualidade de cada Estado, e, por este meio se realiza finalmente o *espírito universal* na história do mundo, exaltando, como momentos da sua evolução, as várias nações. Aquela nação, à qual convier tal momento evolutivo do espírito universal, torna-se

a *dominadora* do mundo na sua época; as outras nações são destituídas de todos os direitos em relação à nação vencedora, incarnação do espírito universal naquele dado momento histórico. Na sua evolução cronológica, o Espírito Universal marca quatro grandes períodos: o oriental, o grego, o romano, o germânico: o mundo germânico, o *Estado alemão*, é, portanto, o povo eleito, no qual o Espírito universal atingiu a sua mais excelente manifestação.

«Por estes breves apontamentos pode ver-se o paralelismo existente entre a filosofia de Hegel e as normas e a actuação políticas da Europa dos nossos dias, especialmente da Alemanha. Todos os elementos da alma política germânica, resumidos no mote *Deutschland über alles* (a Alemanha sobre tudo), estão aqui teorizados e filosoficamente deduzidos: pangermanismo, racismo, direito de força, absolutismo de Estado». ⁽¹⁾

Na «visão» hegeliana da História, nem os indivíduos em relação a cada Estado, nem os outros Estados em relação ao que incarnar o Espírito universal podem alegar em sua defesa qualquer espécie de direitos ou de verdade. O direito e a verdade é o Estado quem os cria, adaptando-os, modulando-os, formando a História, orientado apenas pelas exigências das suas necessidades *vitais*. Sem outra *verdade* que não seja a utilidade política do momento, sem outra regra de bem ou de mal que não

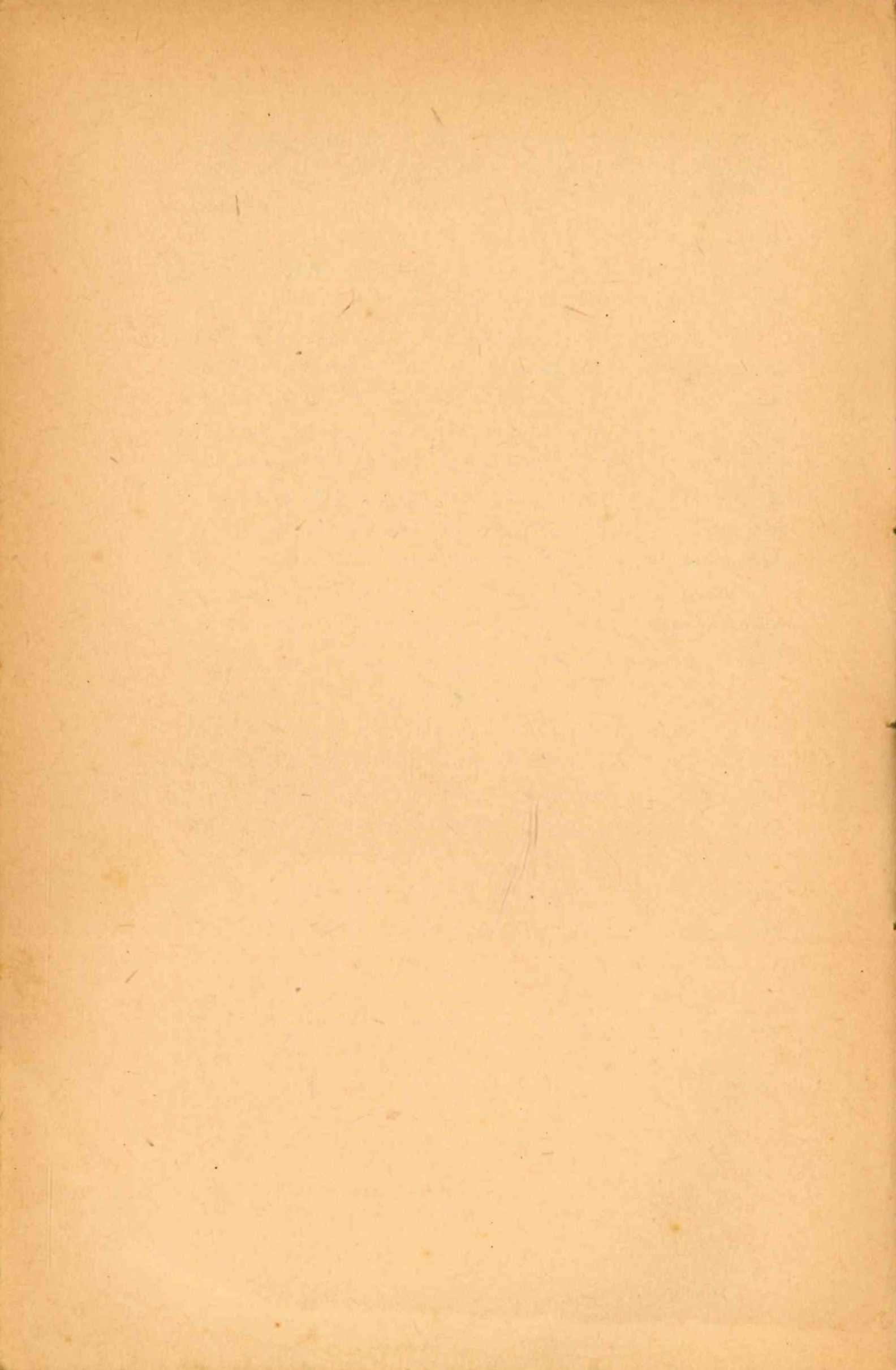
⁽¹⁾ *Franco Américo*, História da Filosofia, II vol., Casa Castelo, Coimbra, 1946, pág. 253.

seja o seu próprio interesse, não é de estranhar que os tratados não passem de «bocados de papel», que o sim equivalha ao não, que se negue hoje o que ontem se afirmou.

A História é feita de contradições perpétuas e de dinamismo revolucionário.

No entanto não é ainda no estatismo absoluto que o hegelianismo produziu o seu fruto mais venenoso. Este é o marxismo, porque, conservando a dialéctica hegeliana em toda a sua pureza, repeliu o idealismo, e construiu essa demoníaca filosofia do materialismo *histórico* ou *dialéctico*, a que eles chamam também *científico*, que constitui o fundamento, o segredo e a força do comunismo.

Examinemo-lo, para o conhecer, e podermos assim combatê-lo com as armas que o podem destruir.



O PENSAMENTO MARXISTA

Marx ⁽¹⁾ foi discípulo de Hegel. Seguiu os seus cursos em Berlim e apaixonou-se pela dialéctica. Mas tendo ouvido o seu mestre, e lido a sua obra «Saber e Fé», não podia aceitar a Ideia como se fosse Deus. Com efeito, Hegel chegou onde tinha de chegar: *Deus morreu*. A «dor infinita» desta «ausência de Deus», fruto natural da evolução histórica aliás, é o momento culminante da História. Hegel fala dele e da morte de Deus com pesar e em tom solene. Não sabe o que vai passar-se, porque também o Cristianismo morreu, ou melhor, uma forma

(¹) Carl Marx nasceu em Treves, em 5 de Maio de 1818. Não era propriamente judeu, mas filho de pais judeus convertidos ao protestantismo. Morreu em 1885. Entre os seus trabalhos — Marx foi um homem de gabinete — os mais importantes e mais citados são: *Manifesto do Partido comunista* (1848), escrito de colaboração com o seu amigo e companheiro de estudo Frederico Engels, e *O Capital*, em 1867. Marx escreveu outras obras que Engels editou depois da sua morte.

do Cristianismo, porque este, sendo «Espírito», viverá. ⁽¹⁾

Deus morreu!... A Ideia não será portanto Deus. Se o não é, que outra coisa pode ser senão produto da matéria, segregação do cérebro? Mas, se a matéria não é uma realidade-em-si, que existirá então?

«Para Hegel, o processus do pensamento, de que ele faz mesmo, sob o nome de ideia, um sujeito autónomo, é o demiurgo, o procriador do real... Para mim, ao contrário, a *ideia não é mais do que o mundo material transposto e traduzido no cérebro humano*» ⁽²⁾.

Marx é, portanto, materialista, ao contrário de Hegel. A Ideia não tem realidade. A única realidade são as *forças materiais*: «O movimento é o modo de existência, a *maneira de ser* da matéria. Nunca e em nenhuma parte, houve nem pode haver matéria sem movimentos... A matéria sem movimento é tão inconcebível como o movimento sem matéria...» (*Engels — Anti-Duhring*).

Notemos desde já que não é a matéria, mas o

⁽¹⁾ Confr. *Paulus Lenz Medoc*, in *Études Carmélitaines*, Satan, Desclée de Brouwer, 1948, pág. 621.

⁽²⁾ *Karl Marx*, em *O Capital*, cit. por *Lenine* em *Marx, Engels, Marxismo*, pág. 15. E. S. I. 1935.

movimento (as forças materiais) a única realidade. A *ideia*, portanto, não é nada para Marx. ⁽¹⁾

Mas se Marx mudou o idealismo do mestre em materialismo, conservou dele a dialéctica e o «processus» da evolução histórica:

«Marx e eu fomos sem dúvida quase os únicos a salvar da filosofia idealista alemã a dialéctica consciente, fazendo-a passar para a nossa concepção materialista da natureza e da história... A natureza é a pedra de ensaio da dialéctica, e é preciso dizer que as ciências modernas da natureza forneceram-nos para este ensaio materiais extremamente ricos cuja massa aumenta todos os dias e nos provaram que, em última análise, a natureza procede dialecticamente e não metafisicamente». ⁽²⁾.

Marx, porém, não é materialista no sentido até então dado à palavra materialismo. Este é uma filosofia que não concede realidade senão à matéria. O materialismo admite portanto uma *realidade* permanente que é a substância estável de que todas as coisas são feitas. Mas quem admite uma realidade admite uma *verdade*: que a matéria existe, e dela nascem todas as coisas.

Hegeliano como era, Marx não podia admitir

⁽¹⁾ «As concepções teóricas dos comunistas não assentam de maneira nenhuma sobre ideias. Estas não são mais do que a expressão geral de dadas condições de facto». (*Manifesto do Partido Comunista*).

⁽²⁾ *Engels, anti-Dühring*. Tomo I, pág. 12.

nenhuma realidade. O materialismo dogmático não lhe interessava portanto. Constrói o seu materialismo: as *forças materiais em perpétua evolução, criando, transformando permanentemente a matéria, não deixando nada existir, não deixando nenhuma verdade de pé*, porque sempre em contradição e em luta, no esforço criador da história. O materialismo marxista é um materialismo *histórico*. É *dialéctico*, porque a evolução histórica se realiza segundo a dialéctica hegeliana. Assim poderemos definir o marxismo como «*uma transposição materialista da filosofia de Hegel*» ⁽¹⁾. E nisto está o segredo do triunfo do marxismo e a sedução diabólica da sua concepção do mundo e da humanidade.

Examinemos então, de mais de perto, por ser fundamental para a compreensão do marxismo e da sua acção, a filosofia do materialismo *histórico* ou *dialéctico*.

Nada existe no mundo senão *forças materiais* em perpétua evolução, eis o primeiro fundamento da filosofia marxista. O homem, bem como a alma, o cérebro, as ideias, a matéria, a economia, a política, as guerras, a história, tudo enfim são produto das *forças materiais*. Se estas permanecessem imutáveis,

⁽¹⁾ *Connaitre le communisme*, Comité d'études sociales et doctrinales, Editor: Jacques Haumont, Paris, pág. 23.

nada poderiam produzir — nada exisitiria. Mas como são *forças* não podem permanecer estáveis: actuam, movimentam-se, chocam-se. No movimento e no choque, modificam-se, transformam-se, evoluem. Nunca são, portanto, e em momento nenhum, iguais a si mesmas. Não podem, por isso mesmo, deixar *permanecer* nada de estável, de duradouro: não há realidade nenhuma que seja. O que foi ontem, não é hoje, não será amanhã. A tese reclama a antítese: do seu choque brota, a síntese — «realidade» nova que, por sua vez, chama o seu contrário, com ele choca, aniquilando-se ambos na produção da nova síntese. E assim sucessivamente, para criação da História ⁽¹⁾.

Detenhamo-nos um pouco desde já, para examinar as conclusões inevitáveis deste materialismo mais materialista que possa imaginar-se.

A primeira de todas é esta: *não há realidade nenhuma que permaneça*. Se não há realidade, tam-

(¹) «A grande ideia fundamental, segundo a qual o mundo não deve ser mais considerado como um complexo de coisas acabadas, mas como um complexo de *processus* em que as coisas, estáveis em aparência tanto como os seus reflexos intelectuais no nosso cérebro, as ideias, passam por uma mudança ininterrupta de devir e de aniquilamento, onde, finalmente, apesar de todos os acasos aparentes e de todos os retrocessos momentâneos, acaba por se produzir um desenvolvimento progressivo — esta grande ideia fundamental penetrou, especialmente depois de Hegel, tão profundamente na consciência corrente, que não encontra, sob esta forma geral, quase que contradição». (*Engels e Marx. Estudos Filosóficos*, pág. 49).

bém não há verdade. O *sim* e o *não* não têm portanto nenhum sentido. O homem não tem de ligar-se a nenhuma afirmação ou negação. O *que é*, não é, porque, no preciso momento em que é, começa logo a não ser, para vir a ser outra coisa. Afirmar e negar chamam-se mutuamente, para se confundirem na *contradição* que é o princípio da evolução.

Porque sem contradição não pode haver mudança, sem ela não poderia haver evolução nem história. Afirmar hoje, para o negar amanhã, eis o «processus» histórico, o princípio e a exigência de todo e qualquer progresso.

A primeira grande conclusão do comunismo é, por isso a de que *não existe nenhuma verdade* ⁽¹⁾. Por outras palavras: libertação do pensamento (e da consciência) de toda a verdade.

A segunda é esta: a história é o produto do choque, da contradição e da evolução das forças materiais. Estas constituem a *infra-estrutura* sobre a

⁽¹⁾ Se não existe verdade, também não existe mentira. Um comunista pode afirmar ou negar sem, com isso, trair o seu pensamento!

«Nada há de definitivo, de absoluto, de sagrado diante da filosofia dialéctica. Ela mostra a caducidade de todas as coisas e em todas as coisas, e nada existe para ela senão o processus ininterrupto do devir e do transitório, da ascensão sem fim do inferior ao superior, de que ela mesma não é senão o reflexo no cérebro pensante». (*Engels e Marx, Estudos filosóficos*, pág. 13. Reproduzido por *Lenine* em: *Marx, Engels, Marxismo*, pág. 19).

qual assenta tudo o resto, isto é, todos os fenómenos sociais mesmo os mais elevados, como a política, a literatura, a arte, o direito, a moral, a religião. Frutos como são das forças materiais, modificam-se com elas e com elas evoluem, segundo o mesmo processo dialéctico ⁽¹⁾.

O homem, portanto, não é livre, porque sujeito ao fatalismo histórico. Não é a sua consciência que determina a maneira de ser social, mas esta que

(1) Mudando o modo de produção, os homens mudam também a sua maneira de ser e de pensar: «O moinho à mão dar-nos-á a sociedade com o suzerano; o moinho a vapor, a sociedade com o capitalista industrial» (*Marx, Miséria da filosofia*, seg. ed., pg. 156). Marx é, porém, mais claro no seguinte passo: «Na produção social dos meios de existência os homens contraem determinadas relações, *necessárias e independentes da sua vontade*, relações de produção que são correlativas a um estágio determinado do desenvolvimento das suas forças produtivas. Todo o conjunto das suas relações de produção forma a estrutura económica da Sociedade, quer dizer que é ele que é a base real sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política, a qual correspondem determinadas formas sociais da consciência. *O modo de produção da vida material determina em geral o processus social, político e intelectual da vida*. Não é a consciência do homem que determina a sua maneira de ser; mas a sua maneira de ser social que determina a sua consciência». (*Crítica da Economia Política*, Prefácio, citado por Charles Gide — Charles Rist — *Histoire des Doctrines économiques*, 5.^a ed., 1926, pág. 559). Na sua obra «A constituição social», Loria «demonstra» como «toda a história, todas as guerras, os guelfos e os gibelinos, a Reforma, a Revolução francesa, e até a morte de Cristo no Calvário, repousam sobre a «infraestrutura económica»; com esta diferença contudo de que para Loria o facto determinante que serve de base a todos os outros, não é a técnica industrial, mas o regime das terras». *Charles Gide*, obr. cit. mesma pág.

determina aquela. No entanto, como adiante veremos, o homem *pode fazer a história*, isto é, o modo de ser social, mas não com ideias, com doutrinas ou com a sua consciência. Com a acção! E nisto transformam o fatalismo, à primeira vista inevitável, numa filosofia do esforço, numa exaltação da acção, num pragmatismo radical, que está na base de toda a actividade comunista.

A evolução histórica, actualmente em pleno desenvolvimento, exige do proletariado a luta de classes. O capitalismo (tese), chamou o seu contrário — o proletariado (antítese). Para que se produza a síntese (a sociedade sem classes), é necessário que tese e antítese se encontrem e se choquem (luta de classes). E tanto mais depressa brotará a síntese quanto mais constante, violento e radical for o choque.

A segunda grande convicção comunista exige como dogma, *a luta de classes*, sem tréguas nem mercê, como um postulado da dialéctica da história ⁽¹⁾.

⁽¹⁾ «A história de todas as sociedades até aos nossos dias não foi mais do que a história da luta de classes. Homem livre e escravo, patricio e plebeu, barão e servo, mestre e companheiros, numa palavra opressores e oprimidos, em oposição constante, conduziram uma luta ininterrompida que acabava sempre quer por uma transformação revolucionária de toda a sociedade, quer pela destruição duma ou das duas classes em luta... A sociedade moderna não fez mais do que substituir as antigas por novas classes, novas condições de opressão, novas formas de luta». (*Marx*).

A terceira grande conclusão é a seguinte: não havendo nada de estável, nenhum absoluto, *não há Deus*.

A ideia de Deus, assim como a de religião, são fruto da evolução dialéctica das forças materiais. Foi o modo de produção quem criou a opressão entre os homens. Para a manter, tiveram os opressores — sempre em minoria — de apelar para um Deus remunerador do bem e do mal, compensador dos sofrimentos deste mundo, e para um mundo do além, com o seu paraíso e o seu inferno. Hoje, que as forças materiais estão em plena e alta evolução, e devem chamar a humanidade inteira à acção produtora de uma nova forma de vida, a ideia de Deus é um entrave à acção, uma *limitação* do poder expansivo da humanidade. A religião, na frase célebre de Marx, é o ópio do povo, que para mais nada serve do que para adormecer as energias vitais do proletariado, em único benefício das forças reaccionárias da burguesia.

O ateísmo marxista, sendo uma conclusão inevitável da filosofia do materialismo dialéctico, foi poderosamente auxiliado pela doutrina anti-teísta de Feuerbach e de Nietzsche, para quem Deus é uma *limitação*, um impecilho, uma cadeia. O homem aspira hoje a ser grande, a reconquistar o seu posto de senhor do universo e de si mesmo, sem nenhum obstáculo, sem nenhum *limite* às suas ambições, à sua grandeza, ao seu predomínio. Sereis como deu-

ses, disse a serpente, ao *primeiro* homem, arruinando-o afinal. «Seremos nós mesmo deuses», diz Zaratustra aos *últimos* homens.

Esta designação de Nietzsche de «o *último* homem» querendo significar o *Super-homem* que matou Deus para se fazer grande, é uma resposta à queda do *primeiro* homem, uma reversão do pecado original, uma segunda tentação do demónio, para induzir o homem a secundá-lo — depois da Redenção — na sua revolta permanente contra Deus.

Depois de Nietzsche, o ateísmo marxista não é um ateísmo qualquer, mas uma vontade consciente de revolta contra Deus. Não é uma *negação* de Deus. É uma *acção*, uma guerra contra Deus.

Toda a doutrina da acção *contra* Deus (anti-teísmo) a desenvolveremos no capítulo seguinte. Por agora limitemo-nos a observar a gravidade profunda da apostasia moderna, incomparável a qualquer outra forma de apostasia anterior. O paganismo mantinha uma ideia, embora errada, de Deus. As heresias devastadoras respeitavam Deus. O positivismo e o materialismo negaram Deus, afirmando que o homem podia dispensá-lo. Hoje já não se trata de paganismo, nem de heresias, nem de ateísmo, mas de *anti-teísmo*, vontade deliberada e perfeitamente consciente de aniquilar Deus, para se substituir a Ele, refazendo um homem e um mundo novos, muito melhores do que os actuais.

O anti-teísmo não é o ateísmo. Sabe-se que Deus

existe, mas escolhe-se a milícia de Satanaz para se incorporar no seu reino (o do Príncipe deste mundo) e, com ele, travar a suprema batalha contra Deus. S. Paulo advertiu-nos da existência do corpo do Pecado (*confr. Romanos, cap. VI*) em oposição ao Corpo de Cristo, e da luta entre os dois corpos «místicos» (*confr. Efes.*). Para tomarmos consciência deste anti-Deus e da sua vontade louca de aniquilamento de Deus, bastará citar alguns textos.

Comecemos por Lenine:

«O marxismo é o materialismo. A este título, é tão implacavelmente hostil à religião como o materialismo dos enciclopedistas do século XVIII ou o materialismo de Feuerbach. Eis o que é inegável. Mas o materialismo de Engels e de Marx vai mais longe na aplicação da filosofia materialista ao domínio da história, ao domínio das ciências sociais. Devemos combater a religião: é o *a b c* de todo o materialismo e, portanto, do marxismo. Mas o marxismo não é um materialismo que se contenta com *a b c*. Vai mais além. Diz: é preciso saber lutar contra a religião... Não se deve limitar a luta contra a religião a uma prêgação ideológica abstrata... é preciso ligar esta luta à prática concreta do movimento de classe com o objectivo de *fazer desaparecer* as raízes sociais da religião... O medo é que criou os deuses...» (*Lenine, em Marx, Engels, Marxismo*).

É preciso não esquecer que o ateísmo comunista é um *ateísmo militante*, quer dizer, um antiteísmo. Mais adiante veremos como esta *vontade de potência* antiteísta se pode perfeitamente conciliar com a

«tolerância» religiosa e até com a política da mão estendida.

De Nietzsche poderíamos citar centenas de textos. Contentemo-nos com um, ao acaso:

«Foi preciso ele morrer⁽¹⁾: via com olhos que tudo viam; via as profundidades e os abismos do homem, toda a sua oculta ignomínia e fealdade. A sua compaixão não conhecia a vergonha; introduzia-se nos mais sórdidos recantos. Foi preciso morrer o mais curioso, o mais importuno, e mais compassivo.

«Sempre me via; quis vingar-me de tal testemunha ou deixar de viver.

«O Deus que via tudo, até o homem, esse Deus devia morrer! O homem não suporta a vida de semelhante testemunha». (Nietzsche — Assim falava Zaratustra, ed. cit. pág. 268).

Outro texto, mais moderno:

«Se se pudesse demonstrar matematicamente que Deus existe, eu não quero que ele exista, porque me limitaria na minha grandeza». (Dietrich Kerler, Carta a Max Scheler).

«Outros, depois de ter repetido o grito: «os deuses morreram, viva o Super-homem!», celebram o novo ideal nietzschiano em termos que é preciso conhecer, se quisermos compreender alguns dos factos dominantes da nossa história contemporânea:

«Nietzsche anuncia o próximo regresso ao ideal, mas a um ideal inteiramente diferente e novo. Para compreender este ideal, haverá uma categoria de

(¹) Os sublinhados são do próprio Nietzsche. Basta reflectir neles para compreender o sentido da sua vontade antiteísta.

espíritos livres, fortificados para a guerra, a solidão, o perigo. Espíritos que conhecerão o vento, os grandes gelos, as neves das alturas, e saberão medir sem temor os mais profundos abismos. Espíritos dotados duma espécie de preversidade sublime, e que nos libertarão do amor do próximo e do desejo do nada, para restituir à terra o seu fim e aos homens as suas esperanças». (Henri de Lubac, S. J., *Le Drame de de l'humanisme athée*, 3.^a ed., Spes, Paris, 1945, pág. 124).

Nem se suponha tratar-se apenas de imaginações tresloucadas de filósofos isolados. Trata-se de um movimento combinado e «comandado» contra Cristo e contra Deus, que tomou o gravíssimo aspecto de um desastre humano com a absorpção do antiteísmo pelas massas. O comunismo realizou esta «missão», e continua realizando-a com o seu ateísmo militante e os seus militantes ateistas. Talvez não tenhamos ainda medido em todo o seu alcance a trágica extensão da enorme apostasia, que entusiasma as multidões desprevenidas e proletárias com a tentadora sedução da libertação do homem, e da sua consequente grandeza. «Enfim, libertos!» eis o grito do ateísmo militante, grito que aos ouvidos proletários tem outro inebriante som: «Enfim, não mais escravos!» ⁽¹⁾

⁽¹⁾ «O cristianismo é hoje atacado de todos os lados, e o coração de numerosos baptizados começou já a render-se. Circulam narrações de apostasias. Acontece que a embriaguez faz titubear até os mais seguros». *Padre Lubac*, obr. cit. pág. 125.

Em tal filosofia, não há evidentemente lugar para o espiritual, que não tem mais realidade do que a matéria. O espiritual, como tudo o resto, é produto das forças materiais. Não é, porém, desprezado, porque pode servir de excelente meio de acção revolucionária. Os marxistas não duvidarão mesmo de empregar uma linguagem espiritual, desde que vejam nisso um meio necessário de arrastar as forças materiais, existentes no cérebro humano, à batalha da grande evolução histórica...

A quarta grande convicção do marxismo diz respeito ao *homem*. E é esta talvez a mais grave, a mais revolucionária, a mais satânica das convicções marxistas.

Examinemo-la cuidadosamente.

Se Deus não existe senão como fruto apodrecido do pensamento burguês, o homem não poderia ter sido criado por Ele. A convicção de que o homem é uma *criatura* feita à imagem e semelhança de Deus, por mais antiga que seja no cérebro humano, tem de ser radicalmente combatida como o mais pernicioso dos erros para o homem.

Que é então o homem? Criou-se a si mesmo? Não! O homem é o produto mais perfeito da evolução dialéctica das forças materiais.

Nada mais existe, com efeito, do que forças materiais. Estas, no seu movimento constante, no choque permanente das suas energias, foram gerando

forças cada vez mais poderosas e activas que vão produzindo formas materiais, exteriorizações materiais de cada vez mais perfeitas. O próprio homem está sujeito a esta evolução, modificando-se, transformando-se, aperfeiçoando-se de cada vez mais.

Não existe, portanto, uma *natureza humana*, estável, igual a si mesma, em todos os homens, em todos os lugares e todos os tempos. O homem de hoje não é o mesmo que o homem de ontem nem será igual ao homem de amanhã. Ele não tem mesmo *existência própria*. Fruto, produção material das forças materiais em perpétua agitação, a sua existência é esta agitação mesma no seu grau mais elevado. A essência do marxismo está precisamente nisto, em que o homem não é outra coisa senão a *acção material* que ele exerce. Não tem outra realidade senão esta acção. O marxismo pode assim definir-se como a *filosofia da acção material pura* ⁽¹⁾.

Sendo o homem um produto das forças materiais sempre instáveis e em evolução, e sendo ele mesmo um produto instável, não há nenhuma realidade existente que possa impor-se-lhe ao pensamento, que possa ser objecto de conhecimento. O que é hoje não o será amanhã. O marxismo repele como anti-revolucionário e anti-dialéctico, toda a procura da verdade, como toda a *afirmação de doutrina*. Com

(1) *Connaitre le communisme*, obr. cit. pág. 27.

feito, se não existe verdade, também não pode existir uma doutrina, que assenta sempre em princípios estáveis. Esta observação é essencial para a compreensão da táctica bolchevista e da «instabilidade» das afirmações e atitudes do comunismo e do seu quartel-general — o Kremlin. Aquilo que muitos julgam ser uma «conversão» do comunismo aos princípios eternos da razão e do bom senso, não é mais do que uma adaptação *ocasional* às exigências e à maior utilidade da acção.

O homem comunista não tem portanto que reconhecer nenhuma verdade, que se submeter a nenhuma realidade que dure e permaneça. É isto, no fim de contas, uma recusa total de Deus e de tudo quanto vem d'Ele ⁽¹⁾. E, como *recusa* que é, o homem comunista tem de opor-se a tudo o *que é* ou veio das mãos de Deus, embrenhando-se na acção pura, para tudo transformar, para tudo modificar, a fim de refazer o mundo em moldes novos e mais belos, onde possa reinar livremente o super-ho-

(¹) O advento de Deus cristão, que é a expressão mais alta do divino, produziu também o máximo do sentimento de obrigação. Se supomos que entramos já no movimento contrário, será lícito coligir pela decadência da fé no Deus cristão a decadência da «consciência devedora» no homem, decadência hoje muito rápida; e até pode predizer-se que o triunfo completo e definitivo do ateísmo há de libertar a humanidade de todo o sentimento de obrigação com respeito à sua *causa prima*. O ateísmo é uma espécie de segunda inocência. (*Genealogia da moral* — Nietzsche. Guimarães & C.^a edit. pág. 94-95).

mem. «O marxismo vai ao fim da reivindicação de independência total da criatura, e é nisto sobretudo que ele é o último fruto de todo o pensamento moderno: a *recusa definitiva* de tudo, seja o que for, de que o homem dependa ou se imponha a ele, quer se trate duma verdade qualquer, duma realidade a conhecer tal qual é, ou ainda da sua própria natureza humana» (1).

Como obter porém a possibilidade de uma tal recusa? Fazendo um homem novo. Para o marxista, não há nisto nenhuma dificuldade...

Se o homem é o produto das forças materiais, é ele hoje afinal quem mais as domina e orienta. É o homem quem faz a história pela sua acção material, porque, em última análise, a história humana não é mais do que a história da acção material em perpétuo conflito. Pelo seu desenvolvimento actual, o homem domina inteiramente as forças produtoras. Ora, como são estas que produzem o homem, o *homem pode modificar-se a si mesmo*, pelo seu próprio trabalho.

Daqui, duas conclusões: uma, que o homem, bem examinadas as coisas, é trabalho; outra, que o homem se pode fazer a si mesmo.

Se o homem é trabalho, se não existe senão pelo trabalho, não pode durar senão modificando o

(1) *Connaitre le communisme*, obr. cit, pg. 31.

mundo e modificando-se a si mesmo pelo trabalho. O comunismo tem de ver, portanto, na humanidade apenas o *trabalhador*. A teoria da luta de classes para a supressão das classes não é ponto ousado de um programa social revolucionário, mas uma exigência lógica da filosofia do materialismo dialéctico. Sob pena de se negarem a si mesmos, os comunistas têm de ser camaradas, pois todos eles — o chefe de Estado como o varredor das ruas — são, *por essência*, trabalhadores.

O homem é o trabalhador. E o trabalhador que se faz a si mesmo. Com efeito, se o homem é trabalho, isto é, se é essencialmente acção, força material, e se esta evolue na mesma medida da acção, o homem pode fazer-se a si mesmo, modificando a sua própria natureza. E tem-no realizado. Na linguagem de Marx, com efeito, o homem proletário ou industrial de hoje não é o mesmo que o pastor ou o agricultor de outrora. Pela modificação das forças materiais, o homem modificou-se também a si mesmo, — não no sentido de um progresso da natureza humana para maior perfeição, como pensamos nós — mas mudando de natureza. — No pensamento comunista tal é exactamente o sentido da transformação do homem. A revolução industrial gerou uma natureza humana nova. A revolução marxista dará origem a uma outra natureza humana, diferente da actual.

É este, que não outro, o objectivo último do

comunismo: formar, diremos mesmo, *criar um homem novo que não seja o homem criado por Deus, um homem que seja obra exclusiva do mesmo homem!* ⁽¹⁾

Quem leu o livro de Eugénio Devaud ⁽²⁾ sobre a educação na U. R. S. S. toma facilmente consciência de que, de facto, para o comunismo, o objectivo final a atingir é um homem novo, um homem superior, liberto de toda a dependência de Deus. Um homem apóstata, ímpio, assassino de Deus.

Não pode o comunismo ser mais diabólico, nem mais apóstata! *O haec omnia tibi dabo si cadens adoraberis me*: tudo isto te darei — diz Satã a Cristo na Montanha da Tentação — se prostrado me adorares, foi aceite conscientemente pelos *homens superiores* que a U. R. S. S. pretende produzir e se orgulha, nas suas propagandas, de produzir.

A estes *homens superiores* chama Nietzsche os *últimos homens*. S. Paulo anunciara: antes do

⁽¹⁾ No mundo das artes costumam representar este homem, senhor de si-mesmo, criador de si-mesmo, cabeça, tronco, membros, em ângulos rectos, segundo o pensamento de Nietzsche: «Preferi, meus irmãos, a voz do corpo curado: é uma voz mais leal e mais pura. O corpo são, o corpo *cheio de ângulos rectos*, fala com mais lealdade e mais pureza; fala do sentido da terra». (*Assim falava Zaratustra*, ed. cit, pág. 31). A civilização do ângulo recto, eis a civilização do homem sem Deus.

⁽²⁾ *La Pédagogie scolaire en Russie soviétique*, Paris, Desclée de Brouwer.

advento de Cristo, produzir-se-á a grande apostasia. — Estranhas coincidências!...

O homem, como vimos, é acção. Sendo assim, é evidente que só pode realizar-se pela acção. Neste conceito reside toda a dialéctica. Mas para um marxista, exactamente como para um hegeliano, a acção entende-se sempre como *revolucionária*: a transformação profunda e universal de tudo o que é, e até do próprio homem. E nisto o comunismo é um convite aliciante à mais gigantesca produção e à mais poderosa modificação das forças materiais. Os planos quinquenais são portanto mais um postulado filosófico, do que um programa económico. A propaganda, por sua vez, incidindo sobre as realizações soviéticas, chama mais a atenção para a «*capacidade criadora*» do operário soviético, do que para a riqueza económica que a produção industrial possa obter.

O homem é *acção revolucionária*, por conseguinte. Mas como há um sentido para a palavra *acção*, também o há para estouttra palavra *revolução*. Um sentido marxista. Basta reflectir um pouco na filosofia dialéctica para o atingir plenamente.

Para nós, a palavra *revolução* teria este sentido: modificar um estado de coisas para o substituir por outro que seja melhor e que permaneça; por outras palavras, substituir aquilo que se julga um mal, por um novo estado de coisas que se julga

um bem. Este bem é um objectivo, um fim, um ideal que se deve amar. Um marxista não admite nada: nem verdade, nem bem, nem mal, porque admiti-lo seria reconhecer uma realidade, e, por isso mesmo, uma subordinação, uma dependência, uma limitação — coisas que não entram na linguagem marxista:

«Admitir um bem que seja um fim, alguma coisa de bom que se deveria amar porque é *bom*, seria impor uma limitação, uma dependência à acção humana. O marxista que viva o seu marxismo, não pode amar nada, porque o amor coloca na dependência do objecto amado: o marxismo é a *recusa definitiva de todo o amor como de toda a verdade*». ⁽¹⁾

A revolução é, afinal, *acção pura*: revolução pela revolução. Precisamente porque a essência do homem é a acção revolucionária na construção da história, esta não pode nunca parar. Um repouso, uma paragem na acção revolucionária seria a morte.

O marxismo não se confunde portanto com justiça social, nem com um ideal de libertação operária. Qualquer «*ideal*» proposto pelo comunismo às massas nunca é um fim, nunca é um ideal, mas apenas um meio para tornar mais apaixonante a acção, uma espécie de alavanca do trabalho revolucionário que se usa enquanto for conveniente e só enquanto o for. Isto ressalta não só dos princípios filosóficos atraz expostos como de inúmeros textos de escri-

⁽¹⁾ *Connaitre le communisme*, pág. 32.

tores comunistas, alguns dos quais adiante citaremos.

Confundir portanto reivindicações sociais com comunismo é dar prova da mais crassa ignorância do que é o comunismo.

O marxismo sabe-o bem. Não podemos fiar-nos numa ou noutra expressão usada pelos comunistas para julgar se aqueles que as empregam são comunistas. É preciso compreendê-lo definitivamente: o comunista que o é não admite nenhuma verdade. O que ele diz não exprime, por isso, nenhum bem a amar, mas apenas uma exigência da acção naquele momento. Para ele, como vimos, não existe senão a acção.

Pelo mesmo motivo, também não existe para o homem uma moral estável. Os comunistas defendem-se da acusação de não terem nenhuma espécie de moral. Têm-na. Mas para eles a moral, como o direito, como o bem, como a verdade não são realidades, mas exigências da acção. É moral, é verdadeiro, é justo e é bom tudo o que serve à acção e a desenvolve. É imoral, falso, injusto e mau tudo o que entrava a acção. A acção — acção revolucionária pura — é o único fundamento e o único critério do bom e do mau, do justo e do injusto, do verdadeiro e do falso ⁽¹⁾.

⁽¹⁾ «Mas existe uma moral comunista? Uma moralidade comunista? Certamente que sim. Dizem muitas vezes que nós não temos moral. A burguesia nos acusa frequentemente, a nós

Por esta breve exposição do pensamento marxista — não dizemos *doutrina* marxista, pois o comunismo não aceita nenhuma doutrina porque não aceita nenhuma verdade, nem sequer que o comunismo seja *uma verdade* — por esta breve exposição podemos avaliar até que ponto o comunismo se opõe ao Cristianismo. Ele constitue a negação, ponto por ponto, de toda a síntese cristã, de toda a sua doutrina, de toda a sua moral. Podemos afirmar sem rodeios que o comunismo não é mais do que um ataque directo a Cristo, à Sua Pessoa divina e ao Seu Corpo Místico, que é a Igreja. Há quem

outros comunistas, de negar toda a moral. Isso é uma manobra para perturbar as ideias e lançar poeira nos olhos do povo.

«Em que sentido negamos nós a moral e a moralidade? Negamo-la no sentido burguês, em que esta moralidade dimana dos mandamentos da divindade. Nós afirmamos rotundamente que não acreditamos em Deus, e sabemos perfeitamente que sob o nome de Deus quem fala na realidade é o clero, os proprietários e a burguesia para defender os seus interesses de exploradores... Toda esta moralidade pedida emprestada a concepções exteriores às classes ou mesmo à humanidade, nós a negamos... A nossa moralidade é inteiramente subordinada ao *interesse* do proletariado e às exigências da luta de classes. A nossa moralidade é tirada das exigências da luta de classes do proletariado... É esta luta que forma os verdadeiros comunistas, é ela que deve comandar e condicionar, em todos os pormenores, a instrução, a educação e a formação da juventude... Na base da moralidade comunista está a luta pela estabilização do comunismo, que é, ao mesmo tempo a base da educação, da formação e da instrução comunistas. (*Lenine, O papel das juventudes comunistas. Biblioteca Comunista, 1931*).

receie afirmar que este ataque é obra demoníaca. Muitos pensadores cristãos modernos não se pejam contudo de ver no comunismo e na sua dialéctica uma inteligência sobrehumana, alguma coisa de diabólico.

Temos para nós que o comunismo se não pode compreender sem estudar a acção do demónio neste mundo como a descrevem os Evangelhos e as Epístolas Católicas, sobretudo as de S. Paulo, de S. João e de S. Pedro. À luz da Revelação, o comunismo aparece em todos os seus misteriosos contornos.

Luta contra Cristo, vontade deliberada de construir um Contra-Evangelho, um Contra-Corpo Místico, ou melhor uma Contra-Cristandade. A luta contra a burguesia e o capitalismo são apenas instrumentos de acção. Como veremos, o comunismo fez-se anti-capitalista por necessidade de acção. A sorte da classe operária não é para ele nenhum objectivo. Dissociou o trabalhador, escravizou-o à matéria, submeteu-o à tirania despótica do partido, sob a promessa de um futuro e longínquo paraíso terrestre que nenhum comunista gosará. Se se serve da miséria dos trabalhadores é apenas, como veremos, num mero objectivo de utilizar a sua força contra Cristo e contra a Igreja — presença de Cristo no mundo.

Ao ver a expansão comunista mesmo em nações cristãs progredir e solidificar-se, que devemos pensar? Que a Europa, como prevê Brice Parain, pas-

sará necessariamente pela prova do comunismo ⁽¹⁾, e que não temos já forças para o evitar?

Seja como for, uma certeza permanece. Cristo venceu Satã. E S. Paulo repete-o inúmeras vezes: vencê-lo-á de novo:

«Sede ajuizados em vista do bem e simples em face do mal, e o Deus da Paz esmagará Satã debaixo dos vossos pés, sem demora». (Rom. XVI, 19-20).

«Então se produzirá a revelação do iníquo, que o Senhor Jesus destruirá com o sopro da sua boca...» (II Tessal. II, 8).

Esta certeza é a nossa força, e a nossa esperança! Não temos outra nem confiamos noutra. Cristo não morre mais, por mais vontade de potência dos que O querem de novo matar — e definitivamente:

«*Christus resurgens ex mortuis jam non moritur, mors illi ultra non dominabitur* — Cristo, porque ressucitou de entre os mortos, não volta a morrer; a morte não O dominará nunca mais! (Rom. VI, 9).

Mas a fraqueza do cristianismo e aparente fraqueza de Cristo, que não conseguem entravar a

⁽¹⁾ Brice Parain. Revista *Esprit*, fasc. IX, pg. 363 e Revista *Dieu vivant*, fasc. 5, pág. 81 (Artigos diferentes).

marcha do comunismo e de tudo o que lhe prepara os caminhos?

...«*A loucura de Deus é mais sábia do que os homens e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens*» (S. Paulo I Cor., I, 25).

Fortaleçamos, pois, a nossa Fé!

A ACÇÃO COMUNISTA

A acção revolucionária do marxismo é fiel ao pensamento marxista. É que a acção também tem a sua teoria: «Sem teoria, escreve Lenine, não há movimento revolucionário; só dirigido por uma teoria de vanguarda poderá o partido exercer a sua função de combatente da vanguarda». (1)

Para compreender a acção comunista, precisamos portanto de conhecer-lhe a teoria.

Como vimos no capítulo antecedente, o homem é acção. Não existe mesmo nada que não seja acção das forças materiais em evolução constante, em permanente movimento ascensional. O comunismo é a filosofia do esforço — da acção.

Se tudo se limita á acção, para que o homem se realize e se transforme num homem novo, liberto

(1) Citado por *Gustave Gautheret*, *Le Monde Communiste*, Spes, Paris, 1927, pág. 25-26.

e poderoso, é necessário que a acção seja *eficaz, implacável e disciplinada*.

Para ser eficaz, não pode prender-se com velharias morais que a detenham. A acção é uma arte, uma táctica! Todos os recursos da arte devem ser postos ao seu serviço; todas as peias que a entrem devem ser quebradas.

E o raciocínio começa lógico: se a acção é a única realidade, só dela podem provir o direito, a moral e a verdade. Que outro fundamento, com efeito, lhes poderemos encontrar? Para um comunista, a verdade, o direito e a moral serão aquilo que a acção o exigir em cada momento: «Quando nos falam de moralidade, nós dizemos: Para o comunismo a moralidade consiste, toda inteira, nesta união, nesta solidariedade disciplinada, e nesta luta consciente das massas contra os exploradores. Nós não acreditamos na moralidade eterna, e denunciámos a mentira de todas as moralidades legendárias... A luta de classes continua e nós devemos subordinar tudo às exigências desta luta. É por isso que nós lhe subordinamos a nossa moral comunista. Nós dizemos: a moralidade é o que serve para destruir a antiga sociedade exploradora e para agrupar todos os trabalhadores à volta do proletariado para a criação da nova sociedade comunista» ⁽¹⁾.

⁽¹⁾ *Lenine*, Discurso à juventude, no 3.º Congresso pan-russo das Juventudes Comunistas, 1920.

Não há, portanto, para o marxismo, moral estável. Não só esta muda com a natural evolução das forças materiais criadoras da história, mas também com as exigências da acção em cada momento histórico. Assim o que hoje é moral para o comunismo, amanhã pode não o ser. E o mesmo se diz do direito e da verdade. Esta concepção *dialéctica* da moral e da verdade explica muitos dos maiores mistérios do comunismo. Por exemplo: o comunismo não tem pátria. O trabalhador não tem outra senão a pátria internacional da classe proletária revolucionária. Mas, se as exigências da acção forcarem a afirmar o contrário e a agir em sentido oposto, isso será então a moral e a única verdade. Foi precisamente o que se deu. O objectivo do comunismo é criar a Pátria Internacional do comunismo. Digamos em palavras mais claras: criar um mundo novo onde Deus não entre. O comunismo então lutará contra a ideia de Pátria: «Os proletários *não têm pátria*. A única missão do proletário em relação à sua pátria é, não de a defender, não de trabalhar para a sua grandeza e para a sua glória, mas de fazer todos os esforços possíveis para a destruir» (Boukharine) ⁽¹⁾. Mas como as exigências da acção impõem que se fortaleça a U. R. S. S., a fim de que ela possa tornar-se suficientemente grande e bastante-

⁽¹⁾ A. B. C. do comunismo, cit. em Dictionnaire de sociologie, palavra Bolchevismo, III vol., col. 1334.

mente forte para esmagar as outras pátrias, o mesmo Boukharine escreverá anos depois:

«Nada há de mais belo no mundo do que o aspecto renovado deste país que o comunismo construiu e que é a minha pátria... Nós vivemos para o seu bem-estar, para a sua glória, para a sua grandeza... e, se for necessário, nós lhe ofereceremos a nossa vida.» ⁽¹⁾

Um comunista consciente da sua fé comunista raciocina, portanto, assim: a pátria (a dele) é um obstáculo à revolução mundial: não admitirei a pátria; mas como, neste momento, as exigências da revolução mundial exigem que na U. R. S. S. se aceite a ideia de Pátria e se leve ao rubro o patriotismo soviético, o comunismo será anti-patriota em relação à minha pátria e patriota em relação à grande Pátria-mãe. O dever do comunista em todos os países é, portanto, enfraquecer a sua pátria e ajudar a fortalecer a Rússia. E nisto é simplesmente lógico, e nada mais.

Liberto assim de toda a moral e de toda a verdade permanente, a acção deve também libertar-se de qualquer consideração de ordem sentimental. «O jovem soviético é o jovem bárbaro, cheio de força, que não foi corrompido pela civilização capitalista, que não foi pervertido pelo conforto e pelo

⁽¹⁾ *Id. id.*

bem-estar... que se não deixou ainda vergar sob o jugo da legalidade e da ordem burguesa. Tem por antepassados os agricultores que incendiavam as searas e as colheitas dos senhores» (1).

Barbaridade é o tom do comunismo. Barbaridade e... arte. O comunista tem de saber aproveitar as menores oportunidades, utilizar as mais simples realidades, «tudo quanto possa enfraquecer o adversário, desuni-lo, dividi-lo, e tudo quanto possa atrair a si as massas, mesmo se devem ser aliados temporários, cambaleantes, condicionais, pouco sólidos e pouco seguros. Quem não compreendeu esta verdade não compreendeu uma polegada do comunismo» (2).

Para a eficacidade da acção exige-se, portanto, e em primeiro lugar, *liberdade* de acção, obtida como vimos pelo desprezo total de toda a moral e de toda a verdade. Mas não basta a liberdade de acção: é necessário também que esta seja sempre *implacável*.

Os fundamentos ideológicos que levam os comunistas à necessidade de uma acção total e radical, já os conhecemos: tudo o que a acção exigir como útil não só é moral, mas verdadeiro, justo e santo. A acção comunista, justificada assim na sua mais

(1) *Bulletin communiste*, Março de 1919, art. Lui.

(2) *Lenine*. A doença infantil do comunismo. *Bibl. communiste*, 1921, pág. 76.

dura violência, será de uma ferocidade atroz para vencer. Que importam sentimentalismos, princípios ou tradições de humanidade? Que importa o universal sentimento de piedade? Deus sucumbiu, diz repetidas vezes Nietzsche nos seus livros, porque era piedoso, compassivo, misericordioso...

Não! A revolução mundial não pode sucumbir! O homem forte, o homem superior, o homem comunista repele a compaixão como a maior de todas as traições.

«Uma tal violência, escreve Boukharine, não só é lícita; é santa!» ⁽¹⁾

«Falais de rios de sangue, diz por sua vez Lenine, que causará a guerra civil; mas estes rios de sangue darão a vitória ao proletariado...» ⁽²⁾

Implacável é a palavra de ordem de toda a acção comunista. Mas, se não existe ainda força suficiente para vencer nesta forma de combate, a dureza deixará de ser o tom dos discursos e da propaganda. Os comunistas transformam-se então em apologistas da paz, do amor, da comiseração contra os crimes da burguesia, contra a impiedade dos seus inimigos. Os anjos das trevas, aparecem como anjos de luz; os lobos vestem a pele do cordeiro. Nada há, sobre este assunto, mais expressivo do que esta passagem de Lenine: «O socialismo é contra a violência exer-

⁽¹⁾ Cit. em *Monde Communiste*, obr. cit. pág. 46.

⁽²⁾ *Lenine*, Sur la route de l'insurrection, pg. 42.

cida para com as nações; é contra a violência em geral. Contudo... ninguém ainda concluiu que o socialismo se opõe à violência revolucionária. Por conseguinte, falar de violência em geral, sem distinguir as condições que diferenciam a violência *reacionária* da violência *revolucionária*, é agir como burguês inimigo da revolução ou então ser um puro sofista... O mesmo raciocínio se aplica à violência para com as nações. Toda a guerra é uma violência para com as nações, mas isso não impede os socialistas de serem pela *guerra revolucionária*. O carácter de classe da guerra eis a questão fundamental que se põe diante de todo o socialista, se não é um renegado...» (1)

Luta implacável, violência, sem piedade, quando se trata das exigências do comunismo; luta contra a violência, luta contra a guerra, se o comunismo não pode ainda ter exigências.

Esta aparente duplicidade chama-se lógica, e nada mais.

Não basta, porém, para o triunfo da revolução, que a acção revolucionária seja conduzida com eficacidade e com dureza. É preciso que o seja também com *disciplina*.

E nisto, o comunismo é «exemplar». O comunismo é um partido. Tem os seus chefes. Estes é que sabem quais são, a cada momento, as exigên-

(1) *Lenine* — *La revolution proletarienne*, pg. 83-85).

cias da acção, e as conveniências da revolução. O que disserem, o que mandarem é que é a verdade, a justiça e o bem: «Camaradas, nenhum de nós quer ter ou pode ter razão contra o seu partido. O partido, bem examinadas as coisas, tem sempre razão, porque o Partido é o *único instrumento dado pela História ao proletariado para que possa atingir os seus principais objectivos*» (1).

Sendo assim, o Partido será ditatorial. E se, um dia, governar sozinho ou em maioria, estabelecerá a ditadura com inexorável violência. É que a ditadura violenta, implacável é o único meio de formar o homem novo, esse jovem bárbaro herdeiro dos incendiários, esse homem temperado para a revolução mundial. A Revolução não suprime, portanto, o Estado. Quando estiver completamente realizada, quando o mundo for todo comunista e a juventude for já constituída por esses jovens bárbaros, então, sim; então a luta de classes ocupar-se-á em suprimir a ditadura do proletariado pelo regime de liberdade. Até então, não só o Estado não será suprimido, como será o mais ditatorial de todos os Estados. Porquê? Porque a revolução, escreve Lenine (2) não se faz com homens imaginá-

(1) *Trotsky*. Bulletin communiste, 4 de Julho de 1924, pág. 641. Trotsky aprendeu à sua custa o que representa... não dar razão ao Partido!

(2) Confr. *Charles Gide e Charles Rist*, Histoire des doctrines économiques, obr. cit., pág. 764.

rios, mas com homens tais quais são agora, homens que não podem dispensar nem submissão, nem controle, nem vigilância. A ditadura do proletariado será portanto implacável e a disciplina do partido do mais extremo rigor. Uma palavra caracteriza a ditadura do proletariado — disciplina de ferro: «Pois que o Estado não é mais do que uma instituição transitória de que é preciso servir-se, na luta e na revolução, para abater os seus adversários, é um puro não-senso falar dum Estado popular livre; enquanto o proletariado tiver necessidade do Estado, tem necessidade dele não para salvaguardar a liberdade, mas para esmagar os seus adversários; quando chegar o momento de falar em liberdade, o Estado como tal deixa de existir» (¹).

A ditadura, para impor a *disciplina de ferro*, abrange todas as formas da actividade. Tanto a educação, como a política, a economia e a arte, tudo fica sujeito à mesma disciplina imposta pelo partido: «Até à realização da fase superior do comunismo, os socialistas reclamam o *mais severo* «controle» da medida do trabalho e do consumo, tanto da parte da sociedade como do Estado» (²).

O operário é, pois, militarizado, fiscalizado, obrigado à mais rigorosa disciplina. Stakhanovistsch é

(¹) *Engels* a Babel, 28 de Março de 1875, cit. por *Lenine* em *La revolution proletarienne*, pág. 28...

(²) *Lenine*, cit. por *Charles Gide* e *Charles Rist*, obr. cit. pág. 767.

um nome connecido em economia política, precisamente por ter o seu nome ligado a um sistema de produção... *racional!* Assim, o regime comunista nem será livre, nem justo, mas disciplinador: «Sem as formas de coacção governamental que constituem o fundamento da militarização do trabalho, a substituição da economia capitalista não será mais do que palavra vã» ⁽¹⁾.

É evidente que nada disto é um dogma. Não há dogmas para os marxistas, mas verdades mutáveis. Se num determinado momento, convier, à tática da revolução, mudar de rumo, fazem-se todas as concessões, sem esquecer porém o objectivo em vista. Neste sentido nada há mais sintomático do que a atitude do Kremlin em matéria económico-social.

A revolução de 1917 instituiu o comunismo integral, suprimindo toda a propriedade dos agricultores. Esta transformação, tirando aos antigos proprietários russos não ainda suficientemente «domesticados», toda a espécie de estímulo, deu em resultado uma grande miséria. No terrível Inverno de 1920-21, morreram de fome cinco milhões de russos. Ameaçado duma revolta geral, Lenine instituiu a Nep (Nova economia política), em 21 de Março de 1921. Neste novo regime só permaneceram monopólio de estado a grande indústria, o comércio externo, os bancos e o grande comércio

⁽¹⁾ *Trotsky. Terrorisme et communisme, 1920.*

interno. A pequena indústria e o pequeno e médio comércio ficaram a exercer-se livremente. Os agricultores puderam ficar com as suas terras, o salariado foi tolerado, suprimidas as requisições e o comércio tornado livre. Mas a Nep fez ressuscitar o burguesismo. Muitos dos mais puros marxistas começaram a reagir contra ela. Trotsky afirma que a Nep não só está em oposição flagrante com os princípios comunistas, mas se transformara num perigo político permanente para o regime. Staline resistiu a Trotsky que não só se propunha restaurar o comunismo integral, mas apoderar-se do poder. O XV.º Congresso do Partido Comunista, reunido em Dezembro de 1927, deu a maioria a Staline. A oposição foi quebrada; Trotsky e os seus partidários expulsos do partido e deportados para a Sibéria. No entanto a opinião de Trotsky fez os seus efeitos. Staline resolveu dispersar os partidários da Nep, suprimiu-a, lançando o seu grande primeiro Plano Quinquenal.

É evidente que o Partido tem sempre razão. As mudanças de tática e de «doutrina» são sempre, naquele preciso momento em que se realizam e durante todo o tempo que duram, a... verdade integral.

Da mesma forma a restante tática. O regime soviético é uma ditadura. Todo o regime de revolução comunista é sempre uma ditadura violenta, implacável. Devemos admirar mesmo a heroicidade com que os partidários do comunismo se submetem

voluntariamente a um tal regime que de si mesmo se diz não ser livre nem justo. Fazem-no por misticismo, na vontade de potência de criar, com o seu sacrifício, o homem novo, cheio de ângulos rectos, senhor e dominador da terra e de si mesmo.

Não é, porém, por hipocrisia que lutam contra as ditaduras. Se a verdade e a justiça são o que, em determinado momento, exige a maior utilidade da Revolução, é claro que a verdade e a justiça serão: defender a ditadura soviética à custa da própria vida, e lutar contra todas as ditaduras não soviéticas, por serem um obstáculo, pelo menos retardador da Revolução mundial. Quando vemos, por isso, os jornais comunistas gritar contra as ditaduras, entendamos sempre: as ditaduras não comunistas. Quem não entender isto não entendeu «uma polegada do marxismo».

Não esqueçamos, porém, que um dos deveres dos marxistas é iludir, enganar o adversário. Muitas vezes atacam em palavras o que defendem em actos. Se determinada instituição os pode favorecer, são capazes de a atacar em palavras, para deitar «poeira nos olhos». Temos, como adiante se verá, um exemplo típico no super-capitalismo, que eles atacam furiosamente na sua propaganda, mas apoiam decididamente com os seus actos. A insinceridade perante o adversário é um serviço à causa da Revolução. E nisso nem são mentirosos nem cínicos. São lógicos e nada mais.

A revolução russa, é, porém a primeira etapa da Revolução mundial. Quem o esquecer nada pode entender da política soviética, nem das manobras dos partidos comunistas nos países ocidentais.

É que as exigências da revolução mundial vão comandar toda a «doutrina comunista» e toda a sua tática, segundo os mesmos princípios que orientaram a revolução russa.

Poderá Staline declarar, a 4 de Março de 1936, numa entrevista a um jornal americano, que os outros países não devem reear a Rússia, pois não pensa ela, *de maneira nenhuma*, impor as suas teorias às nações capitalistas. Poderá abolir a Internacional como hino soviético, ou dissolver o *Komintern*. Tudo isso é «poeira nos olhos», porque o objectivo permanece sempre o mesmo. E tem de permanecer, sob pena de falência de toda a majestosa arquitectura bolchevista. O próprio Staline jurou ser-lhe sempre fiel ⁽¹⁾. A criação do *Komin-*

(¹) Quando Lenine morreu, escreveu Staline (Confr. Dictionnaire de Sociologie, III vol., col. 1351):

«Lenine nunca considerou a nossa República Soviética como o seu fim definitivo, mas sempre como a primeira etapa que deve facilitar a vitória do proletariado mundial... Ele era o chefe não só do proletariado russo, ou do proletariado europeu, mas de todos os proletários das colónias e dos trabalhadores do mundo inteiro. Morrendo, Lenine deixou-nos o seu testamento político. Nós te juramos, camarada Lenine, que não pouparemos nada nem sequer a nossa vida, para fortificar e alargar a 3.^a Internacional, esta união dos trabalhadores do mundo inteiro.»

form o atesta. Toda a diplomacia russa o confirma. O pensamento de início e a exigência da doutrina, continuam: «A juventude da União Soviética, escreveu Kossariev, em 1 de Setembro de 1934, armase da teoria revolucionária, preparando-se ao mesmo tempo para a sua grande tarefa de combatente da revolução mundial proletária. E isto não é frase de comício! A União Soviética é a Pátria do proletariado mundial. Temos orgulho da honra de trabalhar no país que o nosso grande Staline conduz a novas vitórias dum valor histórico mundial. E que os senhores capitalistas o não esqueçam: vamos bater-nos encarniçadamente, nós os soldados do exército proletário mundial, sobre o território do inimigo, conjuntamente com os seus trabalhadores e os seus soldados para sacudir o jugo do capitalismo maldito que é a causa de todas as guerras» (1).

É precisamente à luz da Revolução mundial que temos de examinar toda a acção comunista.

Como vimos atrás, nada mais existe do que acção. O homem revela-se e realiza-se na acção. Esta não é portanto um meio, mas *um fim* (2). Se

(1) Dictionnaire de sociologie, III, col. 1352.

(2) Tenho feito centenas de vezes a experiência, perguntando a trabalhadores: *para que* trabalham. Salvo raras excepções de operários mais bem formados que respondem:

é um fim, o que importa é encontrar os meios mais eficazes de a pôr em movimento. Mas a acção é revolucionária, isto é, tem por objectivo exclusivo transformar o que está, modificando-o sem cessar. A Revolução é a obra gigantesca, implacável, da transformação do mundo numa vontade revolucionária *total* que nada quer conservar, que não se prende a nada de estável, que se não liga a nada de conservador.

Para preparar os homens a esta vontade total de tudo transformar, de criar um outro mundo feito todo de novo, é preciso desligá-lo de tudo que o prende a qualquer coisa de estável, quebrar as cadeias que o ligam, pelo amor, pela afeição ou pelo interesse, ao *que é*.

Ora o que prende o homem à estabilidade, não o deixando formar-se em si mesmo uma vontade autenticamente revolucionária e transformadora — uma vontade de potência integralmente dialéctica — são sobretudo a *religião*, a *família*, a *propriedade*, o *exército*, a *Pátria*.

Toda a acção marxista vai encarniçar-se, portanto, em destruir no coração humano o amor a

para cumprir o dever, ou coisa semelhante, todos os demais dão sempre a mesma resposta: *para viver*, ou *para ganhar o pão*. Um comunista responderia, pura e simplesmente: *trabalho... para a Revolução*. Enquanto os nossos nos dizem que trabalham para viver, os comunistas sabem que vivem para *trabalhar*. O trabalho é o fim e a razão de ser do homem.

cada uma destas coisas ⁽¹⁾. Vejamo-lo em por-menor.

O ataque a Deus é uma exigência da teoria marxista, como vimos no capítulo antecedente. Mas é também uma exigência da acção. O operário que acredite em Deus, sabe que é criatura, que não foi ele, operário, que criou o mundo, que tem de prestar contas a Deus pela maneira como proceder nesta vida, e, portanto, que não deve revoltar-se contra o seu Criador nem contra a Sua Criação. Por isso mesmo, nunca poderá ser comunista.

Os comunistas sabem-no. E daí considerarem a religião como o mais perigoso adversário: «toda a ideia de religião, dizia Lenine, é uma abominação indizível».

É preciso, portanto, combatê-la, não apenas teò-ricamente, mas pela acção: «Não se deve confinar a luta contra a religião numa prègação desta natureza, mas é preciso ligar a luta à prática concreta do movimento de classe com o fim de fazer desaparecer as raízes sociais da religião... O marxista deve ser materialista, isto é, inimigo da religião, mas *ma-*

(¹) Em linguagem filosófica da dialéctica materialista, diríamos: Quando a acção marxista se põe como tese, vai encontrar como obstáculo (antítese) tudo o que na sociedade pode constituir uma estabilidade qualquer. Para que surja a síntese, é necessário o choque com todos esses factores de estabilidade. O comunismo atacará então toda a ordem existente, seja boa ou má. E nisto não é anárquico, mas disciplinadamente dialéctico.

terialista dialéctico, quer dizer, que encara a luta contra a religião não de maneira abstracta, não sobre o terreno da abstracção puramente teórico duma propaganda sempre igual a si mesma, mas de maneira concreta, sobre o terreno da luta de classes realmente em marcha, e que educa as massas mais do que tudo e melhor do que tudo» (¹).

A propaganda anti-religiosa do marxismo não se contenta de museus dos sem-Deus ou de revistas antireligiosas. A sua função é mais prática: esvasiar o homem, por dentro, da ideia de Deus, fazer-lhe ver que a religião é uma limitação, um entrave à libertação dos trabalhadores, o *ópio do povo*. Indo mais além no seu combate *prático, dialéctico* como diz Lenine, a luta contra a religião consistirá em desacreditar os preceitos religiosos, desmoralizando os costumes do povo, tirando sentido à moral cristã, ridicularizando o clero, laicizando as instituições. E isto interessa-lhe mais do que opor uma «verdade» ateia a uma verdade religiosa, porque o comunismo não se interessa por campanhas doutrinárias anti-religiosas, como se não interessa por nada que seja doutrinal, senão na medida em que o exijam as circunstâncias. Por falta de conhecimento deste carácter *dialéctico* do marxismo, muitos se iludem vendo na tolerância religiosa praticada pela Rússia

(¹) *Lenine*, cit. por R. P. Delaye, *Pour connaitre le communisme*, Spes, Paris, pág. 225.

em sua própria casa e na casa dos vizinhos, bem como na política da «mão estendida» uma confissão implícita do seu erro ou uma confissão evidente da falência da sua tentativa ateia.

Quando o comunismo se torna tolerante, ou quando encerra os museus anti-religiosos, bem como quando cessa toda a propaganda contra Deus, fá-lo sempre movido pelas exigências da acção ou por conveniências políticas de iludir e de arrastar os homens — o maior número possível — a uma acção puramente materialista.

Para compreendê-lo basta ler como Lenine explica a dialéctica da acção: «Tomemos um exemplo. O proletariado duma região ou dum ramo de indústria é formado, suponhamo-lo, por um grupo de sociais-democratas bastante esclarecidos que são evidentemente ateus, e por operários bastante atrasados com ligação ainda aos campos, crentes em Deus, indo à Igreja ou mesmo submetidos à influência directa do Padre da localidade que, suponhamos, se ocupa da fundação dum sindicato operário cristão. Suponhamos ainda que a luta económica na região conduziu à greve. Um marxista é obrigado forçosamente a colocar o bom resultado da greve em primeiro plano, a reagir resolutamente contra a divisão dos operários em cristãos e ateus, nesta luta. Em tais circunstâncias, a propaganda ateia pode mostrar-se supérflua e até prejudicial... sob o ponto de vista do progresso real da luta de clas-

ses, a qual, nas actuais circunstâncias da sociedade capitalista moderna, levará os operários cristãos à social-democracia e ao ateísmo com vezes melhor de que um sermão ateu...» (1)

Se nos dermos ao cuidado de examinar bem este texto, perfeitamente claro, a não poder ser mais, veremos que a campanha anti-religiosa assume sempre um aspecto *prático*. São as exigências do movimento quem vai determinar a maneira de proceder. A verdade comunista pode ser, em *determinadas circunstâncias*, não fazer ateísmo, dar a mão aos católicos, dar-lhes até dinheiro para as suas igrejas, honrar os seus mais altos representantes, fazer mesmo folclore religioso. O que interessa, *naquelas circunstâncias*, é o triunfo do Partido, triunfo que será muito mais eficaz para esvasiar o homem do seu conteúdo religioso, do que um sermão ateu, ou simplesmente laico.

Toda a acção puramente materialista é uma porta aberta ao comunismo. O laicismo, por mais anti-comunista que se apregoe, destruindo a disciplina religiosa, prepara os homens para a *dialéctica* materialista de Carlos Marx. Vê-lo-emos adiante.

A segunda cadeia que prende os homens a uma estabilidade, que os liga a alguma coisa que amam

(1) *Lenine*. De l'attitude du parti ouvrier à l'égard de la religion. Reproduzido em *Marx, Engels, Marxisme*.

e que desejam ver prosperar e engrandecer, é a *família*. Um homem preso ao lar, à esposa e aos filhos está ligado por qualquer coisa *ao que é*, não deseja transformar tudo, não pode ser *totalmente* revolucionário.

A acção marxista vai, portanto, ocupar-se em quebrar este laço, para que o homem se consagre inteiramente à gigantesca obra da revolução dialéctica do mundo.

São suficientemente conhecidas as teorias marxistas sobre a família. Engels consagrou-lhe um largo estudo ⁽¹⁾. Tão espalhadas estão as doutrinas

⁽¹⁾ *Engels. Origines de la Famille, de la propriété privée, et de l'Etat*, Paris, Alfred Costes, edit., 1948. Lemos, a pág. 80: «Marchamos neste momento para uma revolução social em que as bases económicas actuais da monogamia desaparecerão tão seguramente como as do seu complemento: a prostituição. A monogamia nasceu da concentração das grandes riquezas nas mesmas mãos, as de um homem, e do desejo de transmitir estas riquezas por herança aos filhos deste homem com exclusão de qualquer outro... Mas a revolução social iminente transformando, ao menos, a imensa maioria das propriedades imobiliárias — os meios de produção — em propriedade social, reduzirá ao mínimo todas estas preocupações de transmissão hereditária. Ora tendo nascido a monogamia de causas económicas, desaparecerá com o desaparecimento destas causas?... Passados que forem à propriedade comum os meios de produção, a *família individual* deixa de ser a unidade económica da sociedade. A economia doméstica privada transforma-se numa indústria social. Os cuidados e a educação a dar aos filhos tornam-se uma função pública; a sociedade toma a seu cuidado todos os filhos, sejam legítimos ou naturais. Assim desaparecerá a preocupação das «consequências», que é hoje o motivo social essencial — tanto moral como económico — que impede uma rapariga de se dar sem preconceitos àquele que ama...

anti-familiares e anti-natalistas que não vale a pena demorar-nos com elas. O que importa focar sobretudo é que esta luta contra a família, à semelhança do que acontece com a luta ateia, é considerada pelo comunismo como um excelente meio de acção revolucionária: o homem tem de desligar-se de todos os laços que o impedem de ser um revolucionário *total*.

Mas a luta contra a família constitui, além disso, um poderoso meio de minar a ordem que chamam burguesa. É que a família é a célula da sociedade, o alicerce sobre que assenta toda a vida social. Destruída a família, mais fácil se torna a tarefa da revolução.

Entendamo-nos, porém. Também aqui o comunismo é dialéctico. Se em determinadas circunstâncias, as exigências da Revolução mundial reclamarem que a U. R. S. S. se transforme na maior de todas as potências para as poder abater a todas; e se se *verificar* que a família é o meio mais seguro de dar à Pátria-Mãe da Revolução os soldados de que ela necessita, tanto em quantidade como em qualidade, então a verdade comunista é a família e a sua defesa intransigente... na U. R. S. S.. O que

E enfim, não vemos que, no mundo moderno, monogamia e prostituição são, é verdade, antinomias, mas antinomias inseparáveis, dois polos dum mesmo estado social? A prostituição poderá desaparecer sem arrastar consigo para o abismo a monogamia?»

muitos supõem uma «conversão» comunista no que respeita à família, não passa de uma tática revolucionária de momento. Nas outras nações não dominadas ainda pelo comunismo, a *verdade* continuará sendo a destruição da família por todos os meios práticos, não só para ir abalando os pilares da sociedade não comunista, como também para preparar homens sem ligações a qualquer coisa de estável, capazes de compreender o comunismo e de o realizar.

A outra cadeia a quebrar é a *propriedade*. A propriedade adquire-se pelo esforço, pelo sacrifício ou pela tradição familiar. Numa palavra, pelo trabalho. Na propriedade o homem põe qualquer coisa de si mesmo. Por isso a ama e a defende com coragem. Um homem ligado à propriedade não pode ser um revolucionário total. Há alguma coisa que o detem nos seus ímpetos de tudo transformar: o que é *seu* e lhe pertence como reflexo da sua personalidade no tempo e no espaço. Para ele, aquilo é. Para ele, a propriedade é uma *realidade*, que não deseja ver submetida à lógica implacável da dialética. O proprietário não é o homem que convenha ao comunismo. O homem de que precisa é o *proletário*: primeiro porque o homem, para Marx, é essencialmente o *trabalhador*; depois porque, não tendo nada e *não sendo* nada na sociedade em que vive, facilmente apreende o materialismo dialéctico

que o transforma num instrumento magnífico da Revolução.

Com efeito, enquanto o operário se sente ligado a qualquer coisa que o prenda, enquanto tem a sensação de que é alguma coisa no meio em que trabalha e na sociedade em que vive, está como que *enraizado* a um modo de viver estável, tem a sensação de *segurança*, ama a sua vida. Pode acontecer que deseje melhorar as condições de trabalho, que aspire à obtenção de certas reformas sociais, que se sinta mesmo injustamente tratado e tenha acessos de mau humor. Não é, contudo, um proletário no sentido marxista da palavra, não é um desenraizado, não deseja transformar *tudo*.

O marxismo, que nasceu a meados do século passado, no meio de uma sociedade liberal que reduziu a enorme massa trabalhadora à mais execrável miséria, sem direitos nem segurança, despojada de tudo, não tendo mais nada para viver do que a força dos seus braços alugada dia a dia aos possuidores dos instrumentos de trabalho, que dispunham dela na medida dos seus caprichos ou dos seus interesses, encontrou nessa massa humana sem eira nem beira, sem direitos nem segurança, sem estabilidade nem ligação de nenhuma espécie à ordem estabelecida, o homem idealmente preparado para se lançar à tarefa gigantesca da transformação revolucionária do mundo. O marxismo é proletário, mas não por *compaixão* para com os trabalhadores. Para ele a

vida humana não tem outro valor senão o da acção que desenvolve. O marxismo é proletário, porque o proletário é o homem que não tendo nada, nem estando ligado a nada de existente, de perdurável e de estabelecido, é o elemento de que precisa para destruir quanto existe e se lançar à tentativa diabólica de fazer um mundo diferente: o mundo sem Deus.

O marxismo identifica-se, portanto, com a acção revolucionária do proletariado, *por interesse*. Serve-se dos proletários; não os serve. E esta conclusão é evidente, se repararmos na concepção marxista do mundo, em que o homem desaparece no imenso turbilhão das forças materiais, de que não é mais do que uma simples engrenagem ao serviço dessas mesmas forças.

O marxismo precisa do proletário e não pode triunfar sem ele. Mas como precisa dele, vai dirigir todos os seus ataques à propriedade particular, fazer a terra e os instrumentos de trabalho propriedade *colectiva*, a fim de poder manter os homens em permanente estado de proletariado, isto é, em permanente desejo de revolução.

Enganam-se profundamente, dando mostras de profunda ignorância do marxismo, aqueles que supõem ser ele contra os grandes proprietários e os grandes capitalistas, em defesa dos pequenos. Quem tiver observado a actuação dos comunistas nos par-

lamentos e na administração pública notará, ao contrário, que favorecem quanto podem a concentração industrial, a expansão das grandes sociedades anónimas e o desenvolvimento das grandes concentrações capitalistas, enquanto que lançam o maior número de entraves ao desenvolvimento da indústria caseira, da pequena indústria e da pequena propriedade rural.

E procedem assim por dois motivos: primeiro, para «fazer» proletários, ou, como diz Marx, para favorecer a *proletarização* crescente; segundo, para facilitar a revolução, pois é mais fácil suprimir um pequeno número de grandes, do que um grande número de pequenos ⁽¹⁾. A comunização duma sociedade exige a maior concentração capitalista. Os comunistas impulsioná-la-ão, porque, fazendo-o, preparam magistralmente a revolução proletária, que, para socializar os instrumentos de produção, apenas necessita de expropriar um pequeno número. As grandes empresas capitalistas abrem as portas

(1) «Aniquilar as classes não consiste só em expulsar os grandes proprietários e os capitalistas, o que é *relativamente fácil*; mas também em aniquilar os pequenos produtores de mercadorias: e é *impossível* expulsá-los, é impossível esmagá-los. É preciso tratá-los bem, devem ser transformados, refeitos, por um longo trabalho de organização, muito *lento* e muito *prudente*. Eles cercam os proletários por todos os lados de uma atmosfera de burguesismo, penetram-nos dela, corrompem-nos com ela...» (Lenine, *La maladie infantile du communisme*, pág. 40).

ao comunismo; as pequenas empresas, as indústrias caseiras, a pequena propriedade, fecham-nas ⁽¹⁾.

Mas aqui, como no resto, o ataque à propriedade é feito segundo as conveniências do movimento. Se para obter a colaboração dos pequenos proprietários rurais ao comunismo convier «defender» a pequena propriedade, ele o fará com o mesmo entusiasmo com que ataca a propriedade em geral. É preciso não esquecer que o marxismo não é uma verdade, nem admite nenhuma. A sua propaganda não tende, por isso, a demonstrar qualquer verdade ou a difundir qualquer doutrina. Nos seus jornais, nas suas folhas soltas, nas suas assembleias não encontraremos por isso outra coisa senão factos, ideias-força, palavras agitadoras, que sirvam para movimentar, entusiasmar os leitores ou os ouvintes, sem nenhuma preocupação de serem fiéis a qualquer verdade.

Isto explica toda a táctica da sua acção não

(¹) A grande empresa favorece o comunismo ainda por outro motivo: despersonaliza o homem. O operário passa a ser um *número*; perde o contacto com o patrão; a empresa não tem carácter de uma comunidade; o operário não vê sequer o produto do seu trabalho que passa por muitas secções antes de estar terminado, e que é vendido inteiramente diferente do que saiu das suas mãos. Identifica-se à máquina; é «esmagado» por ela; tem menos valor do que ela. A técnica é onnipotente. Perante ela o homem torna-se *rebanho*, *massa*, sem ligação pessoal a nada. E no barulho das máquinas o homem sente-se num mundo infernal, num mundo sem Deus. O homem fica só com a sua miséria de proletário, embora seja um intelectual.

só com respeito às realidades de que já falamos — Deus, família, propriedade — mas também às outras: *exército e Pátria*.

Todo o exército não comunista é um obstáculo à revolução. É preciso destruí-lo. Mas o exército soviético é uma força da revolução. É preciso fortalecê-lo de cada vez mais, sacrificar tudo por ele, pois sem ele não se fará a revolução mundial. Na U. R. S. S. de hoje todos os esforços da imensa nação estão orientados nesse sentido.

A Pátria, por sua vez, é uma realidade incômoda, um obstáculo poderoso contra o marxismo. É preciso minar-lhe os fundamentos. Mas a Pátria-Mãe da Revolução essa é preciso engrandecê-la, sacrificar tudo por ela, para que possa cumprir a sua missão histórica. O comunista consciente lutará contra a *sua* Pátria, e favorecerá, por todos os meios ao seu alcance, a U. R. S. S.. Se, porém, as conveniências do movimento aconselharem, em determinadas circunstâncias, a defender a própria Pátria, o comunista será acrisolado patriota... se isso favorecer, é claro, a força política, militar, diplomática ou económica da U. R. S. S., a quem a história confiou nos tempos modernos o encargo de estender a Revolução ao mundo inteiro.

A acção comunista tem a sua teoria. Teoria lógica, implacável, diabólica! Toda ela se dirige a destruir o *que é*, para construir um mundo novo, liberto

de Deus e da Sua Criação, um mundo em que domine o Homem como Deus ⁽¹⁾.

Para tentar o homem, apresenta duas caras: uma sedutora, naquelas regiões onde não conseguiu ainda dominar; outra verdadeira, satânica, onde impera. A sua luta é contra Deus e tudo quanto é santo. Pio XI podia, por isso dizer, na inauguração da Exposição Vaticana da Imprensa Católica:

«O primeiro perigo, o maior e o mais geral é certamente o comunismo sob todas as suas formas e em todos os seus graus, porque ameaça tudo, apodera-se de tudo, infiltra-se em toda a parte, aberta ou encapotadamente: a dignidade individual, a santidade da família, a ordem e segurança da sociedade, e sobretudo a religião, indo até à negação declarada de Deus e mais especialmente da religião católica.»

Temos para nós que, no fundo, o comunismo é um ataque directo a Cristo, mas um ataque cientificamente organizado, em que parece terem a sua parte de responsabilidade os próprios poderes infernais.

Como havemos de resistir-lhe com eficácia e decisão?

⁽¹⁾ «...Numa palavra, pretendem (os comunistas) implantar uma nova época social e uma nova civilização, oriunda apenas da oculta evolução da natureza: uma humanidade sem Deus.» Pio XI, Enciclica *Divini Redemptoris*, n.º 12.

ORGANIZAÇÃO DA ACCÇÃO COMUNISTA

A obra gigantesca de refazer o mundo e de o libertar de Deus, como e por que meios vai ser realizada?

A resposta a esta pergunta parece essencial para se ajuizar da extensão e profundidade do perigo que nos ameaça.

Notemos em primeiro lugar que a ferocidade da revolução a fazer será sempre, e em toda a parte, implacável. Aqueles que se confiam à brandura dos nossos costumes, desconhecem que o comunista é um homem *diferente* dos outros homens, com sentimentos novos, já adaptados à tarefa que urge realizar: «Muitos pensam que o *carácter* cruel da guerra civil é a consequência do «asiatismo» russo e duma cultura atrasada. Os adversários da Revolução na Europa ocidental não cessam de repetir... que nos países civilizados a revolução se fará sem crueldades. Palavriado estúpido! Num país capitalista, a resistência da burguesia não pode deixar de ser

maior... A guerra civil será então nesse país inevitavelmente mais violenta do que na Rússia» (1)

Em segundo lugar não esqueçamos que a revolução bolchevista tem uma finalidade mundial. A própria Constituição da U. R. S. S. assim o dá a entender: a) adoptando como «armas do Estado da União das Repúblicas socialistas soviéticas a foice e o martelo sobre *um globo terrestre* banhado de raios de sol e enquadrado de espigas, com esta divisa: «Proletários *de todos os países*, uni-vos!» (2); b) admitindo expressamente, no seu art. 14.º, alín. c), a admissão de novas repúblicas socialistas soviéticas no seio da U. R. S. S. — como aconteceu à Lituânia, Letónia e Estónia que a Constituição de 1945 enumera já como fazendo parte da União; c) não fixando sequer os territórios de que se compõe, mas deixando no «esquecimento» essa questão, para só dizer que «a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas é um Estado socialista *dos operários e dos camponeses*» (art. 1.º). Entende-se... dos operários e dos camponeses do mundo inteiro. Aliás a existência do Kominform só por si, e a dos partidos comunistas, inteiramente submetidos a Moscovo (capital da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (art. 145.º), prova suficientemente que o

(1) A. B. C. du Communisme, pág. 129.

(2) Constituição, art. 143.º.

objectivo de Lenine — ao qual Staline jurou permanecer fiel ⁽¹⁾ — continua sendo universal.

Como, e por que meios, dizíamos, será levada a cabo tão monstruosa tarefa?

A resposta é evidente: por intermédio do poderoso exército da U. R. S. S., e pela actividade revolucionária dos partidos comunistas nos diferentes países.

Tanto o exército como os partidos são organizados de maneira que podemos chamar perfeita, submetidos a uma disciplina de ferro, e galvanizados por uma mística diabólica. Toda a grande máquina — que de ano para ano se tenta aperfeiçoar — é dirigida por um comando único, consciente da sua missão, possuindo poderes descricionários e meios materiais abundantes. Se nos lembrarmos de que a U. R. S. S. ocupa não só as nações que oficialmente fazem parte da União, mas também outras (como a Polónia, Roménia, Tschecoslováquia, Hungria, grande parte da Alemanha e da Áustria, a Jugoslávia e a Albânia), temos de reconhecer que a ameaça comunista, tanto ideologicamente, como militarmente é bastante grave.

Deixando, porém, de lado a potência económica e militar do comunismo, examinemos a sua máquina política e a sua força de organização mundial.

(¹) Ver pág. 85.

A U. R. S. S. é dirigida superiormente pelo *Soviete Supremo* da União, que possui todo o poder legislativo ⁽¹⁾. Dele dimanam três órgãos fundamentais:

- a) O Presidium do Soviete Supremo, composto de um Presidente, 16 vice-presidentes, 1 Secretário e 24 membros;
- b) O Conselho dos Comissários do Povo (isto é, o Governo);
- c) Os Comissários do Povo (Ministros).

O Soviete Supremo é composto de duas Câmaras: o Soviete de União, eleito por sufrágio universal, à razão de 1 deputado por 300 mil habitantes; e o Soviete das Nacionalidades, composto por deputados eleitos pelas diferentes repúblicas, territórios autónomos, etc., segundo a sua importância. É ele quem nomeia o Presidium do Soviete Supremo e o Conselho dos Comissários do Povo.

O seu poder (*supremo*, diz a Constituição), na prática limita-se, porém, a pouco, pois reunindo-se apenas e normalmente uma vez por ano, é ao Presidium Supremo, composto de 41 membros, que é devolvido todo o poder, inclusivamente o de dissolver, em determinadas circunstâncias, o Soviete Su-

⁽¹⁾ Todos os dados sobre a organização política da U. R. S. S. são tirados da Constituição Soviética, segundo a reforma de 1945.

premo, de nomear Ministros, de exigir responsabilidades ao Governo, que a ele, aliás, tem normalmente de prestar contas dos seus actos.

Mesmo tudo isto, na prática, é ainda um pouco teórico. Com efeito, tem a sua sede em Moscovo o *Conselho Central do Partido Comunista*, com a *Comissão de Organização* e a sua *Comissão Política*. Entre o Conselho Central do Partido e o Conselho dos Comissários do Povo (Governo) existem tais laços de união que, regra geral, são os mesmos elementos que figuram num e noutro. No fundo, quem governa é o Partido, que, por intermédio dos seus emissários, está em toda a parte: no Governo central, nos Governos das repúblicas federadas, nos Soviets locais, nos comícios, nas fábricas, nos quartéis, nas aldeias.

O Conselho Central do Partido é, portanto, quem comanda tudo na U. R. S. S. e quem dirige, por intermédio dos seus órgãos especializados, a organização dos partidos no estrangeiro e a agitação revolucionária em todo o mundo.

Desta forma, toda a Revolução dialéctica da História se encontra dirigida, comandada e impulsionada, com uma disciplina violenta, por meia dúzia de chefes, obedecidos cegamente: «o partido tem sempre razão» ⁽¹⁾, quer dizer, Staline tem sempre

⁽¹⁾ «O partido é a forma suprema de organização do proletariado. Ele é o princípio director fundamental no seio da classe dos proletários e entre as organizações desta classe...

razão, por ser o chefe incontestado da Pátria «dos proletários e dos agricultores» de todo o mundo.

É este mesmíssimo pequeno grupo de chefes quem, por intermédio do Kominform, comanda os partidos comunistas no estrangeiro.

Cada país constitue, com efeito, uma *Secção da Internacional Comunista*. Estas Secções não só recebem ordens, orientação e auxílio da *Comissão Executiva* (Kominform) da Internacional Comunista, mas enviam delegados ao seu Congresso anual, onde são estudadas as actividades desenvolvidas por cada partido e dadas instruções concretas sobre as tarefas a executar no futuro. Os partidos dos diferentes países encontram-se assim poderosa-

Mas não é sòmente a força suprema da união das classes proletárias, é ao mesmo tempo, entre as mãos dos proletários um instrumento para a *conquista* da ditadura quando não foi ainda conquistada; para a consolidação da extensão da ditadura, quando foi já conquistada...

«Mas que significa «manter» e «estender» a ditadura? Significa inculcar aos milhões de proletários o espírito de disciplina e organização; criar nas massas proletárias a coesão...; reforçar o trabalho da organização dos proletários para a reeducação e transformação das camadas dos pequenos burgueses... O partido comunista, diz Lenine, não pode cumprir o seu dever se não for organizado da maneira mais centralizada; se não for regido por uma disciplina de ferro semelhante à disciplina militar; se o seu organismo central não gosar de uma alta autoridade, se não for investido de plenos poderes, e se não beneficiar da confiança geral dos membros do partido... Quem enfraquecer a disciplina... é contra o proletariado... Segue-se portanto que a existência de facções é incompatível com a unidade do partido e com a sua disciplina de ferro...» *Staline, Principes du leninisme*, cap. VIII, § 4 e 5).

mente coordenados sob a mesma orientação e mesma disciplina, formando um único movimento *internacional*.

No seio de cada país, o movimento comunista é igualmente centralizado e comandado debaixo da mesma disciplina de ferro, para lhe dar a coesão, a combatividade e o vigor de que necessita a Revolução.

Eis como se encontra organizado:

À cabeça do partido, o *Conselho Central* (ou *Comité Central*) do Partido Comunista, responsável (perante o Congresso do Partido e... perante o Kominform, é claro) das tarefas políticas e da organização. Ordinariamente — e onde isso possa fazer-se com segurança — reúne duas vezes por mês. Do seu seio dimanam dois Secretariados: o *Secretariado Político*, também chamado simplesmente *Secretariado do Conselho Central* (corresponde ao «Politburo» da U. R. S. S.), encarregado da direcção política do partido e da disciplina; e o *Secretariado da Organização*, que funciona como Comissão permanente para resolver todas as questões de direcção e de organização examinadas pelo Secretariado Político e pelo Conselho Central.

Os membros do Conselho Central são repartidos, além disso, em *Comissões*, espécie de Ministérios, encarregadas cada uma de um ramo especial de actividade: Comissão Sindical, Comissão rural; Comissão de organização das massas; Comissão

das forças armadas; Comissão da Juventude; Comissão de solidariedade (antigo «Socorro Vermelho»), Comissão Colonial; Comissão de Informação Política, etc.. Estas Comissões variam aliás segundo as necessidades de cada país e de cada momento. Uma das instruções superiores é precisamente a de se desprenderem, nos métodos de organização, de todo o *esquematismo*, «devendo variar, segundo as condições concretas, em cada caso, as formas de organização, direcção e controle», para maior garantia de eficacidade. Assim em Portugal vão funcionando as Secções que a oportunidade do momento sugerir: dos G. A. C. (Grupos Anti-fascistas de combate); das Organizações Patrióticas da Juventude; da Distribuição da Imprensa Clandestina; etc., etc..

Todo este aparelho centralizador, vai desdobrar-se pelo país — como, de facto, se desdobra — em:

Comités Regionais
Comités locais
Células.

Comecemos pela *célula*, organização de base e centro de toda a actividade conquistadora e expansionista do Partido.

Como o movimento é essencialmente proletário,

a célula situa-se no local do trabalho: célula de fábrica, de oficina, de mina, de escritório, de estabelecimento, de «monte», etc.. Cada uma delas agrupa os operários ou empregados que trabalham no seu seio, os seus desempregados e os trabalhadores das fábricas ou oficinas próximas que ainda não têm célula própria.

Bastam três elementos para constituir uma célula, que não tem contudo limite máximo de filiados. Segundo a importância numérica da célula, cada uma delas tem ou um *Secretário* ou um *Secretariado*. São estes os responsáveis pela actividade e disciplina da célula, pela formação comunista dos membros, pela distribuição das tarefas e pela fiscalização das actividades. Os Secretários ou membros do Secretariado estão desligados das actividades ilegais ou comprometedoras, para não serem conhecidos nem perseguidos em caso de agitação ou descoberta da célula.

Nos países onde a actividade se pode fazer livremente, as células são designadas pelo nome da fábrica ou do estabelecimento onde funcionam e por um número. Nos outros, apenas pelo número. No campo, conforme as circunstâncias, existem células de aldeias ou de exploração rural («Montes» no Alentejo, por exemplo). Nos meios rurais onde exista alguma fábrica, os rurais pertencentes ao Partido filiam-se na célula dessa fábrica, não constituindo célula própria devido à desconfiança que

o Partido tem da «integridade» da fé comunista dos camponeses (1).

Os delegados das células duma localidade (vilas, cidades, centros industriais) reúnem-se em Conselho para nomear o *Comité local* que, depois da eleição, escolhe ele mesmo o seu Secretariado e o respectivo Secretário local. O *Comité local*, que é constituído, em maioria, por delegados das células, dirige e fiscaliza todo o trabalho local, estimula as células existentes, procura fundar novas células, executa na esfera da sua competência as resoluções da Internacional e as instruções periódicas do Secretariado do Conselho Central. Por sua vez envia mensalmente um relatório, verbal ou escrito, às autoridades superiores sobre a actividade das células.

Os delegados dos *Comités locais* reúnem-se também em Conselho para eleger o *Comité Regional* que desempenha as mesmas funções em relação aos

(1) «O camponês, desde que se instalou num naco de terra e se apropriou do cereal que lhe não é indispensável a si ou aos animais, enquanto os outros têm falta de pão... este camponês é já um explorador. Quanto mais cereal retiver para seu uso pessoal, mais ganha: que lhe importa que os outros tenham fome? Quanta mais fome tiverem, mais caro venderá o seu cereal. É preciso que todos os camponeses trabalhem segundo um plano comum, sobre um solo comum e segundo um regulamento comum. É isto fácil de realizar? Certamente não ...» *Lenine*, Discurso à Juventude, de 1920.

Comités locais, que estes desempenham em relação às células. As Regiões comunistas são «regiões económicas», porque se trata de um movimento que deseja lançar o operariado na agitação. Correspondem, ordinariamente, aos principais centros industriais que tenham abundância de transporte, a fim de facilitar a «ligação» dos agentes e dos «delegados».

Segundo as instruções superiores, os melhores elementos das células devem fazer parte do Comité Local; os melhores elementos deste, do Comité Regional; e os melhores destes, do Comité Central: «Os melhores elementos das direcções regionais devem ser chamados progressivamente a trabalhos de Direcção do Partido, no Comité Central ou no Secretariado, não os afastando no entanto do trabalho regional, mas formando-os para serem os verdadeiros elementos de confiança para o trabalho regional; o mesmo se deve fazer nos C. Regionais e locais» (Resolução de um recente Congresso Português).

Os membros do Partido são classificados em categorias, por escalões, conforme a organização (central, regional ou local) que dirigem:

- a) Dirigentes centrais, regionais, locais;
- b) Responsáveis políticos, *idem*;
- c) Agentes de ligação, *idem*;
- d) Militantes.

Além desta «divisão», o comunismo, para efeito da acção, distingue mais três categorias: membros do Partido, simpatizantes do Partido, massa influenciável.

Esta a bem ordenada máquina com que o comunismo conta para a expansão do *ateismo militante*, para a liquidação de todos os laços que prendem os homens às realidades permanentes, e para a sucessiva e *progressiva* acção revolucionária. Máquina poderosa, de vez em quando desmantelada pela acção policial, mas sempre «renascida» das suas próprias ruínas, senhora de um dinamismo inquebrantável que o Partido mantém sempre vigilante, ao calor incendiário do lema marxista: «O combate ou a morte! A luta sanguinária ou o nada!» ⁽¹⁾.

Máquina poderosa, *poderosamente*, embora muitas vezes inconscientemente, auxiliada na sua tarefa pelo feroz anti-catolicismo da Maçonaria, pela orgulhosa luta anti-Igreja do laicismo, pela desastrosa obra destruidora da família e do homem levada a cabo pelo capitalismo moderno, pelo insensato «escrúpulo» da neutralidade religiosa, pelo inconsciente e inconsequente *angelismo* religioso e por todas as tendências modernas de cantonar a Igreja — única força capaz de se medir com o bolchevismo — dentro dos templos e das sacristias.

⁽¹⁾ Karl Marx — L'Anti-Proudhon, pg. 144.

A quantos, sinceramente, se dizem não-comunistas, ocorre pedir um sério exame de consciência: a sua neutralidade religiosa, o seu orgulho mental, a sua vida profissional e política estarão na linha do anti-comunismo que professam ou no rumo do comunismo?

O mundo gira hoje em volta de dois polos: Roma e Moscovo. O enfraquecimento de um deles será fatalmente o fortalecimento do outro. Não há meio termo. Porque, no fundo, o grande combate continua sendo sempre o mesmo — Cristo e Satanaz — até ao dia em que o «Senhor Jesus destruir Satã definitivamente com o sopro da Sua boca».

Ao exército soviético opõem as Nações ocidentais os seus respectivos exércitos, a fim de impedir que ele se lance na guerra, para a implantação da ditadura universal.

Mas ao misticismo comunista e ao marxismo dialéctico que se não vence com armas, ainda não opusemos o ideal concreto que se impõe. E sem ele, não venceremos totalmente o comunismo.

CAMINHOS DO COMUNISMO

Conhecido o comunismo na sua raiz mais profunda, não é de estranhar a expansão que tem tido, em tão pouco tempo, no mundo contemporâneo. Tudo se conjugou, com efeito, em seu favor, preparando-lhe os caminhos.

No campo religioso, encarregou-se a Reforma de quebrar a unidade da Fé e de semear entre os homens o orgulho das consciências. No campo intelectual, a filosofia moderna ensinou a soberba à pobre razão humana, que, julgando-se onnipotente, se levantou contra a Verdade Incrriada, para se deleitar na criação duma «verdade» só 'dela! No campo social, o liberalismo económico faz o assalto à imensa nobreza do homem cristão, para o reduzir, pela escravatura da produção, à categoria de máquina, e proclamar depois que, para ele, só há um *mandamento*: a lei da oferta e da procura. No campo político, o orgulho do poder ergueu o Estado aos cimos da grandeza, sentando-o no templo de

Deus, como se ele próprio fora Deus, e o homem criatura sua. No campo do culto litúrgico, a maçonaria ergueu ritos solenes ao próprio Satã, fazendo dele a cabeça de um outro corpo místico, que levantasse a mão blasfema contra o Corpo Místico do Senhor Jesus.

Lançando raízes na terra «fecundada» por tanto erro, a semente comunista ergueu-se pujante nos espaços para oferecer ao homem, exaltado por uns, humilhado por outros, e por todos *desumanizado*, o fruto apetitoso da nova tentação.

Que admira a sedução que as suas formas lascivas exercem sobre um mundo sem norte nem farol, que repeliu a Luz que o alumiava?

O comunismo propõe aos homens criar o super-homem, autêntico rei duma nova criação, saída mais bela e mais perfeita das suas mãos poderosas, mais potentes ainda do que as mãos divinas que fizeram o velho mundo ⁽¹⁾.

(1) «Tomando conhecimento que o velho Deus morreu, sentimo-nos iluminados como por uma nova aurora. O nosso coração trasborda de gratidão, de espanto, de pressentimento e de esperança... Eis que enfim, mesmo que não seja ainda claro, o horizonte de novo é livre; eis que enfim os nossos navios podem voltar a partir e vogar para a frente de todo o perigo; qualquer tentativa volta a ser permitida ao pioneiro do conhecimento; o mar, o *nosso* mar, de novo nos abre todos os seus espaços. Talvez mesmo nunca tenha havido um tão «alto» mar.» (*Nietzsche, Le gai savoir, Notre sérénité*, pg. 174).

Tentação louca que ninguém aceitará?

Mas o próprio Satã se fez o igual de Deus, e, lançando o grito da revolta, arrastou com ele a terça parte dos anjos ⁽¹⁾. E não caiu a humanidade inteira com o pecado de Adão, porque a serpente insinuou a Eva que poderiam ser como Deus, se se revoltassem contra Ele?

Se aos anjos — e ao maior dentre eles ⁽²⁾ — inteligências puras sem mistura de erro nem de ilusão, a tentação de serem maiores, se partissem as «cadeias» divinas que os «limitavam» ao *que eram*, os seduziu e perdeu; se Adão e Eva, saídos das mãos de Deus à Sua imagem e semelhança, cheios de dons magníficos, e dotados de inteligência sem trevas nem concupiscências, cederam à tentação

⁽¹⁾ É crença da maior parte dos Santos Padres que a queda dos anjos perdeu a terça parte deles. Pensam até outros que a humanidade foi criada para encher essa lacuna.

⁽²⁾ Como caiste do céu,
Astro brilhante, filho da aurora?
... ..
Tu que dizias em teu coração:
«Subirei ao mais alto dos céus;
Acima das estrelas de Deus
Levantarei o meu trono;
Assentar-me-ei sobre a montanha
da Assembleia
Nas profundezas do Setentrião;
Subirei ao cimo das núvens;
Serei semelhante ao Altíssimo!»

Isaias, XIV, 12-14.

de procurar na «libertação» de Deus a sua maior grandeza; — que admira caírem hoje tantos homens na mesmíssima tentação de quebrar os «limites» da sua «pequenez» e de se fazerem eles próprios como deuses?

Cristo, humilhando-se até nós, e, entre nós, até à forma de escravo ⁽¹⁾, não só reparou o pecado dos anjos e dos homens seus imitadores, mas libertou o homem-cristão do perigo de voltar a seduzir-se pela tentação de ser igual, por ambição, a Deus.

Mas o homem-cristão existirá ainda como existiu outrora?

O homem de hoje já quase não é homem, mas um número frio de estatística; massa anónima que se entrechoca nos caminhos, e se escoa, como enxorrada, pelas ruas das cidades; simples mercadoria itiquetada nos armazéns fabris e tabelada nos mercados do trabalho; rebanho atropelado pela motorização pesada da máquina industrial...

O homem já quase não é homem, mas *Proletário*, sem nada que o faça conhecer-se a si mesmo, às suas tradições, ao seu lar, ao seu esforço! Homem

(1) «Conservai em vós os mesmos sentimentos de que estava animado Cristo Jesus, o qual, sendo da condição de Deus, não assumiu para si por avidez a sua igualdade com Deus; mas aniquilou-se a si próprio, tomando a condição de escravo, tornando-se semelhante aos homens e fazendo tudo como homem; humilhou-se a si mesmo, fazendo-se obediente até à morte e morte numa cruz.» *Filip.*, II,5-7.

proletário, esvaziado da realidade humana, homem que já não é livre, que já não pode respirar, que já nem sabe amar ⁽¹⁾).

Como poderá resistir por muito tempo ainda à sedutora tentação, se ela persiste insinuante e se propaga pela ao som das mais apregoadas realizações materiais?

Como poderá resistir durante muito tempo ainda, se não barrarmos os caminhos que conduzem ao proletariado, a esse proletariado que invade já todas as classes, preparando os homens para a grande apostasia?

Tudo o que colabora na obra destruidora dos laços que prendem os homens a uma *estabilidade* que os faz ser o *que são* — a realidade humana tal qual Deus a criou — está no caminho do comunismo.

A neutralidade das escolas e das instituições (tornadas muitas vezes *únicas* para maior garantia

(1) «A evolução da indústria devia conduzir inevitavelmente ao mundo do terror: a fábrica do capitalismo liberal, tão cruel para o operário, obrigando mulheres e crianças ao mais duro labor, não era mais que a prefiguração dos campos de concentração; o arbítrio do patrão do século XIX, a ditadura do Estado no século XX. Guerras e revoluções se encadeiam: o aparelho conceptual estala. Tentam reparar, é verdade, os prejuízos causados, mas o muro da mentira, deitado por terra, levanta-se depressa mais ameaçador do que nunca. Se houvesse ainda uma janela aberta sobre um futuro livre, qualquer plano quinquenal a taparia.» *Dieu vivant*, n.º 5, pág. 9.

dessa mesma neutralidade), desconhecendo a Deus e afirmando que o homem pode passar sem Ele;

A psicose colectiva do desporto ateu que arrasta as multidões para os campos de competição física, sem que ninguém lhes recorde que o homem autêntico não é o homem de «ângulos rectos»;

A sede devoradora do que é material e a preocupação doentia do económico, como se ao homem tivesse sido dito: procura primeiro a produção e tudo o mais te será dado por acréscimo;

A recusa em reconhecer a eminente dignidade dos pobres, só dando valor à riqueza, aos que são ricos e aos que são fortes... ⁽¹⁾

...Tudo isto, que desliga o homem de Deus, da realidade infinita e do sobrenatural, tudo isto são caminhos do comunismo!

A tentação da cidade, esvasiando os campos, e

⁽¹⁾ «Aquele que se adora como o Messias faz do mundo inteiro um hospital. Ele chama seus filhos e seus bem-amados aos fracos, aos infelizes, aos doentes. E os fortes?... Como poderemos nós então subir, se emprestarmos a nossa força aos infelizes, aos oprimidos, aos raquíticos preguiçosos, desprovidos de senso e de energia? Que eles caiam e morram, sós e miseráveis. Sede duros, terríveis, sem piedade! Deveis marchar sempre adiante, adiante! Poucos homens, mas grandes, construirão um mundo com seus braços vigorosos, musculosos, dominadores, sobre os cadáveres dos fracos, dos doentes e dos enfermos!» (*Rainer Maria Rilke*, destinée d'un poète, trad. franc., pág. 47, cit. in *Henri de Lubac*, s. j., *Le drame de l'humanisme athée*, ob. cit., pág. 124. O P.^o Lubac acrescenta, em nota, que o A. mudou um pouco de sentimentos com a idade madura.

arrastando os homens para as fábricas amontoadas nos grandes centros, onde nada mais possuirão do que a força dos seus braços, nem terão outro prestígio que não seja essa mesma força mecanizada;

O salariado puro e simples, que faz perder aos homens o sentimento de propriedade, e os impede de o possuir, desligando-os assim do que os prende à realidade forte da propriedade, continuação e desabrochamento da personalidade humana;

A falta de segurança no trabalho que lhes gera na alma a psicose da *instabilidade* e os habitua a pensar apenas no dia a dia, e na evolução dialéctica;

A falta de ligação entre o trabalho e os produtos, que faz do homem simples força produtora, exacta equivalência da máquina que produz sem saber porquê, nem para quem, nem com que resultados;

A concentração capitalista que aumenta a proletarização, facilita os grandes lucros, e torna mais imperiosa a socialização da propriedade...

...Tudo isto, que desliga o homem da propriedade individual e o proletariza progressivamente, são caminhos do comunismo.

O trabalho das mulheres nas fábricas, nas oficinas e escritórios, arrancando-as ao seu lar e à família;

O trabalho nocturno das mulheres casadas, fazendo dos esposos como que visitantes um do

outro, desorganizando, por isso, o lar e a educação dos filhos;

A distância da habitação, que obriga o chefe de família a fazer longos percursos para o trabalho, e a ocupar o tempo nos caminhos, fazendo dele como que um «estranho em sua própria casa» (Pio XII);

A falta de habitações que permitam a existência de um lar honesto, sem promiscuidades nem necessidade da tábena onde há mais espaço do que na própria casa;

O salário *individual* que põe em situação de inferioridade económica o chefe de família e, sobretudo, o chefe de família numerosa que empobrece à medida dela;

A desmoralização dos locais de trabalho donde foi desterrada qualquer preocupação moral que não seja a de não roubar e de trabalhar de cada vez mais;

A indiferença com que se lançam os aprendizes na voragem devoradora dos maus costumes do ambiente, e com que se encaram os abusos dos companheiros e dos chefes contra o pudor das raparigas...

...Tudo isto que destrói a família e desliga o homem do mais sublime esteio de segurança e estabilidade individuais e sociais, tudo isto são caminhos do comunimo.

O culto da força material; o laicismo progressivo da vida; os impedimentos lançados à religião para que não informe a vida individual e social e se limite

a cerimónias litúrgicas ou folclore religioso; o militarismo da educação da juventude; a planificação sucessiva de todas as actividades; o crescimento desmedido da burocracia; a estatização de toda a vida económica e social; o malthusianismo da iniciativa privada; o modelo único de pensamento e de acção; tudo isto são caminhos do comunismo, porque tudo isto rouba ao homem a sua personalidade, o nivela na inferioridade geral, o «aquartela» como aos soldados no gregarismo, e o torna neutro perante a comunização da vida. Porque o comunismo afinal não é horrível por ser proletário, mas por ser gregário, por ser, numa palavra, *comunismo* e não *comunhão*.

Se não se arrepia caminho, não estaremos longe do comunismo, seja ele soviético ou simplesmente capitalista. Que o capitalismo também é comunismo, afinal de contas ⁽¹⁾.

⁽¹⁾ Com efeito, destruindo a personalidade humana, esquecendo o indivíduo para só ver nele o operário, o capitalismo esvasia o homem da sua humanidade e tende, por isso mesmo, a enquadrá-lo na mecânica da produção. E como esta exige concentrações industriais de cada vez mais poderosas e capitais de cada vez maiores e mais unidos, o nível de vida poderá erguer-se talvez: os homens, esses é que tenderão a unir-se num comunismo de vida de cada vez mais igualitário.

A GRANDE BATALHA

Ao escrever estas páginas, não nos propusemos o objectivo de rebater filosòficamente o comunismo, porque ele, por isso mesmo que é dialéctico, é uma experiência e não uma doutrina. Como experiência, sempre oscilante, exige um demorado exame que, de maneira nenhuma, poderá caber no âmbito deste pequeno livro. Mas, como já lhe demos como que uma antecipada resposta no capítulo sobre o pensamento cristão, apenas nos limitamos, por agora, a desmascará-lo junto de todos aqueles que, «num mundo dum Deus justo, reclamam justiça e espírito de fraternidade» ⁽¹⁾.

Aliás a melhor refutação, talvez a única verdadeiramente eficaz, do comunismo é o Evangelho tornado vida na vida de cada um. Com efeito o comunismo só é possível onde os cristãos perderam a

⁽¹⁾ Pío XII — Mensagem do Natal de 1942.

noção e a vida de *comunidade* que desabrocha naturalmente na *comunhão* do Corpo Místico de Cristo.

Propõe o comunismo, em última análise, destruir o homem velho e dar-lhe natureza nova, para que nasça finalmente o super-homem.

O cristão não pode tentar-se com tão *pouco*. Nós já somos Super-homens! Já em nós morreu o homem velho ⁽¹⁾. Pelos méritos do baptismo, renascemos sobre-humanos, revestidos de natureza nova — a *natureza divina* de que somos participantes ⁽²⁾. Nós somos raça de eleição, e um povo santo ⁽³⁾. Nós somos deuses! ⁽⁴⁾

O Evangelho «*antecipou-se*» de dezanove séculos ao «Capital» de Karl Marx! E não é agora

⁽¹⁾ «Todos nós que fomos baptizados em Cristo, fomo-lo na Sua morte. Nós fomos portanto *sepultados* com Ele pelo baptismo nesta morte, para que, como Cristo ressuscitou dentre os mortos pela glória do Pai, assim marchemos nós também na novidade duma outra vida. Porque, se nos tornamos um com Ele por uma morte semelhante à Sua, sê-lo-emos também um por uma ressurreição semelhante à Sua. Saibamo-lo bem: o nosso *velho homem* foi crucificado com Ele, para que fosse destruído o *corpo do pecado*. (S. Paulo aos Romanos, VI, 3-6).

⁽²⁾ «Assim o seu poder divino fez-nos dom de tudo... gratificou-nos com preciosas e grandes promessas, para que vos torneis *participantes da natureza divina*, uma vez que vos liberteis da corrupção que domina no mundo pelo facto da concupiscência.» (II Pedro, I, 4).

⁽³⁾ «...Mas vós, vós sois a raça escolhida, o sacerdócio real, a nação santa, o povo que foi adquirido para proclamar as maravilhas daquele que vos chamou das trevas à sua admirável luz.» (I Pedro, II, 9).

⁽⁴⁾ «Eu disse: sois deuses e filhos todos do Altíssimo.» (Salmo 81, 6).

por uma louca macaqueação ⁽¹⁾ das promessas magníficas do Evangelho, que o cristão consciente se deixará prender nos laços do comunismo!

Moscovo quer refazer também, pela força do seu homem novo, um mundo novo e uma nova terra onde viva a *igualdade*. Mas nós temos maior confiança na Palavra feita carne — Jesus Cristo — que nos prometeu uma nova terra e novos céus, onde habitará a *Justiça* ⁽²⁾. E também sabemos que é pelo Espírito Santo — e não pela força moscovita — que «tudo será criado» e que «a face da terra se renovará» ⁽³⁾.

Esta paródia ao mistério cristão tende a levar os homens a um esforço maior, quase heróico, de aperfeiçoamento do mundo material?

Mas nós, os cristãos, sabemos muito bem que a lei do trabalho não é outra coisa senão a participação do homem no embelezamento e re-criação deste mundo que nos foi confiado para o fazermos nosso — da humanidade inteira — e, num acto de amor, o oferecermos mais belo a esse Deus que no-lo deu imperfeito precisamente nessa intenção amiga.

O marxismo propõe-se ainda, com a teoria da evolução histórica, apaixonar os homens pelo pro-

⁽¹⁾ Foi Tertuliano quem chamou a Satã o *macaco de Deus*, precisamente porque todo o seu esforço se limita a macaquear a obra de Deus, mentindo-a.

⁽²⁾ *II Pedro*, III, 13.

⁽³⁾ *Salmo* 103-30.

gresso indefinido. Mas, na tentação desse progresso, sacrifica as gerações, imolando-as sucessivamente, à mística do que há-de vir ⁽¹⁾. Também o liberalismo sacrificou a multidão ao progresso industrial, com o qual — dizia — se construirá um mundo mais feliz. A falência dessa esperança nós a vemos bem palpável nas misérias inenarráveis destes últimos vinte anos. O que *há-de vir* comunista terá outro destino?

Nós sabemos, porém, que a ideia do progresso indefinido só tem sentido na ressurreição da carne e na Vida Eterna.

O cristão consciente acredita no progresso — mas não se deixa iludir com a imitação materialista do seu conceito escatológico deste mundo.

O cristão consciente não se ilude. Mas os outros, que são a multidão?

O drama é justamente aqui que se coloca.

O comunismo, passador de moeda falsa, só poderá valorizar a sua, na medida em que vencer ou enfraquecer a Igreja, depositária única da integral Verdade. Por isso abriu batalha contra ela.

E a Igreja — que somos todos nós, cristãos — é chamada a combater. Temos portanto de aceitar

⁽¹⁾ Efectivamente um dos pontos característicos do comunismo é a sua disciplina de ferro e a sua dureza implacável. Os comunistas submetem-se ardorosamente a tão tirânica ditadura, porque isso é exigência da dialéctica da História. O sacrifício de hoje é condição do amanhã!...

combate — não de homem para homem, «não contra a carne e contra o sangue, mas contra os principados e potências, contra os regentes deste mundo de trevas, contra os maus espíritos espalhados pelos ares». Temos de aceitar combate na guerra sempre actual, mas hoje extremamente acesa — mais do que nunca! — de Satanaz contra Cristo.

O drama, o grande drama cristão é este... até que chegue a hora da final vitória!

Vai acesa a batalha por esse mundo fora. Que faremos nós? O Santo Padre no-lo diz: «O vosso dever está nitidamente traçado: com o concurso da graça, que obtereis pela oração e pela vigilância, guardai-vos do mal; pelo vosso zelo e pela vossa caridade, que são também dons do Espírito de Deus, colaborai em arrancar o mundo ao domínio de Satanaz, para o recolocar e o restaurar no reino salvador de Cristo» (1).

Dois objectivos, portanto.

O primeiro implica o dever de santificação pessoal, de rejuvenescimento da Fé, de testemunho fiel de vida cristã no meio dos homens. O segundo impõe ao cristão, purificado e liberto do Mal, o dever de conquistar o mundo palmo a palmo a Satanaz, para o restituir a Deus.

(1) Pío XII, Discurso à União dos Homens da Acção Católica Italiana, de 20 de Setembro de 1942.

Libertos do mal! Mas isto significa santificação verdadeira. O mal é o contra-Evangelho, a descrença nele, a vida sem ele. O mal é só isto.

O comunismo é uma filosofia. O cristianismo, não, esse *não* é uma filosofia. Nem uma doutrina! O cristianismo é uma *vida*. Por se ter esquecido, por vezes, a vida com a preocupação da doutrina, é que alguns cristãos sabem a doutrina mas não se livram do Mal.

E o mal é o Contra-Evangelho! O mal é não ser: *sim, sim; não, não!* O mal é não acreditar na humildade como força criadora do amor; não acreditar na Justiça como realizadora da paz; não acreditar no desprendimento dos bens do mundo, como gerador da felicidade; não crer na lealdade e na sinceridade, como fonte da confiança; não crer no perdão das ofensas e no amor dos inimigos, como condição de vitória; não crer no sofrimento, como factor de grandeza; não crer na bondade, como raiz de todo o bem; não acreditar, numa palavra, que tudo o que fizermos aos outros, sobretudo aos mais pequeninos, aos mais pobres, aos mais enfermiços e miseráveis é a Deus que o fazemos.

O mal é o contra-Evangelho. E o contra-Evangelho também é não terem os cristãos consciência do *que* são, da sua indizível grandeza, das suas imensas possibilidades de renovação do mundo e de si mesmos; não terem consciência de que são eles — e não outros — a luz do mundo e o sal da terra;

não terem consciência da sua vocação de dominadores da terra, e, um dia, de julgadores até dos anjos ⁽¹⁾; não terem consciência de que são deuses e, como tais, se hão-de conduzir, em testemunho de Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem ⁽²⁾.

Livrar-se do mal é santificar-se. E ser santo é acreditar no Evangelho e realizá-lo dia a dia, heróicamente, no meio deste mundo de miséria, de concupiscência, de vaidade, de orgulho, de luxúria, de

⁽¹⁾ S. Paulo, I Cor. VI, 3.

⁽²⁾ «No reino de Deus não há escravos: *«Deus fez-se homem para que o homem seja divinizado»* (Santo Atanásio). Os súbditos de Cristo receberam a unção do Espírito Santo, foram revestidos do sacerdócio real, são «deuses e Filhos do Altíssimo», deuses miseráveis sem dúvida, que erram nesta terra cobertos de farrapos, vergando sob o peso dos seus pecados, ultrajados e esmagados por vezes na abjecção, mas deuses apesar de tudo, e cuja carne ressuscitada revestirá um dia, num pestanejar de olhos (*in ictu oculi*) a púrpura da Glória. São eles, e só eles, que constituem a verdadeira assembleia dos reis. Terão disso plena consciência? Não procedem demasiadas vezes como escravos, sem fé nem esperança, esquecendo que são os co-herdeiros de Cristo? Seja como for, não constituem uma «massa cristã»: a própria expressão é um não-senso. A incorporação a Cristo não é absorção na mediocridade, nivelamento por baixo. Cada membro do Corpo Místico, chamado por Cristo pelo seu nome, tocado pessoalmente pela graça, tem uma vida própria. Imagem de Deus, reflecte o seu Criador no cristal da sua vocação particular. Apesar da sua fraqueza de Criatura, irradia à sua volta a misteriosa luz de Cristo, como uma chama viva, sustentada sem cessar pelo Pai das Luzes. O nosso mundo gelado não poderá extingui-la. Pode a boca ser selada pelo silêncio, pode o corpo desfazer-se com a fome e com o frio, sob o ódio e o terror; ela continuará a arder diante da face do Eterno até ao dia em que dará testemunho no Juízo Final.» *Esprit*, n.º 5, pág. 13.

ambição, de ódio e de vingança. Ser santo é ser *inconformista* com o mundo, com a estabilidade no repouso duma vida cómoda e tranquila ⁽¹⁾.

A batalha contra o comunismo será ganha primeiramente pelos Santos.

Santifiquemo-nos, pois! Porque todo aquele que levantar ao céu o seu olhar e deixar cair dos lábios as palavras revolucionárias: *Pai nosso!*, esse refutou o comunismo. E aquele que ensinar ao seu irmão a ciência do «Pai nosso», esse ganhou a batalha contra o comunismo: «Não nos deixeis cair na tentação, mas livrai-nos do Mal».

★

Libertar-se do Mal, primeiro! Depois... «arrancar o mundo ao domínio de Satanaz!»

⁽¹⁾ «Quando, ao fim de 4 séculos, os cristãos se deram conta de que a Parusia anunciada pelo Senhor — e que supunham iminente — não chegava, a Igreja procurou tornar menos precária a existência: foi então que estabeleceu com o Estado relações, muito diversas segundo os lugares e as épocas, mas que duraram até nossos dias. Gozando de segurança, os cristãos acabaram por esquecer que o Esposo poderia vir surpreendê-los de um momento para o outro, e as Virgens Loucas deixaram sem óleo as suas lâmpadas. As tendências do cristianismo ao conformismo, sua insipidez, não serão devidas em grande parte ao esquecimento total de que a Trombeta do Julgamento pode fazer ouvir-se de um momento para outro? Não será necessário recordar incessantemente aos cristãos que o Fim dos Tempos começou, que remonta à Ressurreição de Cristo, que nós estamos na era descrita pelo Apocalipse, e que lhes é presentemente pedido que arranquem a Vitória sobre as Potências do Mal, mesmo à custa do seu sangue? (*Dieu Vivant*, n.º 1, pág. 9).

Mas, para arrancar o mundo das mãos de Satanaz, a primeira condição é *estar no mundo*. E, nele, em contacto com os seus problemas, as suas misérias, as suas degradações. O sal, para salgar, tem de ser misturado com o que pode apodrecer. A luz, para alumiar, tem de ser levada para as trevas. Não nos mandou o Senhor, como ovelhas, para o meio dos lobos? ⁽¹⁾ Não pediu Ele ao Pai, não que nos tirasse do mundo, mas que nos livrasse do mal? ⁽²⁾

O cristão que não quisesse estar no mundo, que julgasse poder separar-se dos outros homens, que pensasse ficar isolado dos problemas do mundo, só tinha uma coisa a fazer, como diz S. Paulo: sair do mundo ⁽³⁾.

Estar no mundo! E já que a batalha se trava nele para a posse dele, diz o bom senso, e demonstra-o a experiência, que, antes de mais nada, se torna necessário conhecer a tática do Adversário e fortalecer aqueles pontos sobre os quais assenta de preferência as suas baterias.

Como vimos atrás, é contra a *Religião*, a *Família* e a *Propriedade* que o comunismo dirige os seus principais ataques. E dirige-os precisamente porque são estes os baluartes naturais em que se aperfeiçoa o homem restaurado pela Rendação divina. Sem

⁽¹⁾ *Mat.*, X, 16; *Luc.*, X, 3.

⁽²⁾ Cronfr. *Joa*, XV, 15; XVII, 15.

⁽³⁾ *I Cor.*, V, 10.

penetrar nestas fortalezas, não poderá o comunismo diabólico realizar o seu objectivo essencial: *destruir a obra redentora de Jesus Cristo*.

A Religião, primeiro bastião assediado raivosamente pelo comunismo, tem portanto de ser «fortificada». Não é com uma religião como que esvasiada dos seus esplêndidos mistérios, retalhada pelo individualismo elegante ou pretensioso, amolecida pelo sentimentalismo e divorciada das energias vitais das grandes massas do povo, que se resistirá eficazmente às furiosas investidas do ateismo militante. O grande esforço, tentado nestes últimos anos pela Acção Católica, de redescobrir o sentido católico ⁽¹⁾ da nossa Fé, não passa ainda de generosa tentativa de atingir certas élites. Falta por enquanto lançar o fermento da renovação nos centros das paróquias, para irradiar a vida até à grande massa do povo, de cada vez mais alheio à catolicidade da Igreja e aos demais mistérios em que dizemos acreditar quando recitamos o símbolo da nossa Fé. Com efeito, o povo crê ainda em Nossa Senhora, mas perdeu a noção de que Deus é o nosso *verdadeiro Pai*; de que Jesus é, de facto, o nosso irmão mais velho; de que o Espírito Santo é a nossa vida sobrenatural, vivendo efectivamente em nós. Não sabe o que significa o

⁽¹⁾ Como todos sabem a palavra «católico» significa *universal*. Um católico egoísta, fechado sobre si mesmo, é um não-senso.

mistério da comunhão dos Santos, nem conserva, senão vagamente, o sentido escatológico da vida, que desabrochará um dia na ressurreição da carne. Ora são precisamente estes os mistérios que o comunismo macaqueia, para destruir a religião. Só com eles revividos se poderá fazer frente ao assalto místico do anti-teísmo moderno.

Não será tão pouco com um catolicismo conformista, conservador de um passado recente de janse-nismo e de liberalismo; com um catolicismo que aceita o angelismo religioso e se deixa fechar dentro das quatro paredes dos templos ou das sacristias — quando o mundo moderno delas desertou para encher as fábricas, as praças públicas, os estádios, os campos de férias — que se terá resistência bastante para suportar por largo tempo o fogo cruzado do comunismo, do capitalismo ateu, da maçonaria luciferiana. Só quebrando as cadeias doiradas ⁽¹⁾ que

⁽¹⁾ «...O Estado deve deixar à Igreja plena liberdade de cumprir a sua divina e espiritual missão, com que contribui poderosamente para salvar os povos de terrível tormenta da hora presente. Faz-se hoje, por toda a parte, angustioso apelo às forças morais e espirituais, e com razão, porque o mal que se deve combater é, primeiro que tudo, na sua verdadeira origem, mal de natureza espiritual; e de ideias corrompidas deriva também, com lógica diabólica, toda a monstruosidade do comunismo. Ora entre as forças morais e religiosas, sem controvérsia, acima de todas, eleva-se a Igreja Católica; e por isso o próprio bem da humanidade exige que se não levantem obstáculos à sua actividade.

«Se se procede de outro modo e se pretende ao mesmo tempo alcançai, com meios puramente económicos e políticos,

o maniatam, ou as grades de ferro que o enjaulam, poderá ele de novo ser o sal da terra e a luz do mundo, e, com isso, pôr em fuga o Adversário.

Mas como a «defensiva» não basta para triunfar, é necessário lançar vigorosamente a ofensiva do apostolado leigo, para que a cristandade rejuvenescida penetre em toda a parte onde se jogam hoje os destinos do homem: nas fábricas, nos escritórios, nos mercados, na banca, na administração pública, nas instituições, nas escolas, no desporto.

Somos chamados à batalha pró ou contra Deus. Não fomos nós quem a desencadeou. Recuar será trair. E trair é incontestavelmente morrer.

A segunda fortaleza mais atacada pelo comunismo é a Família. Também temos de a fortificar decididamente, porque também não será com a Família quase em ruínas que se fará frente a ataques tão cintificamente organizados contra ela.

E tanto mais urgente se nos afigura a grande empresa de restauração da Família, quanto mais abalada o comunismo a encontrou. Com efeito, o

o mesmo fim, cai-se noutro erro assaz perigoso... Confiamos que aqueles que governam as nações, por pouco que observem o extremo perigo que ameaça hoje a todos os povos, cada vez sentirão mais vivo o dever de não impedir a Igreja no cumprimento da sua missão; tanto mais que, ao realizá-la, enquanto procura a felicidade eterna do homem, trabalha afanosamente também na sua felicidade temporal.» (*Pio XI, Enc. Divini Redemptoris in A Igreja e a Questão Social*, Lisboa, União Gráfica, 3.^a ed., pág. 239-240).

liberalismo quebrou-lhe a resistência minando-a nas suas próprias bases. Não só a desconheceu na sua legislação e na sua orgânica social, como lhe minou os alicerces quando arrancou a mulher e a criança para as fábricas, quando fomentou a sua proletarianização, quando a instalou nos bairros de latas, partes de casa e águas-furtadas, quando abriu creches, jardins de infância, refeitórios económicos, maternidades e asilos, ou quando entregou a família numerosa à miséria e ao escárnio.

Não será difícil ao comunismo, perante tanta ruína, acabar o seu aniquilamento pela estatização da juventude, pela escola única, pela proclamação de que a criança pertence ao Estado e de que a maternidade é uma função social.

Obra gigantesca a da restauração da Família que se não fará com palavras, nem com discursos, nem com propaganda, mas com uma acção simultaneamente religiosa e social. Arrancar a Família das mãos do Adversário, só poderá conseguir-se por uma intervenção enérgica de todos os cristãos em todos os campos (jurídico, económico e social) em que se joga o seu destino.

Mas... como?

Para não falar nas clariventes encíclicas de Leão XIII e Pio XI, sirvam-nos de norma, ao menos, as instruções de Pio XII, felizmente nosso chefe. O Santo Padre não vê, com efeito, salvação possível para a família enquanto se não conseguir para ela:

a) *«espaço, luz e desafogo, para que possa atender à missão de perpetuar a vida e educar os filhos».* Com efeito, não pode haver família, onde não houver um lar; e não haverá lar, onde não houver uma casa independente, espaçosa e arejada.

b) *«unidade económica, espiritual, moral e jurídica».* A família é a base e a célula do organismo social: se não constituir uma unidade económica (salário familiar), uma unidade espiritual e moral de que tenha conta a própria organização paroquial e a Acção Católica, e uma unidade jurídica com direitos próprios e bem definidos, não pode ser... uma célula.

c) *«um lugar em que a vida familiar, sã material e moralmente, logre manifestar-se em todo o seu vigor e valor.»*

d) *«uma ordenação industrial que faça com que «o lugar do trabalho e o da habitação não estejam tão separados que façam do chefe de família e educador dos filhos quase um estranho em sua própria casa.»*

e) *um vínculo de confiança e de mútuo auxílio entre a família e as escolas (¹).*

Como poderão os cristãos operar esta ofensiva de resgate da Família, se não penetrarem nos campos de batalha onde todos estes problemas se de-

(¹) Da Mensagem de Pio XII, no Natal de 1942.

cidem: a administração, a vida económica, a actividade social, a indústria, o ensino, etc.?

Renunciar à intervenção dos católicos como tais na vida económica e social, não será desistir da batalha e entregar a Família às mãos dos inimigos? ⁽¹⁾

O terceiro baluarte contra o qual o comunismo se enfurece é a *Propriedade*. Destruí-la é destruir o homem. O comunismo sabe-o perfeitamente.

Mas também aqui, como na Família, encontrou o marxismo o campo aberto. Com efeito que fez o liberalismo económico senão arrancar a propriedade ao grande número para a *concentrar* nas mãos da

⁽¹⁾ «Temos diante dos olhos — evidência dolorosa! — os perigos que, *disso temos Nós medo*, poderão vir, para esta geração e para as gerações futuras, do desconhecimento, da diminuição e da *abolição progressiva* dos direitos próprios da família. Por isso *levantamos-Nos*, como acérrimo defensor destes direitos, com *plena consciência do dever* que Nos impõe o Nosso ministério apostólico. As dificuldades da nossa época, tanto exteriores como interiores, materiais ou espirituais, os múltiplos erros com as suas inumeráveis repercussões, ninguém os experimenta tão dolorosamente como a nobre e pequenina célula familiar. Verdadeira coragem e, na sua simplicidade, heroísmo digno de admiração e respeito, são muitas vezes necessários para suportar as durezas da vida, o peso cotidiano das misérias, a indigência progressiva, e as restrições em medida nunca dantes experimentada, e de que não se vê nem a razão nem a real necessidade. Os que têm cura de almas, os que observam no íntimo os corações, conhecem as lágrimas escondidas das mães, a dor resignada de tantos pais, as amarguras sem conta de que não falam as estatísticas nem podem falar, *vêm ansiosamente* crescer esta montanha de sofrimentos, e sabem como as forças de subversão e destruição *estão em*

minoria? Que deseja, por sua vez o marxismo senão completar a obra, arrancando a propriedade a essa minoria? O homem sem propriedade não tem onde assente a sua *independência*. Sem independência, não é *livre*. Enfraquecer a liberdade humana, destruí-la, esmagá-la aos pés para que possa ser em toda a sua extensão, o verdadeiro «Príncipe deste mundo», eis o grande empenho do Adversário. Toda a proletarização é diabólica.

Mas a Propriedade não se defenderá eficazmente teimando em ver no seu actual regime a obra da Providência divina ⁽¹⁾. «Deus não assinou uma parte (de propriedade) a nenhum homem em particular, mas quis deixar a limitação das proprieda-

marcha, prontas para servir-se deles, a favor dos seus tenebrosos propósitos.

«Nenhum homem de boa vontade e com olhos para ver poderá recusar à autoridade do Estado, nas condições *extraordinárias* em que se encontra o mundo, direito mais amplo que o ordinário e proporcionado com as circunstâncias, para acudir às necessidades do povo. Mas a ordem moral *estabelecida por Deus* exige que, mesmo em tais circunstâncias, se sujeite a exame ainda mais sério e ponderado a *liceidade* das medidas impostas e a sua real necessidade, segundo as regras do bem comum.» (*Pio XII, Enc. Summi Pontificatus*, in *Problemas da Guerra e da Paz*, Lisboa, Bertrand, pág. 90 e seg.).

⁽¹⁾ «Queremos abster-Nos de classificar a conduta prática de certos defensores do direito de propriedade; pela maneira como interpretam o seu respeito e o seu uso, conseguem, melhor do que os adversários, abalar esta instituição natural indispensável à vida do homem e da família.» (*Pio XII, discurso de 7 de Março de 1948, aos participantes do Congresso das trocas internacionais, organizado em Roma, pela Confederação Geral Italiana do Comércio*).

des à indústria humana e às instituições dos povos» (1).

Aceite o princípio de que «o regime de propriedade não é mais imutável do que qualquer outra instituição da vida social» (2), se queremos defender esta importantíssima fortaleza, teremos de avançar para o campo da vida social onde a questão se decide, e aí modificar o actual regime de propriedade, de forma a que ela chegue a todas as famílias. São estas, aliás, as normas precisas do actual Pontífice: «A dignidade da pessoa humana exige normalmente, como fundamento natural para viver, o direito ao uso dos bens da terra, a que corresponde a obrigação fundamental de outorgar a propriedade particular, se for possível, a todos. As normas jurídicas positivas que regulam a propriedade particular podem mudar e conceder uso mais ou menos limitado; mas se querem contribuir para a pacificação da comunidade, deverão impedir que o operário que é ou será chefe de família, se veja condenado a uma dependência ou escravidão económica, inconciliável com os seus direitos de pessoa» (3).

Aqui, como em tudo o mais, limitarem-se os cató-

(1) Leão XIII Enc. *Rerum Novarum*, in *A Igreja e a Questão Social*, obr. cit. pág. 33.

(2) Pio XI, Enc. *Quadragesimo Anno*, id. id., pág. 149.

(3) Pio XII, Mensagem do Natal de 1942, in *Problemas da Guerra e da Paz*, obr. cit., pág. 346.

licos a uma atitude de passividade social e de discursos, é imitar o gesto do velho e pacífico Chamberlain que mandava «bombardear» o Ruhr com milhões de panfletos. A batalha está travada, e é séria de mais para a descurar.

Compreenderam-na em toda a sua profunda gravidade os industriais católicos da Europa que têm procurado reformar as estruturas das empresas para dar aos seus colaboradores a consciência de serem homens. Em 8 e 9 de Maio do corrente ano, reuniram-se em Paris os representantes de mais de 2.000 empresas que já tinham feito experiências nos diferentes países. Presidiu ao Congresso, M. Al. Dubois, que, no discurso inaugural acentuou: «O mundo do trabalho está fendido porque o progresso impõe a divisão do trabalho que separa o homem da sua obra: já não tem dela a paternidade; já não é criador—é um assalariado! Esta obra tornou-se colectiva e é preciso restituir aos trabalhadores a propriedade não só pessoal mas também colectiva, sob formas novas que temos de instituir progressivamente. É uma revolução a fazer no modo de repartição das responsabilidades e dos frutos do trabalho» ⁽¹⁾.

Os católicos não hão-de temer as dificuldades. Não se põem hoje problemas difíceis em campo nenhum para os homens de boa vontade: «À per-

⁽¹⁾ *Bulletin Social des Industriels*, Bruxelas, Junho de 1948, pág. 279.

gunta de Caim: «serei eu porventura guardião de meu irmão?», a moral e a religião respondiam outrora: «Deves sê-lo». Hoje, graças à técnica, é possível responder: «Podes sê-lo». E também é verdadeiro acrescentar: «O teu destino será o seu, porque se deixas marchar os acontecimentos sem os prever, e os conduzir, suprimirás a vida humana, em lugar de a melhorar. Faze a tua escolha» (¹).

Perante o problema da Propriedade, como perante os outros, é preciso fazer a escolha: ou lutar por ela contra o comunismo, ou deixá-la arruinar, abrindo as portas ao comunismo.

«Pois que somos homens cristãos, devemos trabalhar com todas as forças por esta ordem social cristã, única capaz de salvar a Sociedade em tão grande perigo actualmente. Senão será o comunismo.

«Mas cuidado! Não basta dizer-se anti-comunista. É muito fácil mas completamente inútil, tanto mais que muitos daqueles que se dizem anti-comunistas não o são senão para garantir melhor posições adquiridas. Escutemos Mgr. de Provençères, arcebispo de Aix: *«Os Cristãos devem precaver-se, não vá a sua atitude anti-comunista aparecer desastrosamente como uma oposição à elevação da*

(¹) *Raoul Dautry*, Director honorário dos caminhos de ferro do Estado francês, in *Bulletin Social des Industriels*, Maio de 1948, pág. 205.

classe operária, e ao seu desejo de libertação e de justiça».

«Que imensa responsabilidade têm diante de si os cristãos!» (¹)

O comunismo chama-nos a combate. Sabemos a sua tática. Conhecemos qual deve ser a nossa.

Que nos espera?

(¹) Bulletin des Industriels, Maio de 1948, pág. 240.

EPÍLOGO

Et portae inferi non praevallebunt adversus eam!
As portas do inferno não prevalecerão contra a Igreja. A promessa de Cristo é a nossa grande certeza: não vencerão!

Mas a Polónia, a Hungria, a Checoslováquia, a Áustria são parte da Igreja, e nelas o comunismo venceu. Também são parte da Igreja, ao menos em certo sentido, a Roménia, a Bulgária e a própria Rússia.

A Igreja é o Corpo de Cristo em agonia, segundo a expressão de Pascal, até ao fim dos tempos.

Esta parte da Igreja, esta parcela do Seu Corpo Místico que somos nós também há-de ser flagelado pelo comunismo?

Só Deus o sabe!

A supremacia crescente dos Estados nos tempos modernos um pouco por toda a parte não será um sinal do imenso perigo que ameaça a cristandade? Absorvendo a iniciativa privada, fazendo dos ho-

mens uns autómatos, uma roda a mais na máquina pesada da burocracia, não os estará preparando para os tornar *neutros* perante a ameaça da implacável ditadura bolchevista?

Nietzsche, cujos livros são escritura nas escolas comunistas, escreveu: *Eu sei para que abismo tendem os Estados: todos desabarão no Estado nec plus ultra dos socialistas*» ⁽¹⁾.

No Estado *nec plus ultra* dos socialistas, Deus não existe. Eles O mataram.

«Perdido, o homem avançou para o meio deles e trespassou-os com o olhar: *Onde está Deus?* — gritou. *Eu vou dizer-vos-lo: MATÁMO-LO. Nós todos somos os seus assassinos... Que fizemos libertando esta terra do seu sol? Para que objectivo rola ela desde agora?... Não faz mais frio? Não sentimos odor nenhum do apodrecimento divino? Os Deuses também apodreceram! Deus morreu!*» ⁽²⁾

Aos assassinos de Cristo, responde o mistério do Amor:

«Eu dou a minha vida... Ninguém me tira, mas sou Eu que a dou de *minha vontade*; Eu tenho o poder de a dar e tenho o poder de a *retomar*: eis o mandamento que recebi de meu Pai.» (Confr. Ev. de S. João, Cap. X, vers. 17 e 18).

⁽¹⁾ Nietzsche Oeuvres posthumes, 1180-1181, n.º 557. Tomo XI, pg. 359.

⁽²⁾ Nietzsche, Gai savoir, parte V.

A Igreja, Corpo de Cristo, mas Corpo de Cristo *ensanguentado!* Eu tenho o poder de dar a vida e de retomar a vida!...

★

Ao comunismo ateu, aos assassinos de Cristo, aos criadores da fantasia do mundo soviético, o povo responderá firmemente:

Creio em Deus Pai onnipotente, criador de todas as coisas...

E em Jesus Cristo, morto e sepultado que ressurgiu dos mortos!

E no Espírito Santo, renovador da face da terra.

E na Igreja una, santa, católica e apostólica!

E na comunhão dos santos ⁽¹⁾.

E na ressurreição da carne...

E na vida eterna!

★

Por nossa parte, ouçamos o apelo decidido do Apóstolo:

⁽¹⁾ A palavra «santos» tem o significado de cristãos resgatados por Jesus Cristo.

«Sede sóbrios e vigiai! Porque o demónio vosso adversário, circunda, como um leão raivoso, procurando quem devorar. Resisti-lhe fortes na Fé.» (I Petr. 5, 8-9).

Resisti-lhe fortes na Fé!

Nós cremos ainda nas energias da nossa Fé e na fortaleza do nosso vigor!

Nós cremos na força invencível de Jesus Cristo, a quem seja dada toda a honra e toda a glória, porque triunfou dos nossos inimigos!

E a nossa Fé é a nossa grande vitória! ⁽¹⁾.

Assim a saibamos todos viver!

(¹) «É esta a vitória que vence o mundo: a nossa Fé!»
(I Joa. V, 4).

ÍNDICE

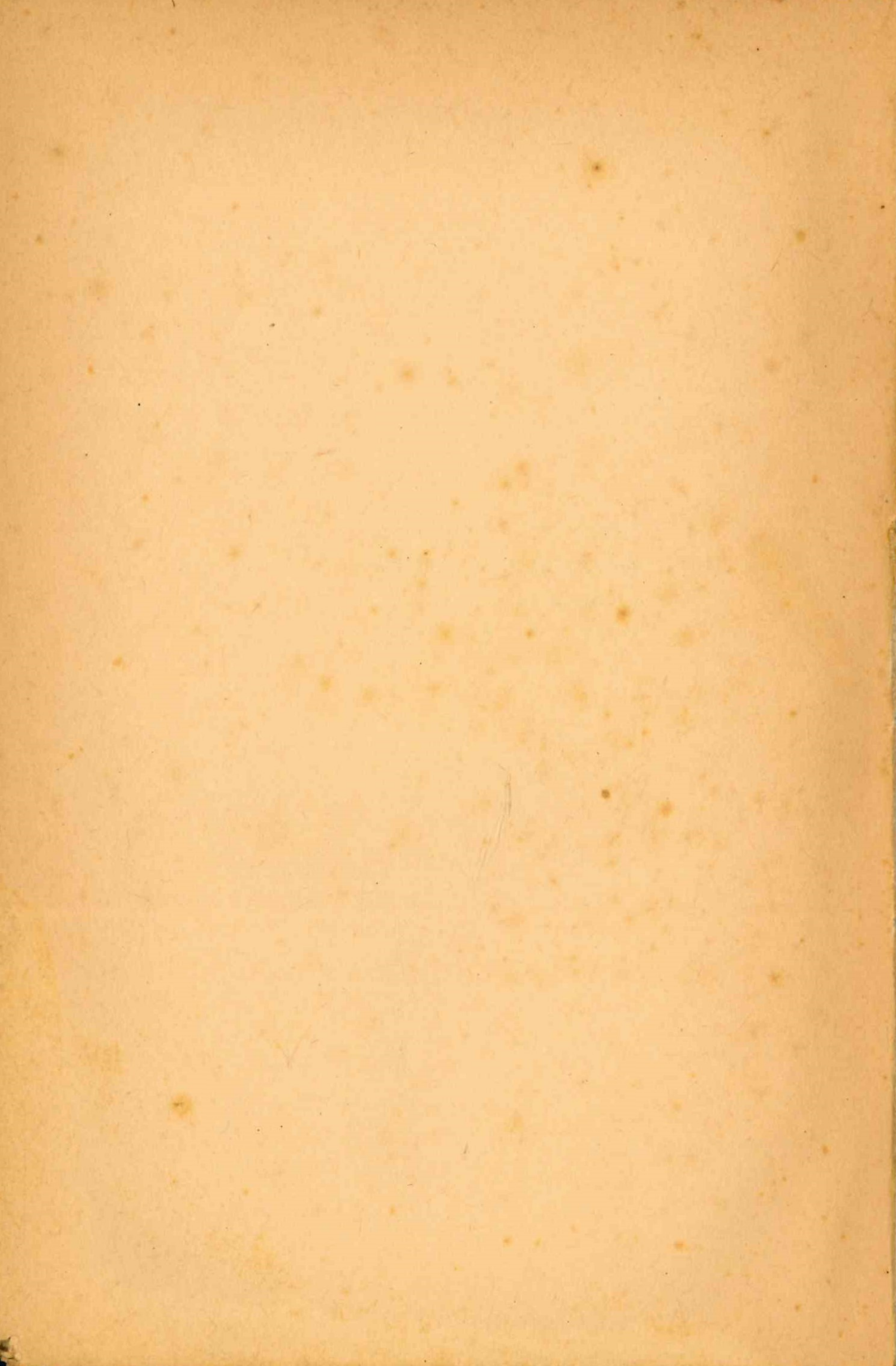
Prefácio	v
Perspectiva	1
Falsa visão	11
O pensamento cristão	19
O pensamento moderno	29
O pensamento marxista	47
A acção comunista	73
Organização da acção comunista	101
Caminhos do comunismo	115
A grande batalha	125
Epílogo	145

Composto e impresso

GRÁFICA, BOA NOVA, LIMITADA

Rua Moraes Soares, 5-A a 5-D

L I S B O A



SOCIEDADE
EDITORIAL
TRABALHADOR

biblioteca
municipal
barcelos



32298

Comunismo